

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

CLÉLIA ROSANE DOS SANTOS PRESTES

Feridas até o coração, erguem-se negras guerreiras

**Resiliência em mulheres negras:
transmissão psíquica e pertencimentos**

São Paulo
2013

CLÉLIA ROSANE DOS SANTOS PRESTES

Feridas até o coração, erguem-se negras guerreiras

**Resiliência em mulheres negras:
transmissão psíquica e pertencimentos**

(Versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, com apoio da CAPES, para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos

São Paulo
2013

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Prestes, Clélia Rosane dos Santos.

Feridas até o coração, erguem-se negras guerreiras. Resiliência em mulheres negras: transmissão psíquica e pertencimentos / Clélia Rosane dos Santos Prestes; orientador Esdras Guerreiro Vasconcellos. -- São Paulo, 2013.

175f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Resiliência (Psicologia) 2. Mulheres 3. Negros 4. Transmissão psíquica entre gerações 5. Pertencimentos I. Título.

BF698.R46

Nome: PRESTES, Clélia Rosane dos Santos

Título: Feridas até o coração, erguem-se negras guerreiras.

Resiliência em mulheres negras: transmissão psíquica e pertencimentos

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedico:

Às **mulheres negras** que me inspiraram a, mesmo ferida, reconhecer-me, erguer-me e superar.

À minha **mãe**, por me inspirar a temperar força com ternura; ao meu **filho**, por me inspirar a, sendo mãe, brincar a vida com seriedade; à minha **irmã**, minhas **avós**, outras **parentes**, por me inspirarem a construir laços; às **amigas e companheiras de ativismo**, por me inspirarem a construir redes; às **ancestrais**, por me inspirarem a fortalecer raízes e asas.

Agradecida, honrada, a bênção.

AGRADECIMENTOS

Ao **Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos**, meu orientador, e ao grupo de orientação, por acolherem a intenção de pesquisa, confiarem em meu potencial, pelo muito que aprendi e por me incentivarem a enfrentar desafios e alcançar superação.

Ao **Departamento de Psicologia Social e do Trabalho** do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, professores(as) e funcionários(as), pelo apoio institucional para realização do mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (**Capes**), pela concessão da bolsa de mestrado, apoio para a realização desta pesquisa.

Às **colaboradoras**, pela confiança em entregar suas histórias, em mim como pesquisadora e pela contribuição para a realização desta pesquisa.

Ao **Prof. Dr. Kabengele Munanga**, membro da banca, por transmitir conhecimento enquanto inspira responsabilidade e esbanja carinho. Mestre de peso denso e doçura intensa.

Ao **Prof. Dr. Alessandro de Oliveira dos Santos**, membro da banca, por apoiar meu processo de mestrado desde o início, pelos ensinamentos e por confiar em minha capacidade e instigar lapidação.

À **Prof.^a Dr.^a Vera Paiva**, pela confiança, cuidado, apoio e por tantos momentos de intensa aprendizagem e crescimento como pesquisadora e ativista.

Às demais integrantes do **Instituto AMMA Psique e Negritude**, Jussara Dias, Maria Aparecida Miranda, Maria Cristina Francisco, Maria Lúcia da Silva, Marilza de Souza Martins e Marisa Correa da Silva, incluindo o companheiro de percurso José Moura Gonçalves Filho, pelos valiosos momentos de trabalho, troca, amadurecimento e ternura.

Às **amigas e amigos**, em especial à Elisabete Figueroa dos Santos, pelas inestimáveis trocas intelectuais e afetivas, alimento para esse percurso desafiador de pesquisa conciliada com vida pessoal, essencial para que a vida como um todo tenha sentido.

Em especial, à minha família, por serem meu porto seguro. À minha mãe, Célia, meu pai, Cláudio, minha irmã, Cláudia, meu irmão, Samuel, meu ex-marido, Nilson, minha cunhada Renata, meu cunhado Kléber, à família Santos e à família Prestes, pelo amor, confiança e apoio. À minha sobrinha Anna Cláudia e ao meu filho Zuri, por me inspirarem a melhorar a mim mesma e ao mundo.

Enfim, **ubuntu** (termo africano, “sou o que sou porque nós somos”).

Vozes-Mulheres

*A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.*

*A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.*

*A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.*

*A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.*

Conceição Evaristo

(“Poemas da recordação e outros movimentos”, 2008)

Resumo

PRESTES, C. R. S. **Feridas até o coração, erguem-se negras guerreiras. Resiliência em mulheres negras: transmissão psíquica e pertencimentos.** 2013. 175f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

A pesquisa teve por objetivo analisar processos de resiliência em mulheres negras, considerando as influências de conteúdos oriundos de transmissão psíquica (familiares negras, descendentes, ascendentes, ancestrais), de simbolismos associados a mulheres negras, e de significados decorrentes do pertencimento a manifestações negras (culturais, políticas, intelectuais, religiosas). Como metodologia, entrevistas (com estratégia de cenas) com quatro mulheres negras de diferentes gerações na mesma família; os dados passaram por análise de conteúdo, com colaboração das entrevistadas. Considerou-se a demanda e interesse por potenciais para a saúde, abordando o problema com enfoque em pontos de resolução e fortalecimento, focalizando prevenção, superações, amadurecimentos, potenciais, e extrapolando o foco exclusivo ou maior em mazelas e impactos negativos. Foi escolhida uma postura de ampliação do panorama considerado na análise do fenômeno, conjugando os contextos individual, social e histórico do problema. Tais posturas estão em consonância com as teorias adotadas, passando pela psicanálise, psicanálise social, psicanálise dos vínculos, psicologia social, psicologia afrocentrada, entre outras, incluindo os recortes racial e de gênero e a abordagem psicossocial. A dissertação tem início pela introdução, com justificativas, enquadramento político e epistemológico, e apresentação da pesquisadora e dos capítulos. O segundo capítulo expõe o problema de pesquisa, apresentando os objetivos geral e específicos. O terceiro trata de mulheres negras, com perfil (histórico, contexto atual e saúde da população negra na primeira parte, e de mulheres negras na segunda) e psicologia e relações raciais (em geral e com recorte de gênero). No quarto, resiliência, subdividido em definições e discussão crítica. No quinto, resiliência em mulheres negras e suas influências, incluindo os itens transmissão psíquica, simbolismos associados a mulheres negras, significados decorrentes do pertencimento a manifestações negras, resiliência em negros(as) e resiliência em mulheres negras. No sexto capítulo, metodologia: colaboradoras, instrumentos, procedimentos, cuidados éticos e análise dos dados. O sétimo é de resultados e discussões, com categorias de análise. A primeira, “Feridas até o coração”, reúne experiências de adversidades e exposição a vulnerabilidades, discutindo efeitos prejudiciais dessas configurações, que vão desde comprometimentos orgânicos, passando pelos psicossociais e chegando às relações familiares e afetivas. “Desde as ancestrais” trata da herança relacionada a outras mulheres negras, seja por transmissão psíquica ou advinda de simbolismos. A terceira categoria, “Nas tradições”, expõe e analisa relatos relacionados ao pertencimento a manifestações negras, sendo possível identificar coerências ou discrepâncias em relação ao aporte teórico sobre enraizamento e pertencimentos, e discutir a influência desses aspectos sobre o processo de resiliência, por meio de reconciliação com sua origem, conscientização de sua história, ressignificação de

sua autoimagem, reorientação para a resistência e potencialização da resiliência. A quarta categoria, “Erguem-se guerreiras”, ilustra e analisa os enfrentamentos e superações. A quinta categoria, “Da resistência à resiliência”, investiga a influência dos aspectos anteriores sobre a potencialização da resiliência, discutindo como resistência pode promover resiliência, por que meios, a que custo, com que efeito. Cumpridos os objetivos propostos, o oitavo e último capítulo traz lições aprendidas e recomendações. Posteriormente, são informadas as referências e anexados os termos de aceitação livre e esclarecida, o questionário de classificação social e o roteiro da entrevista.

Palavras-chave: Resiliência (Psicologia). Relações étnicas e raciais. Mulheres negras. Transmissão psíquica entre gerações. Pertencimentos.

Abstract

PRESTES, C. R. S. **Hurt to the heart, raise themselves black women warriors. Resilience in black women: psychological transmission and affiliations.** 2013. 175f. Dissertation (Master) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

It was the objective of this research to analyze the processes of resilience in black women, taking into consideration the influences in content deriving from psychological transmission (black female relatives, descendants, ascendants, ancestors), from the symbolisms associated with black women, and from the meaning deriving from affiliation in black expressions (cultural, political, intellectual, religious). The methodology for the research included interviewing (with strategy with scenes) with four black women from different generations in the same family. The data collected went through content analysis, with the collaboration of the interviewees. The research also took into consideration the interest and demand for potential for health, approaching the problem focused on the points of resolutions and strengthening. It gives emphasis to the prevention, overcoming, personal growth and potentials. This research also goes beyond the main or only concern on adversities and on causing a negative impression impacts. It was chosen a posture at a widening of the view considered in the analysis of the phenomenon, combining individual, social and historical contexts of the problem. Such attitude is tuned to the followed theories, going through psychoanalysis, social psychoanalysis, psychoanalysis of family bonds, social psychology, afro-centered psychology, among others, including race and genre specially and the psychosocial approach. The dissertation begins with the introduction, together with justifications, of the political and epistemological framework and the description to the researcher and the other chapters. Chapter two approaches the problem of the research, its general and specific objectives. The third chapter refers to black women, with a profile (historical, present context and the health of the black population in the first item, and about black women on the second) and psychology and race relations (from a general view and with a race profile). In chapter four, resilience is divided into definitions and a critical discussion. Chapter five, resilience in black women and its influences, including the items psychological transmission, symbolisms associated with black women, meanings resulting from affiliation to a black expression, resilience in black population and resilience in black women. In chapter six, the methodology: collaborators, tools, procedures, ethical care and data analysis. The seventh chapter is dedicated to the results and discussions, with categories for the analysis. In the first category, "Hurts to the heart", experiences of facing adversities and exposure to vulnerabilities are put together, discussing the ill effects of those situations that go from organic compromising, through psychosocial up to familiar and affective relations. "From the ancestors" covers the heritage passed on by black women, by psychological transmission and resulting from the symbolism. The third category, "On traditions", shows and analyzes stories related to affiliation to the black expressions, where it is possible to identify points of coherence or discrepancy in relation to the theoretical aspects regarding the idea of putting down roots and affiliations, and

discussing its influence on boosting the process of resilience, through the reconciliation with their origins, getting more awareness of their history, giving a new meaning to their self image, re-orientation for the resistance and potentialization of the resilience. The fourth category "Raise themselves black women warriors" illustrates and analyzes the clash and overcoming. The fifth category, "From resistance to resilience", studies the influence of the aspects above on the potentialization of resilience. It questions about how resistance can encourage resilience, means, costs and effects. Once the proposed goals be achieved, the eight and last chapter brings about lessons learnt and recommendations. Then, the references and the annexed terms of acceptance free and elucidated are presented, as well as the questionnaire for social classification and the list of questions for the interviews.

Key words: Resilience (Psychology). Black women. Black men. Psychological transmission between generations. Affiliations.

Sumário

1. Introdução	13
2. Proposição do problema de pesquisa	277
2.1. Objetivo geral	277
2.2. Objetivos específicos	277
3. Mulheres negras: perfil e abordagem psicológica das relações raciais	288
3.1. População negra: histórico, contexto atual e saúde	288
3.2. Mulheres negras: histórico, contexto atual e saúde	355
3.3. Psicologia e relações raciais	40
3.4. Psicologia, relações raciais e mulheres negras	50
4. Resiliência	522
4.1. Definições	522
4.2. Discussão crítica	577
5. Resiliência em mulheres negras e suas influências	644
5.1. Transmissão psíquica	704
5.2. Simbolismos associados a mulheres negras	70
5.3. Significados decorrentes do pertencimento a manifestações negras	733
5.4. Resiliência em negros(as)	777
5.5. Resiliência em mulheres negras	81
6. Metodologia	866
6.1. Colaboradoras	866
6.2. Instrumentos	877
6.3. Procedimentos	899
6.4. Cuidados éticos	91
6.5. Análise dos dados	922
7. Resultados e Discussão	944
7.1. Feridas até o coração	100100
7.2. Desde as ancestrais	11414
7.3. Nas tradições	12525
7.4. Erguem-se guerreiras	1344
7.5. Da resistência à resiliência	1444
8. Lições aprendidas e recomendações	151
Referências	158
Anexos	167

1. Introdução

O tema de resiliência em mulheres negras, com análise da transmissão psíquica e dos pertencimentos, objetivo desta pesquisa, foi elaborado a partir de questões que instigavam a pesquisadora, interessada em compreender como mulheres negras conciliam o contexto extremamente desfavorável de contínuas exposições a grandes adversidades, frequentes no âmbito social, político, de saúde, familiar, nos relacionamentos interpessoais, entre outros, com o histórico de sucessivas superações.

Intrigava compreender processos de resiliência pelos quais passam mulheres negras, analisando a influência de outras negras da família (conteúdos de transmissão psíquica), de mulheres negras de modo geral (simbolismos associados a elas) e de manifestações negras (culturais, políticas, intelectuais, religiosas e os significados decorrentes). A análise dessas influências constitui os objetivos específicos deste trabalho.

A busca por estudos acerca desse tema demonstrou que, apesar de negros(as) serem metade da população brasileira, e constantemente objeto de estudo em pesquisas sobre resiliência (fato facilmente explicado por ser o grupo racial mais incidente em populações expostas às diversas vulnerabilidades), a grande maioria dos estudos não traz as especificidades raciais na descrição dos sujeitos, e muito menos faz análise dos dados as considerando.

A abordagem da resiliência com recorte racial e de gênero, enfoque na transgeracionalidade e nos pertencimentos, mostrou-se, pois, não só um tema instigante para a pesquisadora, mas escasso na produção científica e com demanda de estudos. Estava justificada a pesquisa, motivando a pesquisadora a contribuir, com este estudo, para a comunidade científica, por meio de informações que ajudem a alargar o arcabouço de conhecimento acadêmico sobre o tema, e contribuir também para a comunidade de origem e a sociedade de modo geral, cooperando para a compreensão e melhoria da saúde da mulher negra, o que reverbera em melhoria da saúde em nível mais amplo.

Além da demanda por estudos específicos sobre resiliência com recorte racial, ou pelo menos que considerem esse recorte em suas análises, há

carência de relações entre características psíquicas e sócio-históricas. Isso porque, para se compreender o contexto, as vulnerabilidades a que estão expostas, as formas de superação, entre outros elementos-chave, é necessário fazer uma leitura complexa que abranja a personalidade individual associada a configurações mais amplas também altamente intervenientes na problemática.

Como metodologia, foram realizadas entrevistas (com estratégia de cenas) com quatro mulheres negras de diferentes gerações na mesma família; os dados passaram por análise de conteúdo, com colaboração das entrevistadas na categorização e análise prévia.

Concordando com Meihy e Holanda (2010), é importante localizar, numa pesquisa, não só a quem é direcionado o olhar, mas de onde se olha.

Se a pesquisadora faz parte do processo de pesquisa e terá interferência sobre o estudo do fenômeno, precisa estar também identificada. Vale abrir parênteses na discussão iniciada em diálogo com os autores para ponderar que a neutralidade científica, que consideraria que não haveria ou não deveria haver essa intercessão, é exigência ultrapassada, já que hoje se reconhece a interferência do(a) pesquisador(a) na pesquisa, do(a) psicólogo(a) clínico(a) na relação terapêutica, e assim por diante. O que hoje se defende é que haja consciência da interferência no estudo/vínculo e atenção para isso, para evitar, ao máximo, prejuízos para o processo. Ao invés de neutralidade, cabe melhor a exigência de imparcialidade.

Retomando os autores, faz sentido apresentar não apenas a quem se destina o olhar da pesquisa, mas de onde parte. Para isso, são pontuadas características da pesquisadora, ou seja, alguns pertencimentos sociais, políticos e identitários. É desse lugar que se olha e se fala nesta pesquisa: mulher negra, de família negra, mãe, psicóloga (psicoterapeuta e professora), ativista dos movimentos negro e feminista negro.

Mulheres negras são o foco desta pesquisa, e isso é incomum. Ainda mais incomum o fato de ser a pesquisadora uma mulher negra. As duas características associadas, raro colorido em pesquisas acadêmicas.

Essa especificidade interfere no caráter do encontro entre pesquisadora e colaboradoras, em ambos os sentidos. Foi necessário considerar as possíveis interferências dessa peculiaridade na análise dos resultados.

No encontro entre pesquisadora e colaboradoras para despertar e coletar dados, tendo utilizado o instrumento de entrevista semiestruturada com estratégia de cena, foi importante ponderar para o que atenta Bosi (2004): as particularidades do campo mutuamente compartilhado, a possibilidade de instabilidade emocional gerada pelos fatos que podem causar tensão e a necessidade de profundo respeito por essas mulheres negras que entregaram porções de suas histórias. Essa consideração se refletiu no desenho da metodologia, na seriedade no tratamento do tema e no especial zelo às questões éticas.

Considerando o que foi afirmado acima sobre interferência mútua do campo compartilhado entre pesquisadora e colaboradoras, considerando que é uma mulher negra pesquisando mulheres negras, e considerando que a objetividade científica foi deliberadamente trocada por imparcialidade aliada a profundo respeito da pesquisadora em relação às colaboradoras e ao tema, cabe a citação de Fanon: “A objetividade científica me foi proibida, pois o alienado, o neurótico, era meu irmão, era minha irmã, era meu pai.” (2008, p. 186).

A constituição da história oral por mulheres negras traz à tona vozes classicamente silenciadas pelo discurso hegemônico, como aponta Meihy e Holanda (2010). Assim, a pesquisa deu espaço à voz a mulheres negras, atentando para o respeito necessário, e considerando não só os conhecimentos científicos da pesquisadora e do orientador, que assumem a pesquisa, mas a sabedoria e o ângulo de visão dessas negras que foram convidadas a colaborar na categorização e interpretação do conteúdo condensado pela entrevista.

Levando-se em conta as peculiaridades já expostas do panorama da pesquisa, fez sentido incluir um referencial epistemológico africano ou afrodiaspórico¹. Se a pesquisa tem como foco a resiliência em mulheres negras e aborda a influência de simbolismos associados a mulheres negras e significados provenientes de pertencimento a manifestações negras, tornou-se essencial utilizar um referencial que alcançasse suas nuances.

A escolha por essa base epistemológica, assim como muitos dos significados e manifestações estudadas durante a pesquisa, são resultantes de um

¹ Diáspora: dispersão de um povo por motivo religioso ou político (Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 7ª reimpr.). A diáspora africana é o conjunto dos povos africanos e seus descendentes dispersos pelos países por motivo de escravização.

mesmo processo de resistência contra-hegemônica a saberes e fazeres, em busca de alternativas que façam mais sentido, ou tanto sentido quanto os referenciais convencionais, os quais tradicionalmente recusam as diferentes especificidades étnicas e fundantes do povo brasileiro, sincretizadas todas pela opressão e repressão de suas diversidade, assimilando as diferenças sob um modelo normatizador eurocêntrico, como bem explica Munanga (2010).

Uma definição de resistência, consultada em publicação do Instituto AMMA Psique e Negritude e Pompeu (2008, p. 77) e que complementa essa compreensão a descreve como “oposição, reação, recusa de submissão à vontade de outrem”. No caso específico da resistência negra, seriam “as formas de reação do povo negro contra a violência do escravismo. Resistência para conservar sua humanidade, para não perder sua identidade cultural”.

Essa resistência foi a motivação ou a pauta de muitas das manifestações negras, podendo ser compreendidas como expressões resistentes de caráter cultural, religioso, político e intelectual. No caso específico desta pesquisa, a resistência é a uma epistemologia exclusivamente eurocêntrica. Fez sentido incluir referenciais outros que fornecessem contribuições estratégicas para a compreensão e discussão dos conteúdos coletados e do contexto do fenômeno estudado.

Retomando a peculiaridade anteriormente descrita desta pesquisa, se avaliarmos o referencial teórico ou epistemológico das pesquisas, a incidência de teorias e epistemologias africanas ou afrodiáspóricas na academia, seja na graduação ou na pós-graduação é bastante incomum.

Teorias e saberes africanos e afrobrasileiros, que subsidiaram o desenvolvimento brasileiro desde a vinda dos negros até os dias atuais, são discriminados, desqualificados, por um lado, e, por outro, absorvidos, utilizados, desapropriados e repatriados; assim, a contribuição negra é negativizada ou invisibilizada, acontecendo um verdadeiro epistemicídio (CARNEIRO, 2011). E a academia é um dos espaços onde se observa esse fenômeno.

Complementando o raciocínio anterior sobre a rara configuração desta pesquisa: foco em mulheres negras, com pesquisadora negra e referencial teórico/epistemológico africano ou afrodiáspórico; raríssimo colorido em pesquisas acadêmicas.

Considerando que teorizações e práticas da psicologia muitas vezes consideram como patológicas as expressões presentes em manifestações negras, uma contribuição estratégica é a de Munanga (2010), que subsidia, por exemplo, o abandono da concepção psicopatologizante em relação a significados compartilhados africanos e afrobrasileiros, sendo possível lhes atribuir novo sentido. Justamente porque, ao incluir o referencial contra-hegemônico, amplia-se o ângulo de compreensão, e aquilo que era interpretado como anormal, por ser diferente do padrão, pode ser compreendido como parte da diversidade. Passa a ser possível compreender muitos “desvios” da “normalidade” como resultantes de uma resistência saudável (condizente com dinâmicas resilientes) que recusa a adoção exclusiva do modelo hegemônico, imposição essa opressora e a assimilação resultante sendo (retomando o termo) psicopatologizante.

Nesse jogo de forças, as culturas e as ciências indígenas e africanas foram adjetivadas como primitivas e inferiores. A resistência à hegemonia e a inclusão de epistemologias africanas e afrodiáspóricas é um movimento também no sentido de garantir espaço na academia para referenciais negros.

Trabalhos anteriores fizeram essa revisão epistemológica, em busca de conciliação ou resgate, trazendo as epistemologias negras para a pesquisa e a prática. Um exemplo são os estudos de Ribeiro. Em sua primeira tese de doutorado (1987), compara as percepções, atitudes e sentimentos sobre envelhecimento e morte, entrevistando mulheres no Brasil e na Nigéria. Em outros textos (Ribeiro, 1996, 1996a), continua o resgate e comparação entre as realidades desses dois países, entre a cultura brasileira e a cultura iorubá.

Assim como as culturas banto, a cultura iorubá é uma das contribuições africanas marcantes sobre a cultura afrobrasileira e brasileira, constitui parte significativa da língua portuguesa do Brasil, dos costumes, entre outros elementos (FEITOSA; FUNARI; ZANLOCHI, 2012). Ribeiro, atenta a esses aportes, resgata-os, acumula informações e os aproveita para repensar e reinventar sua prática.

Em outra publicação (2005), apresenta um exercício de elaboração de uma psicoterapia baseada na inclusão dessa epistemologia, a partir da conjugação de: psicologias da Quarta Força (inspiração transpessoal), matrizes epistemológicas africanas, presentes na religião. Repensa o fazer psicoterápico a

partir do saber negro-africano, pretendendo, assim, alcançar as peculiaridades negras que permeiam a sociedade e, conseqüentemente, adentram a clínica. Em todos esses trabalhos, Ribeiro está atenta a uma cosmogonia negro-africana de pessoa, universo e tempo.

A inclusão desse referencial epistemológico também se justifica pelos argumentos de outra psicóloga. Trata-se de Nascimento (2003), que censura abordagens universalistas nas pesquisas, afirmando que estas acabam por privilegiar o referencial científico adotado como norma ou padrão, mantendo a hegemonia e deixando de lado outros referenciais que compõem a realidade estudada. Justamente por comporem essa realidade, podem dar estratégica ajuda na compreensão do fenômeno.

Além dela, Martín-Baró (autor da Psicologia da Libertação) defende que o(a) psicólogo(a) precisa de conscientização política em relação: ao panorama sócio-histórico das pessoas e grupos estudados ou sob sua intervenção; às relações de poder naquele contexto; à ideologia subjacente às teorias utilizadas; e à influência dos elementos sociais na configuração psíquica. Defende também a contextualização das teorias e práticas, levando-se em conta as realidades de acordo com as diferentes especificidades (MARTÍN-BARÓ, 1996; GUZZO; LACERDA JÚNIOR, 2011).

No caso desta pesquisa, faz sentido considerar teorias e práticas que considerem o Sul (divisão geopolítica correspondente à região sul do planeta, que inclui a América do Sul e a África) como referencial, já que mulheres negras brasileiras são sul-americanas e afrodiaspóricas, portanto, mulheres do Sul.

Nessa linha de raciocínio, uma pesquisa em Psicologia Social, numa universidade brasileira, que pretenda estudar mulheres negras e tenha referencial teórico estritamente eurocêntrico estaria perpetuando a contemplação do cânone acadêmico ocidental e do Norte. Esta autocrítica poderia ser ampliada para pesquisas sobre outras temáticas dentro da realidade brasileira, considerando que mais da metade da população brasileira é negra.

A psicologia tem uma tradição de aliança ao racismo epistêmico, como afirmado por Leite (2002). Ele faz uma revisão crítica de teóricos importantes que discutiram o povo brasileiro, e demonstra como algumas teorias estiveram a

historicamente aliadas à eugenia², inferiorizando e não compreendendo as especificidades negras.

Voltando a Nascimento (2003), ela defende, em estudos onde há diversidade de elementos compondo o contexto do fenômeno analisado, o multiculturalismo crítico, com aprofundamento em matrizes teóricas representantes da visão de mundo de cada grupo abordado, enquanto afirma a possibilidade do policentrismo como nova proposta de organização epistemológica. Sendo esta pesquisa sobre mulheres negras, de acordo com a defesa da autora, faz sentido a proposta de policentrismo, com abordagem afrocentrada.

Portanto, as revisões epistemológicas, produções e encaminhamentos diferenciados denotam uma reorientação, em que a psicologia deixa de ter, exclusivamente, como norte, o eurocentrismo e passa a ressignificar e incluir, como sul (sim, sul, assim como norte, pode significar direção a ser seguida), entre outras, a epistemologia africana e afrodiaspórica.

Nascimento contribui para a discussão não só com suas próprias reflexões, mas também ao citar o estadunidense Molefi Asante, teórico afrocentrista e referência na temática: “as sociedades humanas operam sobre os alicerces dos mitos, da história e da memória, pois existem características culturais que as identificam” (NASCIMENTO, 2003, p. 109).

Asante (2009) traz reforço à importância de utilizar matrizes teóricas que permitam alcançar extensa compreensão sobre os alicerces simbólicos próprios das colaboradoras nesta pesquisa, e para a importância de fazer uma análise crítica da localização social e filosófica das teorias. Para que a análise e o discurso alcancem de forma mais ampla e fidedigna o fenômeno, abarcando sua multiplicidade, dinâmica e movimento, e considerando que, neste caso, o fenômeno é o conteúdo das entrevistas com as mulheres negras, é essencial utilizar teorias e metodologias embasadas na mesma localização social, sob as mesmas coordenadas de tempo e espaço. No caso desta dissertação, inclusive a autora foi localizada no início deste capítulo.

² Eugenia: concepção de superioridade de um grupo em relação a outro, o que pode derivar estratégias de purificação social por meio de técnicas higienistas, as quais buscam limpar a sociedade de características associadas a deterioração social.

Tanto em publicação de Nascimento como em livro próprio, outro autor, também afroestadunidense, a contribuir nesse sentido de uma psicologia policêntrica com consideração da epistemologia africana é Nobles (2010), que apresenta os fundamentos para uma psicologia africana, partindo da pesquisa das origens filosóficas e históricas, refletindo sobre o paradigma e culmina propondo aplicações, trazendo exemplos de atuações nas temáticas de drogadição adolescente, família, entre outras. Ao longo do livro, ele faz uma proposta de recondução da prática, das teorias e do embasamento epistemológico.

A partir dessas considerações, o referencial teórico embasado na epistemologia africana ou afrodiáspórica foi incluído, ao longo da dissertação, quando possível e pertinente. O rol de teorias tem um delineamento com destaque para a psicanálise e a psicologia social, com incremento de alguns(mas) autores(as) citados(as) nesta “Introdução”, além de outros(as) também identificados com a perspectiva negra.

O interesse em utilizar recursos que garantissem maior compreensão dos conteúdos pesquisados, a necessidade de profundo respeito pelas pessoas que colaboraram nesta pesquisa e pelo conteúdo que entregaram, a estratégia de dar espaço a vozes classicamente negligenciadas pelos discursos dominantes, a postura acadêmica e política de pensar ciência sem submissão a um referencial hegemônico eurocêntrico, os pertencimentos da pesquisadora, enfim, todas essas reflexões e posicionamentos levaram às especificidades teóricas descritas, em harmonia com uma postura de análise sistêmica do fenômeno; dito de outra forma, uma postura de conjugação da análise individualizada com a contextualização social e histórica.

Por exemplo, podendo ser observada na concepção psicossocial do conceito de resiliência, que está preocupada com o contexto mais amplo que envolve esse fenômeno, considerando os aspectos intra e interpessoais, sociais, programáticos, e não se restringindo a fatores de risco no sentido de determinantes, e a causas biológicas e/ou psicológicas isoladamente. Essa postura explica também as teorias adotadas, passando pela psicanálise, psicologia social, psicologia afrocentrada, entre outras, incluindo os recortes racial e de gênero.

As reflexões e posicionamentos também serviram de embasamento para definições metodológicas, como ter preterido a nomenclatura e função

convencionalmente adotadas na academia para as entrevistadas, ou seja, como sujeitos de pesquisa, e ter preferido a nomenclatura e função de colaboradoras.

Elas não só deram informações a serem incluídas na pesquisa e analisadas pela pesquisadora, como sujeitos (e objetos) de pesquisa convencionais, mas, tendo, esta pesquisa, as nuances do raríssimo colorido descrito anteriormente, e considerando não só os conhecimentos intelectuais acadêmicos, mas também conhecimentos da sabedoria acumulada e transmitida tradicionalmente de forma oral na tradição negra e feminina, fez sentido convidá-las a serem colaboradoras. Isso significou darem, sim, informações a serem incluídas na pesquisa, mas contribuírem, também, na análise dos conteúdos, sendo discutido com elas o conteúdo das entrevistas individuais e pensado conjuntamente as categorias de análise desses dados.

Continuando com a descrição das nuances desta pesquisa, outro ponto característico e que merece destaque em sua introdução é a especificidade do foco utilizado no olhar dedicado à temática. O tema da exposição a grandes adversidades e vulnerabilidades, ou o tema das relações raciais (às voltas com desigualdades e violências), são, ambos, temas que podem ser olhados pelo foco nas mazelas e conseqüentes impactos.

Por este foco, o primeiro tema poderia ser tratado pelo viés dos efeitos de conjunturas potencialmente danosas sobre a saúde; também, pelo viés dos comprometimentos psíquicos ou psicossomáticos a partir de eventos traumáticos; ou pelos sintomas e psicopatologias decorrentes de contextos que não contribuam para a saúde ou que predisponham a adoecimentos; ainda, pelos efeitos nocivos dos contextos de vulnerabilidade, que levam a prejuízos na dinâmica psicológica e psicossocial, afetando inclusive a autonomia cidadã; entre outros.

O segundo tema poderia ser tratado pelo foco sobre os impactos do racismo sobre o indivíduo e a sociedade; ainda, pelo viés dos efeitos psicossociais do racismo na autoestima, relações familiares e sociais; ou mesmo, pelos determinantes sociais que, por meio de desigualdades e violências, produzem adoecimentos vários, enlouquecimentos, mortes e genocídios.

Não se está aqui defendendo o abandono da consideração dos prejuízos. Eles pediram e continuam pedindo estudos, compreensões, divulgações e enfrentamentos. Têm merecido o foco da maior parte dos olhares dedicados às

temáticas. Por outro lado, é importante um assinalamento crítico de que tem sido notório, na formação e prática em psicologia, assim como na área de saúde como um todo, o foco ser bem mais nas doenças que na saúde.

Mesmo em outras áreas, em que as temáticas das vulnerabilidades e do racismo têm inserção, como as ciências humanas, ou, ainda, as ciências sociais, incluindo as subáreas de psicologia social, sociologia, relações raciais, e, inclusive, nos movimentos sociais, em todas essas áreas e espaços, enfim, estudos, compreensões, divulgações focam quase que exclusivamente as mazelas, prejuízos, comprometimentos, impactos, sintomas, efeitos nocivos, e por aí caminham.

Importante questionar, inclusive, a quem interessa a alta frequência desse foco, principalmente se associado a postura remediativa e curativa, ao invés de preventiva; ou estratégias que investem energia no enfrentamento das consequências nocivas de uma ideologia e de suas práticas consequentes, ao invés de concentrar energia na mudança estrutural, que precisaria ser política, ideológica, sistêmica, educacional e psíquica. Não será pertinente estender aqui essa reflexão sobre os possíveis interesses. Nem se pretende advogar que o foco aqui adotado seja alternativa mágica para dar conta de todas essas demandas. Aliás, adotar um foco não significa (ou não deveria significar) advogá-lo como modelo. Por fim, explicado o que não é foco, cabe continuar explicando o que é e porquê.

À pesquisadora vem interessando, há algum tempo, temas como prevenção, pontos saudáveis, superações, amadurecimentos, potenciais (PRESTES, 2012; 2012a; 2011; informação verbal³). Daí o debruçar sobre a resiliência. Esta pesquisa, trabalhos anteriores e pesquisas futuras vislumbradas atentam para uma demanda e interesse da pesquisadora por potenciais para a saúde, abordando o problema com enfoque nos pontos de transcendência e

³ Informações proferidas em apresentações orais:

- Com o título “Da resistência à resiliência: a superação do racismo por mulheres negras de geração a geração”, na mesa-redonda “Impactos do racismo em grupos de resistência”, no VII Congresso de Pesquisadores/as Negros/as (COPENE), na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em 2012;

- Na mesa-redonda “Desafios na superação psicológica do racismo”, no VII Seminário Mulheres Negras e Saúde, em 2012a;

- Com o título “Transgeracionalidade e resiliência em mulheres negras brasileiras”, na mesa-redonda “Culturas Negras e Resistência: Percursos de Enfrentamento”, no 16º Encontro Nacional da ABRAPSO (Ass. Bras. Psicologia Social), na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 2011.

superação, apesar das adversidades. Dessa forma, inclui os prejuízos devidos a fatores/contextos desfavoráveis ou potencializadores de vulnerabilidades e adoecimentos, mas extrapola e endereça o olhar para processos/contextos saudáveis ou potencializadores de saúde.

Por meio do foco explicitado, a elucidação das questões desta pesquisa, além de incrementar a produção científica sobre o tema, permite o debruçar em novas questões científicas, orientando próximas pesquisas. Entendendo, por esse prisma, como se dá o processo de resiliência na vida das mulheres negras entrevistadas e onde apresenta vantagens como processos potencializadores de saúde, trabalhos futuros poderão se dedicar a estimulá-lo em outras mulheres negras, como forma de promoção de saúde, em intervenções de prevenção e/ou tratamento, ou, ainda, em ações programáticas de enfrentamento do racismo e promoção de igualdade racial, ou de promoção da saúde de grupos diversos em vulnerabilidade individual, social e programática.

Para apresentar em texto esta pesquisa, uma sequência foi pensada, buscando coerência e maior inteligibilidade. Antes de passar aos próximos capítulos, eles serão apresentados com os respectivos teores, elucidando a lógica da organização do texto e dos conteúdos.

Este primeiro capítulo, “Introdução”, narra e contextualiza os objetivos geral e específicos da pesquisa, justifica o estudo, descreve os interesses prévios e elaboração do problema de pesquisa, passando por reflexões pertinentes às definições metodológicas, apresentando o perfil da pesquisa, das colaboradoras, da pesquisadora e dos referenciais teóricos e epistemológicos. Explica algumas posturas adotadas, como o olhar com foco nos potenciais para a saúde e o olhar contextualizado que une psicologia com teorias sociológicas e históricas. Convida o(a) leitor(a) a percorrer a dissertação.

O capítulo 2 é a “Proposição do problema de pesquisa”, com “Objetivo geral” e os “Objetivos específicos”. Em seguida, vêm os dois capítulos teóricos, 3 e 4, que fundamentam a compreensão e análise dos conteúdos.

O capítulo 3 trata da população alvo, “Mulheres negras: perfil e abordagem psicológica das relações raciais”. Na primeira metade, o perfil, iniciando com um item com o foco ampliado para a “População negra: histórico, contexto atual e saúde”, fazendo um resgate de fatos significativos do passado que ajudam a

compreender as configurações no presente, dados que ilustram o panorama atual da população negra, a partir de indicadores como trabalho, renda, escolaridade, reconhecimento e valorização social, permitindo avaliar o quadro de diversidade, com igualdades e desigualdades, e informações sobre saúde da população negra, demonstrando como histórico e contexto atual incidem em situações como nascer, morrer, maternidade, parto, entre outras. Um segundo item traz os mesmos conteúdos de perfil com foco mais específico em “Mulheres negras: histórico, contexto atual e saúde”.

A segunda metade do capítulo 3 apresenta a “Psicologia e relações raciais”, com conceitos essenciais à temática, como racismo, preconceito, discriminação, racismo institucional. Traz também um histórico do envolvimento da psicologia com a temática racial. E ainda são incluídas e discutidas algumas das principais referências teóricas pertinentes, a partir da psicanálise e psicologia social, entre outras. Para consideração das especificidades do grupo estudado, chega-se à “Psicologia, relações raciais e mulheres negras”. Nesse ponto, o desafio foi agregar teorias que trazem ou facilitam a discussão das relações raciais com esse recorte. Teorizações essas, muitas vezes, protagonizadas pelas próprias mulheres negras, em esforço de reivindicação de recursos de compreensão mais sensíveis às particularidades de sua configuração social e psíquica.

O capítulo 4 traz o tema da “Resiliência”. O primeiro de seus itens apresenta bibliografias para ilustrar as “Definições” de resiliência, desde a física até a psicologia social, mostrando como surgiu o termo, seus desdobramentos e como vem sendo utilizado atualmente. Na sequência, uma “Discussão crítica”, refletindo sobre o sentido, coerências e deslizes das diferentes definições e concepções de resiliência.

“Resiliência em mulheres negras e suas influências”, vem o capítulo 5, discutindo, nos três primeiros itens, teorias que embasam os objetivos específicos, analisando influências sobre o processo de resiliência em mulheres negras. Nesse sentido, fala sobre “Transmissão psíquica”, onde abarca a dinâmica da transmissão entre gerações, discutindo mecanismos, a diferença entre transmissão psíquica transgeracional e intergeracional, dinâmicas saudáveis e patológicas, conceitos como malhagem, desmalhagem, remalhagem, entre outros. Fala também sobre transmissão psíquica de resiliência, discorrendo sobre a

potencialização desse processo pode ser transmitida por meio de vínculos de filiação, no sentido ascendente e descendente. Mostra como, mesmo diante de um contexto de prejuízos significativos no âmbito psíquico, afetivo e social, a resiliência familiar permite processos de recuperação. Pondera sobre a importância, para os processos de resiliência, dos vínculos de filiação e de afiliação, de laços e expectativa positiva em relação à capacidade da família ou de grupos de pertença.

O pertencimento marca os outros dois itens do capítulo 5, que também correspondem a objetivos específicos. Na discussão sobre a influência dos “Simbolismos associados a mulheres negras”, é acionada uma reflexão sobre enraizamento, para compreender as matrizes simbólicas do psiquismo. Em seguida, a discussão sobre estereótipos presentes na sociedade, expectativas sociais e internalizadas, memória, associação da mulher negra com o perfil de guerreira, entre outros elementos. Chegando a concepções para compreensão dos “Significados decorrentes do pertencimento a manifestações negras”, onde são retomadas as questões sobre enraizamento, além de reflexões sobre a influência positiva do suporte social sobre processos de resiliência, e também sobre manutenção das tradições e resistência.

Nos dois últimos itens do capítulo 5, apresentação de teorias e discussão sobre “Resiliência em negros(as)”, permitindo aprofundar a discussão sobre a superação de grandes adversidades e os elementos que facilitam esse processo. Adicionando o recorte de gênero ao recorte racial, para fazer jus ao perfil da pesquisa, chega-se ao tema de “Resiliência em mulheres negras”, trecho dedicado a teorias que sinalizam as especificidades do processo de resiliência nesse grupo e discussões que agregam a compreensão sobre resiliência aos elementos referentes a mulheres negras.

O percurso do texto começou na introdução (capítulo 1), passou pela proposição do problema de pesquisa (2), por três capítulos teóricos (3, 4 e 5), e então chega à “Metodologia” (6), expondo o delineamento da pesquisa para alcançar os objetivos propostos. Seu primeiro item ilustra o perfil das “Colaboradoras”. Segue expondo os “Instrumentos” utilizados, que foram a entrevista semiestruturada e a estratégia de cenas, incluindo a justificativa da escolha de cada um. O item terceiro descreve os “Procedimentos”, narrando as atividades que fizeram parte do protocolo de aplicação dos instrumentos e explicando a lógica de cada procedimento e da

sequência de realização. O delineamento metodológico foi influenciado pelas reflexões teóricas e epistemológicas, refletindo, por exemplo, em “Cuidados éticos” específicos, os quais constituem mais um item do capítulo 6. O último item do capítulo, e que também foi fortemente influenciado pelas mesmas reflexões, explica o estágio de “Análise dos dados”, descrevendo as estratégias utilizadas para categorização e análise dos conteúdos; informa, inclusive, a estratégia de participação das colaboradoras.

O capítulo 7 é constituído pelo relato de trechos das entrevistas, organizados em categorias de análise, com associação de referenciais teóricos, permitindo que sejam não só relatados, categorizados e associados a teorias, mas extrapolados em uma discussão substancial dos resultados da pesquisa, sendo instigadas questões e encontrando consonâncias, complementariedades e discrepâncias. Por isso mesmo, o capítulo tem o título de “Resultados e Discussão”. Assim, de acordo com o objetivo geral e os específicos, vai sendo descrito e analisado o processo de resiliência em mulheres negras e suas influências. Está dividido, de acordo com as categorias de análise do conteúdo, em: “Feridas até o coração”, “Desde as ancestrais”, “Nas tradições”, “Erguem-se guerreiras” e “Da resistência à resiliência”.

Por fim, o capítulo 8 concentra os resultados discutidos, expondo contribuições impetradas, afirmações alcançadas, entraves encontrados e recomendações para novas pesquisas. Em outras palavras, conclui com as “Lições aprendidas e recomendações”.

Após os capítulos, são listadas as “Referências” teóricas da pesquisa, seguidas pelos “Anexos”, que são: os dois documentos de “Termo de Aceitação Livre e Esclarecida”, para as adultas e para a criança; o “Questionário de Classificação Social” e o “Roteiro da Entrevista com Cena”.

Encerrada a introdução do teor/perfil da pesquisa e do roteiro da dissertação, a seguir, o segundo capítulo.

2. Proposição do problema de pesquisa

2.1. Objetivo geral

Descrever e analisar processos de resiliência em mulheres negras, considerando as influências da transmissão psíquica e dos pertencimentos.

2.2. Objetivos específicos

Delinear a dinâmica da resiliência em mulheres negras, identificando e analisando as influências de:

- conteúdos oriundos de transmissão psíquica relacionados a familiares negras, incluindo descendentes, ascendentes e ancestrais;
- simbolismos associados a mulheres negras;
- significados decorrentes do pertencimento a manifestações negras (culturais, políticas, intelectuais, religiosas).

3. Mulheres negras: perfil e abordagem psicológica das relações raciais

O tema resiliência em mulheres negras é aqui considerado não como essência de mulheres negras, ou como característica individual isolada. Portanto, será importante compreender não apenas como se dá esse processo multideterminado, mas, em se tratando de mulheres negras, antes compreender o panorama em que ele ocorre, abordando as especificidades de negros e negras brasileiros(as), seu histórico, contexto atual, condições de saúde e os aspectos psicológicos das relações raciais, em especial os concernentes a mulheres negras.

No próximo capítulo, serão apresentadas diferentes conceituações e discussão crítica das concepções de resiliência. Para facilitar o acompanhamento do texto, que já traz menção ao termo, será adiantada para este trecho uma conceituação proposta pela pesquisadora.

Resiliência é um processo de reorganização, ressignificação, superação e transcendência perante vivência de contexto potencialmente desintegrador.

Acessa recursos pessoais e coletivos, como autoconfiança, otimismo, bom humor, autocontrole, flexibilidade, perseverança, bom relacionamento familiar e social, boa análise de situações, criatividade, pertencimentos, suporte social e programático, autonomia e sentido de vida.

3.1. População negra: histórico, contexto atual e saúde

Enorme contingente (mais de uma dezena de milhões) de negros(as) foi trazido de países da África para o Brasil, raptados(as) e submetidos a trabalhos forçados. Essa estratégia de escravização possibilitou o avanço do Colonialismo e da dominação política. Com essa vinda intensa, tornou-se significativa a presença negra na constituição da população brasileira. Entre as diásporas, o Brasil é o país com maior número de negros. E mesmo entre os países africanos, fica em segundo lugar em número de negros, sendo superado apenas

pela Nigéria. A vinda foi de pessoas, tecnologias, culturas, tradições religiosas, traços físicos e psicológicos (DAVIS, 2000; THEODORO, 2008).

Esse trecho de histórico está de acordo com vários registros documentais, mas é notório como a história oficial costuma omitir essa participação e, quando a cita, é de forma pejorativa. Por outro lado, fácil compreender esse fato, já que, para justificar e efetivar a dominação política, a utilização de uma ideologia racista foi conveniente. Além disso, compreensível devido ao fato de que foram os próprios dominadores que elaboraram, reuniram, selecionaram e divulgaram a grande maioria dos documentos e registros históricos. Após a Abolição da Escravatura, por exemplo, Rui Barbosa determinou a destruição de todos os documentos relativos à escravidão. Assim fica possível a História do Brasil exaltar o europeu e desqualificar ou apagar as contribuições dos povos indígenas e africanos. Citando um ditado africano: “Enquanto os leões não tiverem seus historiadores, as histórias das caças serão contadas sempre do ponto de vista dos caçadores”.

Retomando o aporte teórico de Davis (2000) e Theodoro (2008), essa população veio e aqui viveu sob muita privação e violência, com separação de seus familiares, proibição da manifestação de sua cultura e religiosidade, impedimento de propriedade sobre terras, bens, sobre o próprio corpo e o próprio nome. Em termos psicológicos, uma violência extrema. A escravidão durou quase quatro séculos, quase toda a história do Brasil pós-invasão portuguesa, e foi oficialmente encerrada há apenas pouco mais de um século.

Pelo que se observa, a partir das teorias reunidas neste trecho da dissertação, após a Abolição, nenhuma política de reversão do racismo, nenhuma política de reparação, nenhuma estratégia para passar a remunerar quem trabalhava escravizado(a). Pelo contrário, o que sobrou aos(às) negros(as) foi a margem (geográfica e social), estratégias e leis do governo brasileiro para eliminar esse que agora era um incômodo sem utilidade, o elemento negro na constituição do povo brasileiro, e ainda lhes foi imposta a ausência de remuneração, de reconhecimento de suas contribuições e de oportunidade de trabalho. Ao mesmo tempo, imigrantes vieram para ajudar a embranquecer o Brasil e passaram a receber os salários que começaram a ser pagos, inclusive com garantia de cotas em indústrias. Durante e após as explorações, insistente permanência de desigualdades, com violências reais e simbólicas.

A despeito desse histórico e o contexto atual, negros constituem mais da metade da população brasileira e intriga não só a presença física e simbólica ter permanecido, mas justamente a presença de processos de resiliência em contradição a esse panorama. Um exemplo são os grupos de negros e negras libertos(as), lutando e se organizando para garantir a liberdade de outros(as). Ou mesmo irmandades religiosas lutando por garantir a permanência de suas manifestações de matrizes africanas.

A partir desse histórico, configura-se o contexto atual, que será ilustrado por meio de dados coletados em pesquisas e estudos. Os indicadores sociais, em aspectos como escolaridade, trabalho, renda, reconhecimento e valorização social, possibilitam avaliar como se apresenta socialmente a diversidade racial, com igualdades ou desigualdades.

Estudos feitos por diferentes órgãos de pesquisa demonstraram como as discriminações de raça e de gênero estão presentes, apesar de muitas vezes veladas, na sociedade brasileira. Venturi (2012) faz uma análise de várias dessas pesquisas e organiza um painel ilustrativo de percepções das discriminações de gênero e raça, que demonstra as desigualdades e a dificuldade da sociedade em assumir e, conseqüentemente, enfrentar esses problemas sociais.

O racismo é confirmado por 89% dos não-brancos, sendo que 56% dos pretos alegam que há muito. Ele é ratificado pelas informações sobre discriminações no trabalho, escola, pela polícia, em serviços de saúde e espaços de lazer. Confirmam terem sofrido discriminação: 16% de brancos, 19% de pardos, 28% de indígenas e 43% de pretos. Venturi não faz a agregação, mas é possível concluir, adotando-se a classificação analítica (pretos mais pardos), que, portanto, a discriminação é relatada por 62% de negros.

Outro dado bastante interessante comprova a falta de consistência do “mito” da democracia racial. Há praticamente consenso sobre a existência do racismo e preconceito racial, mas pouquíssimas pessoas se assumem como praticantes desses fenômenos. Entre os brancos entrevistados, 90% (altíssimo índice) afirmam que há racismo no Brasil, muito racismo para 50%, e 88% especificam o preconceito de brancos em relação a negros, muito preconceito segundo 49%. No entanto, esses números próximos da unanimidade tomam assustadora reversão quando chega o momento de se assumir integrante desse

mesmo fenômeno denunciado: ínfimos 5% admitem terem preconceito contra negros. Uma análise crítica dos dados permite concluir que no Brasil há racismo e preconceito, que se manifestam abrangentemente, mas a sociedade insiste em não se assumir racista e preconceituosa.

O racismo, o preconceito e a discriminação racial são fenômenos comprovados por estas e outras inúmeras pesquisas, disseminados na sociedade brasileira, e a dificuldade em serem assumidos é um dos pontos comprometedores no enfrentamento das desigualdades.

Também Lopes (2005) apresenta dados que ajudam a visualizar as desigualdades raciais na sociedade brasileira. Do ponto de vista econômico, um terço da população brasileira está na faixa da pobreza, e, entre esses, os negros estão super-representados, sendo o dobro dos brancos, inclusive quando se compara mulheres negras a mulheres brancas. Outro dado ilustrativo da desigualdade econômica é o fato de que a renda per capita de lares chefiados por negros é metade da dos lares chefiados por brancos.

Obviamente, a restrição financeira incorre em restrição de liberdade, com dificuldade de acesso a serviços e bens, além de predispor a prejuízos sociais e de saúde. No aspecto educacional, negros têm menor acesso e progressão. O mesmo se observa no âmbito do trabalho, com menores salários, menor probabilidade de progressão, também de ocupar cargos de chefia e de conseguir emprego na área de formação e especialização, ou mesmo de ter oportunidades profissionais condizentes com o aumento da escolaridade.

As percepções coletadas por essas pesquisas estão em concordância com dados consistentes de Jaccoud (2009), que localiza o grupo populacional negro na estrutura da sociedade brasileira, descrevendo-o como o que ganha menos, com menos estudo, menos condição de acesso a postos de trabalho, menor reconhecimento profissional, e isso se reflete em prejuízos na saúde, inclusive na psíquica.

As doenças prevalentes na população negra têm como causas: determinação genética, situações desfavoráveis em que essa população vive, evolução agravada ou tratamento dificultado, e condições fisiológicas alteradas por situações adversas. As causas expostas demonstram como as doenças não têm apenas causas orgânicas, devendo-se considerar também os elementos sociais

como determinantes de saúde. No caso da população negra, o racismo (incluindo o institucional, explicado neste capítulo) é um dos determinantes sociais das condições de saúde.

Como efeito desse quadro, observa-se, do ponto de vista orgânico, quando são exploradas as estatísticas de saúde da população negra, maior incidência de doenças específicas, como hipertensão arterial, diabetes, anemia falciforme, aids e mortalidade materna, entre outros problemas de saúde, como apontado por Werneck (2006).

Há uma publicação do Ministério da Saúde (2001) que lista as doenças mais importantes que ocorrem na população negra. Trata, com detalhe, de anemia falciforme e doenças falciformes, deficiência de glicose-6-fosfato desidrogenase, hipertensão arterial, diabete mellitus e síndromes hipertensivas na gravidez. A partir desse documento, Lopes, Goulart e Tannús (2007) sistematizam as doenças nas categorias: geneticamente determinadas (por exemplo, a anemia falciforme), adquiridas em situações desfavoráveis (desnutrição, doenças do trabalho, depressão, dano psíquico e sofrimento mental, transtornos mentais, entre outras), de evolução agravada ou tratamento dificultado (hipertensão arterial, câncer, entre outras) e condições fisiológicas alteradas por situações adversas (crescimento, gravidez, parto e envelhecimento).

Ainda no âmbito da saúde, a partir de dados apresentados e discutidos por Santos et al. (2010), conclui-se que o pertencimento racial incide transversalmente sobre o atendimento em saúde, comprometendo o cumprimento do princípio da equidade. Por isso, são necessárias políticas públicas que implementem ações de mensuração das condições de saúde e atendimento da população negra, possibilitando a identificação dos privilégios que a população branca goza devido à organização racial na sociedade brasileira, para que esse quadro seja revertido no sentido da promoção da igualdade racial e melhoria nas condições e atendimento em saúde para todos os grupos populacionais.

Para diagnóstico e intervenção em saúde, atentando às especificidades da população negra e à complexidade do contexto, é imprescindível considerar os determinantes sociais associados aos determinantes individuais de saúde e adoecimento. Tal necessidade se aplica também a esta pesquisa.

O que hoje se observa é um contexto extremamente desfavorável à saúde de negros(as), que obriga a pensar não apenas em determinantes biológicos das doenças, com análise das formas como são contraídas, desenvolvidas e seus desfechos, mas estender as análises para os determinantes sociais de saúde e doença, considerando-se os indivíduos em interação com suas crenças e valores, com outros indivíduos, com a sociedade e com a esfera governamental. Faz-se necessário, portanto, uma análise das vulnerabilidades presentes.

O termo vulnerabilidade pode ser definido como contexto formado por características individuais e coletivas, que configura a intensidade e forma de exposição a determinada situação. Configura, ainda, acessibilidade maior ou menor a possibilidades de reação e proteção em relação aos efeitos prejudiciais da situação (LOPES, 2005).

Adota-se aqui o quadro de vulnerabilidade baseado na abordagem dos direitos humanos, exposta por Ayres, Paiva e França Jr. (2012), que surge na década de 90, trazendo como diferencial o fato de abranger, além de fatores e comportamentos de risco, a expansão para uma análise sistêmica, considerando as dimensões individual, social e programática na formatação de vulnerabilidades.

Na dimensão individual estão as configurações do sujeito, de sua subjetividade (relações intersubjetivas) nos contextos do cotidiano, incluindo a constituição física e psicológica, os atributos, experiências e valores pessoais, mas também a dinâmica psicossocial, a forma de administrar situações, o modo como absorve/elabora/incorpora/dispõe de informações e recursos em suas práticas diárias, as relações familiares, de amizade, afetivo/sexuais, profissionais, entre outras.

A dimensão social se refere às relações onde se manifesta a conjugação de diferentes especificidades, relações essas permeadas por contextos de igualdade/desigualdade, inclusão/exclusão, liberdades/cerceamentos, ou seja, simetrias/assimetrias. São exemplos as relações: de gênero, étnico-raciais, econômicas, geracionais, religiosidades e crenças religiosas, entre outras. Determinam a participação e acesso (ou não) a elementos sociais como, por exemplo, emprego, saúde, educação, cultura, lazer, informação e conhecimento.

Quando as relações são de indivíduos com serviços públicos, políticas, instituições e programas, das áreas de saúde, educação, cultura, bem-

estar social e justiça, entre outras, está presente a dimensão programática. Essa dimensão se manifesta no atendimento dos indivíduos para garantia de seus direitos, incluindo as estratégias e a forma como são desempenhadas, podendo promover, reproduzir ou diminuir condições de vulnerabilidade.

Considerando-se a população negra, esta costuma estar exposta a vulnerabilidades relacionadas a: não garantia de direitos humanos, ineficiência programática do governo em atender seus direitos de educação e saúde, e práticas regulares de racismo. Tais vulnerabilidades atingem ainda mais incisivamente mulheres negras, inclusive pela exposição a vulnerabilidades ligadas ao sexismo. Frente a esse panorama de opressões, discriminações e desigualdades, o que se observa são prejuízos à saúde, interferindo no desenvolvimento, tratamento e desfecho das doenças.

Um estudo que contribui para a análise desse quadro, a partir da psicologia social, com forte influência da saúde pública e embasamento no quadro de vulnerabilidade e de direitos humanos é o de Santos (2012), que faz uma análise dos efeitos do racismo sobre as condições de saúde da população negra. Inicia o texto já afirmando que essa ideologia e o conseqüente racismo institucional observado na área da saúde, representam um perigo para a garantia de direitos de indivíduos e coletividades integrantes dessa população.

Isto porque interfere nas garantias de acesso e na forma como são atendidos nos serviços públicos, o que vai afetar negativamente a saúde. Assim, pode-se dizer que racismo, preconceito e discriminação racial são elementos que impactam negativamente, aumentando a vulnerabilidade de negros a comprometimentos de saúde orgânica/psíquica.

A análise é complementada por Lopes (2005), que também faz estudos sobre saúde da população negra a partir do conceito de vulnerabilidade utilizado nos direitos humanos e na saúde coletiva. Segundo ela, negras e negros têm a vida constantemente em estado de defesa, devido a uma condição social comprometida, com desqualificação, desvalorização e invisibilização de suas demandas, configurando a vulnerabilidade social.

Como conseqüência, acabam não atendidos(as) com igualdade e equidade por procedimentos e programas de assistência e saúde (prevenção e promoção). Pode-se avaliar que esses elementos constroem um quadro de

vulnerabilidade programática. Na luta por reintegração social e na ânsia de evitar sofrimentos por discriminações decorrentes desse contexto, consequências nocivas ocorrem, como comportamentos e condições de saúde em desajuste, associados a um contexto de vulnerabilidade individual.

3.2. Mulheres negras: histórico, contexto atual e saúde

O histórico de mulheres negras precisa ser diferenciado do histórico da população negra devido às suas especificidades, dadas tanto pelas particularidades de gênero quando comparadas à população negra como um todo, quanto pelas peculiaridades raciais quando comparadas a mulheres em geral.

O período de escravidão, descrito no item anterior, teve reconhecidas atrocidades cometidas em relação a negros(as), como informa Giacomini (1988). Alguns preconceitos e discriminações, no entanto, eram direcionados especialmente às mulheres, somando-se aos referentes à população negra como um todo. Como objeto sexual, deviam servir aos senhores, justificando violências sexuais, sem direito a escolher companheiro(a), e com uma imagem erotizada que até hoje alimenta o estereótipo negativo de mulata associado à mulher negra.

Outra função imposta à mulher negra no período da escravidão era de ama-de-leite, acompanhado do cerceamento do direito de planejarem a maternidade, muitas vezes também cerceadas do direito de ficarem com seus(suas) filhos(as). E, mesmo quando podiam ficar com eles(as), muitas vezes eram impedidas de amamentar os(as) seus(suas) para complementar ou assumir a amamentação dos(as) filhos(as) dos senhores e das sinhás (GIACOMINI, 1988).

Associando-se os recortes racial e de gênero, no âmbito da dominação patriarcal-escravista, enquanto à mulher branca era imposta e cobrada uma postura de mulher recatada, lânguida, contida sexualmente, à mulher negra era associado o estereótipo e imposta a função de objeto sexual a serviço de homens, especialmente e em sua grande maioria, homens brancos.

Essas concepções, ainda de acordo com a mesma autora, permanecem nas relações interpessoais atuais, sejam relações de trabalho, familiares ou afetivas. Ainda hoje, mulheres negras são a grande maioria das responsáveis pelos cuidados das casas brasileiras, e, como empregadas domésticas, têm sua vida pessoal comprometida para poder atender às necessidades das famílias que as empregam (em sua maioria, brancas). Até pouco tempo, era comum os lares terem inclusive uma dependência de empregada, justamente para que essas negras pudessem estar à disposição em tempo integral, deixando distantes sua família e comunidade. E ainda acumulam o fato de serem a última categoria profissional a ter garantidos direitos trabalhistas essenciais.

Esse histórico configurou, ao longo dos séculos, o contexto atual. As pesquisas apresentadas anteriormente, organizadas por Venturi (2007), com dados sobre a situação atual da população negra, trazem também informações sobre a conjuntura atual relacionada a mulheres negras.

Permitem constatar, por exemplo, a desigualdade de gênero. Mulheres afirmam que há machismo no Brasil (89%), e muito (73%). As desigualdades baseadas em discriminações de gênero aparecem nas assimétricas distribuições de tarefas domésticas, e ficam alarmantes quando 49% das mulheres entrevistadas afirmam terem sofrido violência sexista por parte de um homem.

O autor localiza bem a extensão desse quadro em prejuízos na garantia de direitos a mulheres e negros, pois o racismo e o sexismo, que a sociedade pratica e não assume, materializam-se, por exemplo, em ações de profissionais de saúde que, em suas práticas, permeadas por essas ideologias, deixam de assegurar universalização de direitos, promovendo ou permitindo discriminações; ou mesmo quando o Estado admite o sexismo e racismo institucionais (conceitos definidos e discutidos no início do capítulo), ao divulgar indicadores oficiais que comprovam desigualdades, mas não converte o diagnóstico em ações promoção de igualdade.

Agregando-se o recorte de gênero e o recorte de raça, observa-se a mulher negra na situação mais desprivilegiada, ocupando, na sociedade, o pior lugar no estrato de poder, perdendo para o homem negro, que por sua vez perde para a mulher branca, ficando o homem branco no lugar mais privilegiado (SCHUMACHER; VITAL BRASIL, 2007).

Apesar da enorme densidade demográfica de mulheres negras, calculada, em 2010, em aproximadamente 50 milhões, de acordo com Werneck (2010), elas recebem, pelo mesmo trabalho, 2,7 vezes menos que homens brancos, 1,8 menos que mulheres brancas, e 1,3 menos que homens negros.

Além disso, Carneiro (2011) expõe que, quando contam com emprego, mulheres negras têm os postos de trabalho com maior incidência de vulnerabilidades, por não terem carteira assinada, serem autônomas e empregadas domésticas. A autora chama a atenção também para o racismo patriarcal, que seria justamente a conjunção do racismo com o sexismo, dando a mulheres negras imposições de subordinação somadas.

Esse contexto de desigualdades conjugadas de gênero e raça repercute nas condições de saúde de mulheres negras. O governo brasileiro reconheceu oficialmente o racismo na saúde. Este se manifesta, como diz o título de uma publicação sobre o assunto, em “Experiências desiguais ao nascer, viver, adoecer e morrer” (LOPES, 2005). A autora traz especificidades como maior probabilidade de gravidez adolescente (anterior aos 16 anos) e maior ocorrência de mortalidade materna, isso comparando com estatísticas de mulheres brancas.

Martins (2006) explica que a mortalidade materna, configurada como questão de saúde pública, é um dos prejuízos da desigualdade racial e tem maior risco para mulheres negras devido a condições econômicas, características genéticas e também pela incidência das opressões de gênero e de raça, o que faz com que mulheres negras, em diferentes regiões do Brasil, tenham risco maior de óbito no parto e puerpério, por motivos muitas vezes evitáveis, numa razão de 1,5 a 7,4 vezes maior que mulheres brancas.

No quadro descritivo de doenças e agravos de saúde mais frequentes na população negra brasileira, uma das doenças apresentadas (no item anterior), na categoria das que apresentam evolução agravada e tratamento dificultado, foi a hipertensão arterial. Essa doença acomete a população negra de modo geral; no entanto, segundo Oliveira e Brito (2011), mulheres negras acabam tendo maior incidência devido ao risco dessa doença ser aumentado durante a gravidez. E acaba sendo tão comum que essa é a primeira causa de mortalidade materna.

No caso das DST/Aids, também acaba havendo maior incidência entre mulheres negras. E tanto nesse caso quanto no caso de mioma uterino, a maior incidência entre elas se dá por um contexto de vulnerabilidade social e programática, que acaba não garantindo a elas as mesmas condições de acesso a serviços, conseqüentemente, à saúde. Quando tem acesso a serviço ginecológico, por exemplo, o atendimento é comprovadamente desigual em relação a mulheres brancas. Ela tem prejuízos no acesso a um tratamento humanizado, tanto no serviço ginecológico quanto no obstétrico. Faltando prevenção, acompanhamento, assim como dignidade e humanização no tratamento, a morte precoce e evitável acaba sendo mais provável que para mulheres brancas.

Continuando com a citação a Oliveira e Brito (2011), pode-se dizer que as desigualdades a que estão expostas mulheres negras reverberam em um verdadeiro problema de saúde pública, já reconhecido pela Organização Mundial de Saúde. As violências trazem como consequência doenças nos diferentes sistemas do organismo, incluindo as cardíacas, gástricas, musculares e cefaleias. Já no âmbito reprodutivo, ocorrem falta de planejamento familiar, problemas no parto e com os recém-nascidos, doenças sexualmente transmissíveis e doenças psicossomáticas diversas.

As autoras ainda discorrem que, ao procurar serviços de saúde, mulheres negras encontram discriminações, preconceitos, precarizações, privação de direitos, e esse quadro se reverte em sujeições, sofrimentos e comprometimentos orgânicos e psíquicos. Sofrimentos e comprometimentos psíquicos serão discutidos nos itens “Psicologia e relações raciais” e “Psicologia, relações raciais e mulheres negras”. Informam que, para fazer frente a essa condição de racismo e sexismo institucional, nos níveis programático e interpessoal, o movimento feminista negro luta por reversão desse quadro, empreendendo resistência na busca por autonomia, atendimento digno e igualdade. A proposta é enfrentar as intolerâncias, violências, desigualdades, sofrimentos e exclusões, buscando alcançar condições dignas de saúde. Mais uma vez, mulheres negras aparecem como expostas a violentas vulnerabilidades, e também como protagonistas de posturas de resistência.

Diferentes literaturas e estudos, ao tratarem de mulheres negras, apontam as desigualdades e prejuízos, mas ilustram frequentes superações e a incidência de um perfil de resistência e enfrentamento. Nascimento (2008) e

outros(as) autores(as), quando fazem uma leitura da situação de mulheres negras brasileiras, a partir da Abolição e ao longo das gerações, associam a elas, além/apesar de tantas explorações e violências, a responsabilidade pelo sustento da família e manutenção de grupos, além de serem, muitas vezes, guardiãs da religião e organizarem-se também em grupos de luta pela liberdade de seu povo.

A mulher negra vai se estruturar como **pessoa** que toma a si a responsabilidade de manter a unidade familiar, a coesão grupal e de preservar as tradições culturais e religiosas de seu grupo, em função da nova realidade que a opressão econômica e a discriminação racial pós-abolição tornaram existentes no seio da sociedade brasileira. (LOPES, 2008, p. 104)

Em Werneck (2006), histórias de mulheres negras são resgatadas, e o caráter de resistência, enfrentamento e superação exposto em vários capítulos. A própria nomeação dos três grupos de capítulos denota esse processo que passa das adversidades à superação: “Falando de nós”, “Dores dessa vida”, e “Volta por cima”.

Pode-se dizer, portanto, que esse lugar que as mulheres negras ocuparam e ocupam, de manutenção e sustento da família, luta pela coesão do grupo e preservação das tradições é crucial para a formação de sua autoimagem, ao longo das gerações, o que pode ser um peso da exigência da força, mas também uma vantagem ao se associarem ao simbolismo de pessoas fortes, o que contribui para a confiança na própria capacidade de superação de obstáculos.

Um ganho coletivo foi terem garantido tantos elementos presentes nas manifestações negras, como nas religiões de matrizes africanas, nas irmandades religiosas, nas manifestações culturais, alguns mais integralmente preservados, outros redimensionados, alimentando símbolos e significados para enraizamento de novas gerações e constituição de autoimagens positivas.

3.3. Psicologia e relações raciais

Esta dissertação versa sobre resiliência em mulheres negras. Dessa forma, o aporte teórico necessita abordar conceitos como estereótipo, racismo, preconceito e discriminação, presentes no contexto sócio-histórico desse grupo populacional e fundantes de frequentes adversidades às quais ele é exposto. Essas definições contribuirão para a compreensão das dinâmicas intra e interpessoais das relações raciais. Bento (2001), Instituto AMMA Psique e Negritude (2007), Munanga (2005) e Werneck (2010) são as fundamentações teóricas para a exposição e discussão dos conceitos.

O racismo é definido como ideologia que confere significado e valor social negativo ao grupo racial detentor de aspectos fenotípicos e/ou genéticos que se desviam do perfil adotado como padrão, justificam desigualdades e dominações políticas, e geram ou multiplicam condições de exposição a prejuízos sociais ou na saúde, entre outros.

As ideologias, de modo geral, produzem estereótipos, que são uma representação no imaginário social, uma imagem pré-concebida e automaticamente projetada em determinado grupo/pessoa. Funciona como um carimbo, uma expectativa, uma imagem anterior congelada e projetada, atrapalhando a experiência genuína, o encontro real. Os estereótipos racistas são produzidos com base na ideologia do racismo.

Esses, como qualquer estereótipo, podem trazer representações associadas a características positivas ou negativas, mas têm sempre um efeito ou função negativa, já que não correspondem ao sujeito real e em sua completude. Por exemplo, um estereótipo associado a mulheres negras pode ser o de que são fortes, lutadoras. As características são positivas, mas generalizam uma imensidão de especificidades entre mulheres negras, além de, muitas vezes, repercutirem em exigências em relação a essas mulheres negras, considerando que elas precisariam de menos cuidado por serem fortes; e podendo, ainda, ser internalizado por elas, fazendo com que se exijam tal força, mesmo em situação de ausência de recursos para cumprir tal missão.

O estereótipo, que é a representação coletiva, quando internalizado, consolida-se como preconceito. Este pode ser definido como uma atitude racional e afetiva a priori e pejorativa em relação a pessoas e grupos. Estes são classificados como inferiores com base não em critérios justos e coerentes, nem baseado em vivência real com os mesmos, nem mesmo em avaliação objetiva e lógica, mas surge como pré-julgamento, pré-conceito, intolerância, aversão, opinião negativa preestabelecida.

No caso do preconceito racial, dirige-se a um grupo étnico ou racial específico e é baseado em ideologia racista e estereótipos advindos de educação racista. Por estar ligado a uma ideologia e a um processo sócio-histórico de dominação política, pode ser entendido como fenômeno político. Por estar ligado a pensamentos e sentimentos que interferem no julgamento afetivo, pode ser entendido também como fenômeno psicológico.

Ainda segundo Bento (2001), Instituto AMMA Psique e Negritude (2007), Munanga (2005) e Werneck (2010), chega-se ao conceito de discriminação. Enquanto o racismo se apresenta como ideologia e serve de justificativa para a dominação política, ao mesmo tempo em que o preconceito se apresenta como pré-julgamento, conjunto de pensamentos e sentimentos pejorativos antecipados à experiência, a discriminação, por sua vez, fundamenta-se no racismo, é inspirada pelo preconceito e se apresenta em forma de condutas, ações, omissões, comportamentos. É o fenômeno do racismo e do preconceito colocados em prática. São mecanismos de separação e inferiorização, de distinção e restrição ou privação de direitos. Quando, na relação interpessoal, a discriminação ocorre baseada em racismo, é chamada de discriminação racial.

Se, por outro lado, o mesmo mecanismo da discriminação se expressa relacionado a um gênero, ou seja, quando há atribuição de valores negativos e comportamentos discriminatórios em relação às características que socialmente são definidas como próprias de um homem ou uma mulher, trata-se de discriminação de gênero. Na realidade brasileira, o sexismo e o machismo agem por meio de inferiorização da mulher, levando a discriminação de gênero que incide dando privilégios aos homens e prejuízos sociais às mulheres.

Outra forma de manifestação do racismo, e que leva a adoecimento, agravos e morte da população negra é o racismo institucional. Foi definido pela

primeira vez em 1967, por integrantes do grupo estadunidense Panteras Negras, e essa definição aparece literal em várias publicações, como do Instituto AMMA Psique e Negritude (2007), Criola (2010), e Lopes, Goulart e Tannús (2007). Segundo essas fontes, racismo institucional é o “fracasso coletivo de uma organização em prover um serviço apropriado e profissional às pessoas em razão de sua cor, cultura ou origem étnica”.

Além do nível interpessoal, que é relativo às interações entre pessoas de iguais ou diferentes estaturas hierárquicas, funções e papéis, o racismo institucional também se manifesta no nível programático, expressando-se por meio de preconceitos e discriminações raciais no ambiente ou nos processos de trabalho, interferindo em normas, procedimentos, ocorrendo ignorância ou omissão quanto a especificidades, necessidades e direitos. O racismo institucional ocorre quando a organização ou instituição falha em garantir direitos a determinado grupo étnico-racial; sejam direitos na área de saúde, educação, trabalho, entre outras. Também quando desconhece os respectivos direitos e especificidades. Pode-se associar o mesmo raciocínio institucional ao recorte de gênero, configurando sexismo institucional. As ideologias, estereótipos, preconceitos e discriminações podem influenciar as ciências, profissões e práticas.

Especificamente no caso da psicologia, vale um resgate histórico com discussão crítica de seu desenvolvimento na temática das relações raciais. Segundo análise crítica feita por Prestes (2012b; 2012c; informação verbal⁴), a psicologia nasce como ciência no final do século XIX na Europa, tendo por lá seus expoentes mais reconhecidos. Numa sociedade permeada pelo racismo, baseada no referencial epistemológico eurocêntrico e, muitas vezes, a serviço de uma elite política e econômica, a psicologia também teve seus ingredientes de eugenia e hegemonia. O Brasil foi o primeiro país a regulamentar a profissão, em 1962.

⁴ Informações proferidas em apresentações orais:

- Na mesa-redonda “Articulações na luta contra o racismo”, com o título “Articulações na luta contra o racismo: entidades da psicologia, academia e movimentos sociais”, na Mostra Nacional de Práticas em Psicologia, em 2012b.

- Com o título “Psicologia e relações raciais: do eurocentrismo a serviço do racismo à revisão epistemológica a serviço da superação”, no Congresso III Pensando Áfricas e Suas Diásporas / I Encontro de Antropologia e Educação, na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em 2012c.

O panorama social era e ainda é constituído por elementos da ideologia de branqueamento, baseado ainda no eurocentrismo, muitas vezes, a serviço da mesma elite e, muitas vezes, alienada do compromisso social, até mesmo da consideração séria dos componentes sociais na constituição das identidades, personalidades, comportamentos.

Com adoção praticamente hegemônica da epistemologia eurocêntrica, a psicologia, ao elaborar teorias e técnicas que se dispõem a falar sobre o ser humano, mas costumam tomar por padrão apenas um de seus grupos, formulou padrões de normalidade que privilegiam características da população branca, fazendo destas a norma e interpretando demais realidades e diferenças do rol de diversidades como desvios ou psicopatologias a serem tratadas e adaptadas ao padrão branco. Isso ocorre em outras normatividades próprias de um grupo tratadas como se fossem a exclusiva normalidade (PRESTES, 2012b; 2012c; informação verbal citada na página anterior).

Por último, e segundo a mesma referência, ao se omitir do enfrentamento da opressão dessa ideologia e fechar os olhos e ouvidos para as humilhações sociais e demandas que gritam na clínica, na escola, nas organizações, enfim, em todas as áreas de atuação, a psicologia demonstrou cumplicidade com a ideologia do racismo e suas práticas causadoras de sofrimento psíquico, adoecimento e mortes. Assim, a psicologia não só foi conivente com o racismo, como o munuiu de justificativas e ferramentas de dominação política e psicológica.

Leite, um dos teóricos da psicologia a se debruçar sobre as relações raciais, tem uma obra onde apresenta um resgate da temática (LEITE, 2002). Colabora não só com informações sobre as produções, mas com uma análise crítica sobre o efeito social dessas teorias. Ilustra com detalhes o panorama brasileiro onde muitas foram as teorias aliadas a uma visão eugenista, que alimentaram de argumentos pseudocientíficos a ideologia do racismo ao considerar a população negra como inferior, atribuindo a negros e indígenas características degeneradas ou primitivas, e a brancos características evoluídas. Fácil compreender que, a partir de concepções eugenistas, as teorias e técnicas decorrentes sejam racistas. Cita Nina Rodrigues, Oliveira Viana e Artur Ramos, entre outros.

Considerando-se outro resgate histórico sobre o envolvimento da psicologia com as relações raciais, feita por Santos (2011), é preciso afirmar que, no

entanto, exceções à concepção eugenista. O envolvimento crítico da psicologia brasileira com a temática das relações raciais, que começa na década de 30, principalmente na psicologia social, vai revendo posturas e afirmações. Outros nomes de referência nessa área são Virgínia Leone Bicudo (primeira psicanalista negra brasileira, com estudos sobre relações raciais), Aniela Ginsberg, Dante Moreira Leite (citado no parágrafo anterior), Donald Pierson e Raul Briquet.

Além desses, e de lá para cá, outros teóricos se debruçaram sobre a temática e houve mudanças teóricas e políticas, com destaque para o papel das cobranças advindas do movimento social negro. Em 2002, há um compromisso da profissão com o enfrentamento do racismo, a partir da Resolução 018/2002, do Conselho Federal de Psicologia, que exige que psicólogas(os) não pratiquem nem sejam coniventes com o racismo (ZERBINI, 2007). Inúmeras contribuições teóricas, técnicas e políticas surgiram, a partir da década de 30, e florescem ainda hoje, tentando, minimamente, atender a enorme demanda social por compreensão e intervenção em psicologia e relações raciais.

Atualmente, setores da psicologia se empenham em reverter a situação estabelecida, atentando para a necessidade de reflexão e produção sobre a temática, e alguns se dedicam a uma revisão epistemológica, para contemplar, entre outros, referenciais africanos e afrodiaspóricos. Exemplos de teóricos dedicados a essa revisão foram apresentados e discutidos na “Introdução”, e alguns(mas) serão retomados(as) ainda neste capítulo.

Desde o primeiro período relacionado, ao longo dos anos seguintes, e contemporaneamente às mais atuais ações relacionadas, outros(as) autores(as) contribuíram para a compreensão da abordagem psicológica das relações raciais e busca de processos de saúde psíquica da população negra.

Para refletir sobre o desenvolvimento psicológico em situação de racismo, vem a contribuição de Costa (1986), a partir de capítulo intitulado “Da cor ao corpo: a violência do racismo”, onde discorre sobre os efeitos nocivos da ideologia racista sobre o corpo, psiquismo e identidade. Discute que para no imaginário social um ideal fabricado pelo branco, um fetiche da brancura, que funciona como modelo, norma estruturante. Fetiche porque transcende o branco; a brancura, fantasiosa, é idealizada. Para brancos(as), perfeição irreal enaltecida; para negros(as), fetiche inatingível.

Ao destoar da brancura, devem desaparecer o corpo e a identidade negra. Esse ideal impõe ao negro o que pensar e sentir por si mesmo, e ele acaba internalizando o racismo e expressando esse racismo internalizado no desejo de embranquecer para alcançar o ideal da brancura. Dessa forma, desejando sua própria extinção e comprometendo até sua representação psíquica. “Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de ego do sujeito branco e a dor de recusar e anular a presença do corpo negro” (p. 104).

Nogueira tem importantes contribuições em relação à temática das relações raciais, aproveitando sua formação de psicanalista e a vivência de mulher negra para análises em que considera tanto os aspectos intrapsíquicos quanto a intersubjetividade e o contexto sócio-histórico. Sua tese de doutorado (1998) traz reflexões sobre os significados sociais do corpo negro, entendendo-o como signo onde se expressam as dinâmicas sociais e suas marcas ideológicas.

No imaginário social produzido pela sociedade branca e escravocrata, o negro funcionou como significante catalisador dos fantasmas e perversidades dessa mesma sociedade, que, exteriorizando esses núcleos internos que aterrorizam, construiu representações em que tais horrores são presentificados no corpo negro. (p. 103)

Quando ao corpo negro, que é o que em princípio distingue a pessoa como negra, é associado um sentido de inaceitável, esse signo é introjetado levando a especificidades psíquicas, passando também a pessoa negra a não aceitar esse corpo, mantendo-se refém da inferioridade e desejando o inatingível corpo branco que garantiria pertencimento e humanidade (que o racismo diz não ser condizente como corpo negro). Ocorre uma dificuldade de identificação com o significante que é a pele negra, onde está registrada sua história.

A rejeição do corpo negro, que ocorre nas estruturas sociais é apresentada à pessoa negra desde o início da vida, por meio da família, que é um dos grupos que é atingido pela ideologia do racismo. A família deseja, desde antes da concepção da criança negra, que ela possa se livrar das discriminações, por

vezes tentando eliminar as marcas que despertam discriminações. A família deseja que a criança negra possa ser o sujeito que não puderam (NOGUEIRA, 1998).

E o corpo negro, meio para satisfação do desejo do sujeito negro, traz já inerente a marca do indesejável e irreconhecível. A partir dessa marca e dessa dinâmica psíquica, efeitos psicossociais são observados, como vergonha de si, processos autodestrutivos, ou a convicção que muitos(as) negros(as) carregam de que ser bom não é suficiente, têm que ser irretocáveis no que fazem, para evitar o julgamento de que continuam sendo inaceitáveis.

Reis Filho (2005) é outro autor a desenvolver uma tese, com embasamento psicanalítico, sobre a condição social do negro, classificada por ele como sintoma social e individual decorrente do escravismo, e os vários efeitos nocivos de sofrimento psíquico para o sujeito negro. O autor localiza também nas características específicas do corpo negro a fonte de vergonha e rejeição pelo próprio sujeito negro. Aproveita sua experiência clínica e de sujeito negro para analisar as pulsões autodestrutivas que observou em negros(as) que atendeu.

Aproveita também para discutir a baixíssima incidência de analisantes negros(as) na experiência clínica de seus colegas, entre os(a) quais ele é o único negro. Questiona-se como pode em um país onde metade da população é negra, estes quase não aparecerem nas clínicas; e, quando aparecem, não pautarem, entre outras, a temática racial; hipotetiza que, se analistas não se perguntam sobre a questão racial, calam os analisantes.

De acordo ainda com o autor, o fantasma das marcas do escravismo atinge cada brasileiro(a) e ele se pergunta como fazer a travessia. Para sujeitos negros há a dificuldade de se destacar do lugar historicamente reservado de desqualificação, e, em seguida, a dificuldade em encontrar modelos positivos para identificação. Paira na sociedade um clima de preconceito travestido de cordialidade; ódio travestido de harmonia. Ele ainda afirma, recorrendo a Freud, que o racista narcisicamente não suporta o gozo do diferente, porque o gozo não é integralmente seu. Ao invés de gozo, ao diferente, ao(à) negro(a) é reservada a derrota.

Nesse contexto, feridas abertas; danos psicológicos possíveis são a depressão, o masoquismo, e a valoração negativa da negritude. Como possibilidade para a cura da ferida narcísica e superação do contexto, defende a análise e sua possibilidade de conter a angústia do encontro com o diferente até que isso seja

superado, e que o tema não seja mais demandante. Ao analista, sugere que acolha as queixas de discriminação racial, confiando em sua legitimidade e na existência do racismo.

Essa discussão pode ainda ser incrementada com as contribuições de Gonçalves Filho (2008), quando aborda os efeitos da dominação, invisibilidade e desqualificações sobre o psiquismo do negro e da mulher, entre outras populações discriminadas, o que gera sentimentos devastadores, próprios de quem passa por humilhação social e política, como o sentimento de invisibilidade, o embotamento da experiência de agir e falar, as memórias de humilhação comprometendo o desenvolvimento de habilidades, a inferioridade pela reprovação constante no olhar do outro, entre outros.

Interessante quando ele cita a beleza e amplia a noção sobre a mesma, colocando a liberdade como necessária para a beleza. Diferencia aparição de aparência. Esta seria a imagem, muitas vezes ligada a padrões estéticos e passível de enganos por parte de quem vê. A aparição implica em liberdade de falar, agir, movimentar-se ou sossegar diante de outros, liberdade de manifestação. Considerando os sentimentos citados, compreende-se que a humilhação compromete essas liberdades. Mais à frente, no item “Significados decorrentes do pertencimento a manifestações negras”, será possível refletir como o pertencimento a grupos desse tipo pode contribuir para a resistência e a autonomia.

Bento (2012; 2001) trata da psicologia social ligada às relações raciais, explicando, com vários recursos à psicanálise, a dinâmica psicológica e os prejuízos do racismo para negros e brancos, apontando o efeito em cada grupo e nas relações raciais. Para brancos, por exemplo, há a desvantagem de uma identidade deturpada, permeada pela branquitude, com privilégios simbólicos e concretos, medo do que representa o(a) negro(a), pacto narcísico de silêncio sobre o assunto. Essa configuração culmina em proibição do tema (sem ser tratado, o racismo continua não enfrentado), intolerância e discriminação.

A autora discute também a dinâmica psicológica do grupo social, a partir da teoria de Kaës, por exemplo, explicando que o pacto narcísico se dá por uma aliança grupal inconsciente em que o indesejado, incômodo, que foi recalcado, é silenciado para garantir a manutenção dos privilégios e a organização social vigente. No entanto, na transmissão psíquica intergeracional (noção que será

discutida no item sobre “Transmissão psíquica”), pode haver o escape de conteúdos que não passaram por reconhecimento e simbolização.

E para negros, Bento (2012; 2001) realça como um dos problemas o fenômeno da aspiração de branqueamento como assimilação do ideal imposto pelo racismo e tentativa de aprovação social. Inclusive para negros(as) que ascendem socialmente, esse é um imperativo, já que no lugar supostamente reservado ao branco, ele(a) incomoda e precisaria se desfazer de sua negritude.

Souza é outro nome importante a ser citado como marcante no histórico da abordagem psicológica das relações raciais, com publicação (1990) de referência que traz reflexões psicanalíticas sobre a formação da identidade brasileira, com suas particularidades. A autora aponta as feridas que acompanham esse processo e os aspectos psicológicos de negros em situação de ascensão social, e que marcam fundo, atrapalhando a possibilidade de um psiquismo saudável. Afirma, ao contrário do que muitos imaginam, que a ascensão social não encerra a exposição ao racismo, dando novas nuances para a dinâmica, tanto no nível interpessoal quanto intrapsíquico. Sendo o Brasil um país de maioria negra com identidade branca, para ser aceito(a), ao(à) é cobrado o “custo emocional da sujeição, negação e massacre de sua identidade original, de sua identidade histórico-existencial” (p. 18).

Outra referência na temática de psicologia e relações raciais com embasamento psicanalítico é Fanon (2008), que também discute a imposição do ideal do branqueamento pela sociedade racista e os efeitos de sua assimilação por negros(as). Por mais que estes desenvolvam a adaptação ao ideal e aos códigos requeridos, a ilegitimidade impossibilita sucesso. Nesse processo de ferida narcísica, o anseio por máscaras brancas que cubram a pele negra. A negritude é atacada e buscam a ilusão de reflexos brancos. Abrangendo para as relações raciais, também brancos são atingidos por essa ilusão quando pretendem ignorar autoria em preconceitos e discriminações raciais.

Retomando Souza (1990), ela analisa os efeitos psíquicos da vivência em sociedade racista. Quando há a assimilação do ideal de branqueamento, isso não garante aceitação social por ser o branqueamento inatingível.

Esta ferida narcísica e os modos de lidar com ela constituem a psicopatologia do negro brasileiro em ascensão social e tem como dado nuclear uma relação de tensão contínua entre Superego, Ego atual e Ideal do Ego. A nível clínico, esta relação de tensão toma o feitiço de sentimento de culpa, inferioridade, defesa fóbica e depressão (...). (Souza, 1990, p. 78)

Em outro trecho, Souza (1990) explica com maestria o processo desde nascer negro até “Tornar-se negro” (título do livro):

(...) Nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra.

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração.

Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (p. 77)

Fanon (2008) defende que um caminho desejável seria não apenas superar tais feridas e se conscientizar, mas superar a fixação ao passado de dores, superar o apego forçoso à negritude e alcançar liberdade para sintonização no presente, na realidade social, com compromisso consigo e com o próximo e assumir ações para extinção das opressões e igualdade.

3.4. Psicologia, relações raciais e mulheres negras

A psicologia tem demanda de discussão sobre as relações raciais, mais ainda dessas discussões com recorte de gênero. Aqui são reunidos alguns específicos sobre a temática e outros que permitem a discussão.

Santos (2004) fala sobre o lugar social da mulher negra, com anseio por aceitação e tendo que lidar com uma sociedade que, pautada no racismo, a rejeita. Uma das formas de busca de aceitação pode ser a união com o homem branco, ele sim aceito socialmente. Essa situação descrita pela autora está ligada a uma rejeição da mulher negra que pode ser assimilada e levar a uma dificuldade extrema de organização psíquica saudável. A rejeição causa feridas e pode ser internalizada, chegando a um ponto da própria mulher negra não se aceitar. Como resultado, comprometimentos de ordem psíquica, que podem culminar em baixa autoestima, prejuízo na formação da identidade, depressão e transtornos psiquiátricos diversos.

Desequilíbrios estes que comprometem a autoestima da mulher negra e seus relacionamentos afetivos, com a família e com companheiros(as). É o que expõe Hooks (2006), em um texto chamado “Vivendo de amor”, que descreve os efeitos do racismo sobre a possibilidade e estilo de amar, relatando as dificuldades de mulheres negras vivenciarem e expressarem o amor que sentem, uma defesa ante os ataques próprios de uma sociedade racista. Em um trecho (p. 188-189), ela ilustra:

Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, “feridos até o coração”, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência (...).

Hooks delinea os efeitos nocivos, fala dos prejuízos devastadores, mas inclui a possibilidade de resistência política na insistência em amar. Portanto, cabe observar, no contexto das repetidas explorações, violências e sofrimentos orgânicos e psíquicos a que as mulheres negras vêm sendo historicamente expostas, a forma como vêm resistindo e reagindo.

Observa-se, por exemplo, a alegria (entre outros elementos, como a garra), como algo que permeia os simbolismos associados a mulheres negras e os significados compartilhados pelas comunidades negras, e muito presente nas expressões culturais e religiosas, de caráter geralmente festivo. Como dito na tese de Ramalho (2010), uma alegria subversiva, alegria como recurso, a serviço da resistência, em favor da vida, como combate à homogeneização e desvitalização. Não é uma alegria de quem se conforma, relewa, mas uma forma intrínseca de resistir ao quadro estabelecido. A alegria parece ser o antídoto contra tantas adversidades, ou fontes de stress. Talvez diminua a incidência ou intensidade de comprometimentos. Talvez seja algo construído a partir das especificidades da história das mulheres negras no Brasil, e que agora pode ser agregado à autoimagem de mulheres negras contemporâneas.

4. Resiliência

O capítulo anterior enfocou mulheres negras, passando por perfil e aspectos psicológicos. Aqui estão expostas teorias para a discussão sobre outro foco do trabalho; interessa compreender um processo pelo qual elas podem passar em diferentes momentos de vida, a resiliência.

4.1. Definições

Pesquisadores da temática explicam a resiliência como um processo de superação de situações extremamente estressantes, tendo resultados mais positivos ou menos negativos que o constatado na maioria dos casos com configurações semelhantes. Observa-se, diante de fatores de risco — elementos potencialmente danosos ou adversidades — significativamente intensos, uma predominância de fatores de proteção — elementos que potencializam defesas e resoluções —, reverberando em superação (LUTHAR e CICCHETTI, 2000).

Yunes (2007; 2003) apresenta um resgate do histórico do conceito, que surge na Física, e é utilizado mais amplamente também na Engenharia e na Ecologia, sempre se referindo à resistência e elasticidade, de materiais ou ambientes. Na Física, começa a ser pesquisada no início do século XIX e é conceituada como resistência ao choque, sendo a característica de um corpo devolver a energia que armazenou enquanto era deformado de forma elástica por uma tensão. Sintonizada com a psicologia positiva, Yunes é uma autora que defende o foco da psicologia justamente nos pontos de resistência e adaptação do ser humano, apesar das tensões.

Outra autora, Angst (2009), complementa que, nesse processo, apesar da energia de tensão e deformação incidentes no material, não ocorre deformação permanente. E reflete que a tensão e deformação citadas na física e na engenharia correspondem ao que a psicologia chama de adversidades, stress ou fatores de risco.

O termo resiliência surge em 1966 referindo-se a fenômenos biológicos e psicológicos de superação. Os primeiros focos de pesquisa foram crianças e já foram sendo pensadas estratégias de intervenção. Na década de 70 os estudos trabalham com a concepção de invulnerabilidade, e nos anos 90 passam a utilizar um modelo ecológico-transacional, que considera o indivíduo em contexto e a noção dinâmica de resiliência, ou seja, a resiliência ocorrendo de forma sistêmica (SEQUEIRA, 2009).

Chegando à psicologia, autores clássicos das teorias de stress e enfrentamento fazem ricas contribuições à temática de superação de adversidades. Além da conceituação de termos básicos, ajudam a refletir sobre a resiliência ao falarem sobre a importância do suporte pessoal (recursos internos) e do suporte social no processo de resolução eficiente de situações de stress. Para pessoas com esses suportes, menos situações devem onerar ou exceder seus recursos, e, conseqüentemente, menos stress deve ser experimentado. Mesmo quando há experiência de stress, são mais propensas a desfechos positivos, não sucumbindo ao stress (LAZARUS, 2006; FOLKMAN; LAZARUS, 1994; DELONGIS; FOLKMAN; LAZARUS, 1988).

Vasconcellos (2000) é referência na conceituação de resiliência a partir do conceito de stress, utilizando o modelo psiconeuroendocrinológico ou psiconeuroimunológico. O stress, segundo o autor, é um processo biopsicossocial de saída do organismo do equilíbrio biológico e psicossocial, causado por um agente estressor (eventos endógenos e/ou exógenos que funcionam como estímulos físicos, psíquicos ou ambientais), incidente a partir de uma situação estressora e de uma fonte de stress, e gerando comportamentos e sentimentos compreendidos como reação de stress, que são mais intensos e complexos que os parâmetros de atividade normal, e envolvem os campos da fisiologia, cognição, emoções e comportamentos.

O stress é natural e saudável, e tanto agentes quanto reações de stress podem ter teor agradável ou desagradável; ou seja, grandes alegrias podem ser desencadeadoras ou resultantes de stress tanto quanto grandes tristezas. Os agentes endógenos podem ser “traumas, conflitos, ideias, lembranças, fobias, neuroses, sentimentos, pensamentos, pulsões, necessidades afetivas”, e pesquisas demonstram que ocorrem as mesmas reações fisiológicas diante de “mecanismos

de defesa tipo: negação, compensação e intelectualização” (VASCONCELLOS, 2000, p. 147).

Presente o agente estressor, Vasconcellos cita Lazarus e Folkman ao explicar que o processo de stress passa por avaliações que possam servir como feedback. Ocorre uma primeira avaliação para interpretar o estímulo como bom, agradável, ou seus opostos, e se é perigoso ou desafiador; uma segunda para identificar se é controlável, se há recursos para o controle e se é possível o sucesso; segue-se a reação de stress, que é sucedida por uma reavaliação que analisa os resultados alcançados, como prosseguir e se será necessário uma redução ou intensificação da reação.

Em outra publicação onde Vasconcellos aparece como coautor, fala-se que as fases do stress (recorrendo a Selye) passam pelo alarme, que é a saída do repouso, pela resistência, que seria a mobilização de enfrentamento ou recolhimento para resolução do conflito, e pela exaustão, estágio de colapso, onde a pessoa adquire patologias ou chega a óbito. Tais fases exigem da pessoa uma adaptação geral à situação, podendo ser uma adaptação favorável ou desfavorável para si. No primeiro caso, chamada de eustress, o bom stress, pois há apenas a alteração necessária para resolução do conflito e, após a reação, há o retorno ao estado de equilíbrio; sendo desfavorável e não havendo a refração, observa-se o distress, ou mau stress (BORTOLETTI et al., 2012).

A partir das mesmas teorias, chega-se ao conceito de coping, que é a denominação para a reação ao stress, configurando-se como um recurso ou resposta que pode ser favorável ou desfavorável, eficiente ou ineficiente. A escolha de utilizar o termo coping sem tradução, concordando com Vasconcellos, é porque a tradução literal para enfrentamento não contempla o processo, que é mais amplo. Há coping feito por enfrentamento, mas também por paralisação e por recuo, e cada um desses copings pode ser eficiente e saudável ou ineficiente e prejudicial. Copings bem sucedidos geram confiança na capacidade de resolução de novos desafios, num sistema de retroalimentação positiva. A palavra coping não é traduzida por enfrentamento na teoria de stress porque é mais ampla que enfrentamento; afinal, não enfrentar também é coping.

Diante de stress extremo, quando ocorre coping eficiente, pautado em autoconfiança, apoio social e resultando em fortalecimento e ressignificação da

experiência, esse processo de superação melhor que o esperado para situações semelhantes é denominado resiliência. Pode haver ainda, na fase de reavaliação, uma interpretação da situação ou dos resultados diferente do que a maioria das pessoas interpretaria, encontrando sentido ou sucesso onde outros só encontrariam frustração e complicação. Relacionando às fases do stress, pode-se dizer que a pessoa em processo de resiliência permanece na fase de resistência, ou até chega à exaustão, mas reage, supera, encontra sentido e não chega a sucumbir.

Outra conceituação de resiliência é apresentada retomando-se Angst (2009), que a define como capacidade individual ou grupal de superar e sair fortalecidos de eventos aversivos. Segundo ela, essa é uma via que não passa pela observação passiva, mas acessa recursos pessoais e ambientais para resolver os conflitos, que poderiam ser compreendidos como fatores de proteção pessoais, familiares e sociais. Relaciona os aspectos comuns a pessoas resilientes: “autoestima positiva, habilidades de dar e receber em relações humanas, disciplina, responsabilidade, receptividade e tolerância ao sofrimento”, além de saudáveis relações familiares, apoio social e crença ideológica ou religiosa.

Alerta para os riscos da atribuição do rótulo de resiliente às pessoas, o que está de acordo com o que será exposto no item seguinte. E enfatiza a importância da psicologia focar em pontos saudáveis das pessoas e em recursos pessoais e ambientais para resoluções de conflitos. Está em acordo com o que foi discutido na “Introdução”, sobre a postura da pesquisadora de focar esta pesquisa em pontos saudáveis, apesar dos impactos das adversidades.

Angst (2009) apresenta também a classificação de Garcia, de resiliência dividida em resiliência emocional, resiliência acadêmica e resiliência social. A primeira se refere a experiências exitosas e auto-atribuição de estima, eficácia e autonomia, com construção de um repertório de capacitante para resoluções, mudanças e adaptações. A resiliência acadêmica seria o conjunto de habilidades fomentadas na escola. E a social se relaciona ao pertencimento, relações afetivas com familiares e parceiros, ou seja, recursos sociais para resolução de conflitos.

Além de Garcia, ela cita Frederic Flach como um dos pioneiros a teorizar a resiliência, já em 1966, com uma definição bastante interessante por focar no sentido que se dá à experiência, mais do que nas capacidades preexistentes ou

nos resultados alcançados. Ele afirma que, para a resiliência, a pessoa deve ser hábil para o reconhecimento da dor em curso, a compreensão de seu sentido e a tolerância da mesma até a resolução construtiva do conflito.

A resiliência, como exposto, não tem consenso em sua conceituação e é um processo complexo, o que dificulta o desenvolvimento de instrumentos de medição. Duas pesquisadoras, um pesquisador e os respectivos trabalhos serão citados aqui por terem se empenhado nessa tarefa. Pesce validou no Brasil uma escala de resiliência de Wagnild e Young, que mede estágios de adaptação psicossocial positiva, apontando para cinco elementos de resiliência: “serenidade, perseverança, autoconfiança, sentido de vida e auto-suficiência” (PESCE et al, 2005, p. 437). Outros elementos, identificados em testes com crianças (população comumente alvo em estudos e intervenções sobre resiliência), e que

operariam como fatores de proteção à adversidade: (a) características de personalidade, como a auto-estima, flexibilidade, habilidade para resolução de conflitos; (b) coesão e bom relacionamento na família; (c) disponibilidade de suporte externo que encoraje e reforce as estratégias de coping da criança, especialmente provenientes do grupo de pares, escola e comunidade (PESCE et al, 2005, pág. 436).

Outra pesquisadora, Benevides-Pereira, está construindo um inventário de resiliência dividido nos fatores: desesperança e dificuldades emocionais, assertividade, tenacidade e inovação, empatia e sensibilidade emocional (MOTA; BENEVIDES-PEREIRA; GOMES, 2006).

E o terceiro é Barbosa (2006), que, em seu doutorado, validou o instrumento de medição de quociente de resiliência para adultos, de Reivich-Shatté. Feita a validação, o instrumento foi nomeado como “Questionário do Índice de Resiliência: Adultos - REIVICH - SHATTÉ / BARBOSA”, e colocado em prática por meio de aplicação em professores. A resiliência foi considerada no sentido de transcendência e com embasamento na concepção psicossomática. O teste aborda sete fatores: administração das emoções; controle dos impulsos; otimismo com a vida; análise do ambiente; empatia; auto-eficácia e alcançar pessoas.

Outra autora, Grotberg (2005), não chegou a desenvolver um teste, mas elaborou um rol de frases que ajudariam a identificar componentes de resiliência, agrupados em suporte social, força pessoal e habilidades.

Percebe-se que os instrumentos de mensuração de resiliência, independente do formato, na verdade, medem componentes de resiliência. Isso será discutido no item a seguir.

4.2. Discussão crítica

O conceito de resiliência, na psicologia, vem sendo redefinido e aprimorado nas últimas três décadas, ainda sem consenso. As principais variações giram em torno de duas vertentes de concepção da resiliência, uma que a considera no sentido mais estrutural e adjetivante, que aqui será nomeada como concepção constitucional, e outra que a considera no sentido mais dinâmico e contextual, nomeada aqui como processual.

Souza (2009) faz um histórico do conceito de resiliência e ilustra que, na vertente de concepção constitucional,

encontramos entre suas diversas definições a existência de traços de personalidade individuais especiais, a capacidade de recuperação de traumas, a capacidade de superação de obstáculos, um conjunto de habilidades e competências individuais, invulnerabilidade, o resultado do equilíbrio entre fatores de risco e fatores de proteção e resultados do enfrentamento de situações de estresse, entre outros” (p. 193).

Em seguida, apresenta outra possibilidade de compreensão e conceituação, a concepção processual, afirmando que, apesar desse primeiro conjunto apresentado,

com a ampliação e com o aprofundamento das pesquisas, a resiliência deixa de ser considerada uma qualidade ou uma capacidade individual para ser compreendida como um processo

dinâmico inter-relacional, sistêmico, inserido no contexto histórico, social e cultural” (Souza, 2009, p. 193).

Assim, a resiliência não corresponde a um atributo, capacidade, estado ou habilidade de determinada pessoa ou grupo; ao invés de estágio, é um processo ou fenômeno, e pode se apresentar em diferentes momentos de vida, em diferentes grupos populacionais, configurando-se como processo sistêmico de superação de grandes adversidades e vulnerabilidades, saindo a pessoa mais fortalecida e encontrando sentido na experiência. Resiliência, é preciso advertir, não significa ausência de sintomas e outros prejuízos, mas um efeito menos devastador das fontes de stress intenso, podendo chegar à exaustão, mas não sucumbindo.

Em revisão crítica do conceito de resiliência, Barlach (2005) também faz essa diferenciação e defesa da concepção processual, citando Waller como uma das defensoras dessa perspectiva e expondo que, atualmente, “a visão predominante busca explicar o fenômeno como processo dinâmico, multidimensional ou ecossistêmico” (p. 32). A análise da resiliência por traço e a consequente concepção de um indivíduo resiliente demonstra a limitação de uma análise que desconsiderou a multideterminação e o contexto. Mais ultrapassada ainda seria a primeira forma de compreensão do processo de resiliência, que o explicava por invulnerabilidade e invencibilidade, como se resiliência fosse blindagem.

Merece análise mais apurada a afirmação, feita pela mesma autora, de que a resiliência seria a condição de não se vitimizar diante de adversidades. A partir de uma consideração crítica das vulnerabilidades pessoais, sociais e programáticas, um indivíduo, grupo ou população reconhecer-se atingido por desigualdades e vítima de opressões não significa, necessariamente, resignar-se. Até porque o que ocorre, nesse caso, não é uma autovitimização, mas uma conscientização da heterovitimização. Obviamente, corre-se o risco de uma paralisação na autopiedade e lamentação, ou na confusão de justiça com vingança, mas essas são possibilidades desastrosas e não consequências naturais do reconhecimento da vitimização. A resiliência consistiria, por exemplo, em resistir aos estratégias da opressão, sair fortalecido e escolher apoiar a resistência de outros em situação semelhante.

Ainda a partir de Barlach, outra discussão importante é sobre a necessária relativização de elementos do conceito de resiliência. Ela cita Luthar para

afirmar que é necessário atentar para o fato de que situações intensamente estressantes ou grandes adversidades são interpretações pessoais e não unânimes de uma situação. Desta forma, categorizações do que seria fator de risco, fator de proteção, adversidades, entre outros, baseadas em dados estatísticos ou genéricos correm o risco de não atender à resiliência por ser este um processo bastante determinado por avaliações e perspectivas pessoais.

Daí a dificuldade, citada no item anterior, de desenvolvimento de instrumentos de mensuração e a possibilidade de questionamento de sua validade, pela necessidade de análise dos resultados coletados associada a extenso conhecimento sobre a pessoa ou grupo avaliado. É constante, nas diferentes bibliografias, e merece realce a ressalva de que a presença de elementos potencializadores não garante o processo, afinal, ele não é apenas o resultado da junção dessas partes, mas um processo dinâmico e multideterminado. A presença dos componentes não garante sua integração produtiva.

Outra defesa dessa concepção processual aparece no livro editado por Melillo e Ojeda (2005), em que Grotberg apresenta novas tendências, Infante fala sobre resiliência como processo e, ao longo dos capítulos, ainda se discute que a resiliência não se restringe a características naturais, de personalidade, cognitivas, mas tem grande influência do sentido de vida, do suporte social e do amor de figuras significativas.

As concepções teóricas e abordagens práticas da resiliência que a consideram como qualidade do ser humano, adotando uma concepção constitucional, desconsideram que os elementos pessoais potencializadores de resiliência são moldados por circunstâncias de vida, não apenas características naturais, como explicam Luthar e Cicchetti (2000). A presente discussão pretende alertar para possíveis posições perigosas e equivocadas. Para a mulher negra, por exemplo, essa concepção teria o seguinte perigo: se fosse estágio ou capacidade, a experiência de exposição a diversas adversidades e vulnerabilidade, com superação das mesmas, as teria tornado resilientes.

Pensar dessa forma seria perigoso não só pela ineficiência na compreensão da complexa dinâmica psicológica da resiliência, mas também pelos possíveis usos mal intencionados de uma abordagem essencialista, estruturante, evolucionista, que, por exemplo, entenda que a exposição a vulnerabilidades e

desigualdades seria fortalecedora e promotora de resiliência. Inclusive quando se diz que só tem resiliência quem passa por adversidades, fala própria da concepção adjetivante, se fosse adotada a concepção de que mulheres negras são resilientes (de forma essencialista), em primeiro lugar, as dificuldades seriam vistas como promotoras de benefícios, portanto, não seria necessária a promoção de igualdades; em segundo lugar, tal entendimento equivocado sobre a força dessas mulheres negras manteria a crença essencialista que justificaria ações discriminatórias como, por exemplo, a menor aplicação de anestesia em parturientes negras.

Além de ser uma análise parcial do fenômeno, deixa de ampliar a análise para o fato de que mulheres negras podem apresentar maior frequência de resiliência não por serem naturalmente resilientes, mas por estarem, ao longo da vida, em frequente exposição a vulnerabilidades pessoais, sociais e programáticas, sendo constantes as necessidades e exercícios de estratégias de superação de grandes adversidades, e, nesse processo, a potencialização do processo de resiliência.

Luthar e Cicchetti (2000) alertam ainda que o uso do termo como adjetivo pode levar a uma culpabilização de pessoas pertencentes a grupos ditos resilientes e que não desenvolvem a resiliência, além de poder servir de justificativa para líderes políticos limitarem a proteção para populações expostas a vulnerabilidades, dando à própria população a responsabilidade por traçar o caminho do risco à resiliência. Pode-se complementar que outro risco é que os governantes invistam em estratégias de educação para a resiliência, abstendo-se de ações efetivas de mudança nos elementos promotores de vulnerabilidade no nível programático.

Essa vertente não só parece mais coerente com a psicologia social, por considerar o contexto mais amplo na análise do fenômeno, como parece se adaptar melhor também ao quadro de vulnerabilidade e direitos humanos, apresentado no item “Saúde da população negra”. A partir dessa diferenciação, fica compreensível a importância de ampliar o foco de análise, como feito nesta pesquisa, considerando o contexto histórico, programático, social, familiar e intrapsíquico para analisar o processo de resiliência.

A adjetivação é uma compreensão parcial/superficial que considera apenas os aspectos conscientes e comportamentais, e numa visão evolucionista e

estruturalista, ou as invulnerabilidades, como competências também em visão evolucionista, nos dois casos, desconsiderando os elementos e a dinâmica inconsciente, além do contexto psicossocial.

Fatores de risco estão associados a perigos potenciais, mas precisam ser compreendidos como potenciais, não sentenças, e contextualizados com os níveis pessoal, familiar, social e programático das vulnerabilidades. Pensando pela lógica dos fatores de risco e por meio de uma concepção constitucional, faz sentido intervir por meio de técnicas educacionais de promoção de resiliência, com desenvolvimento de habilidades, competências, no sentido da capacitação individual.

Pensando pela lógica das vulnerabilidades e por meio de uma concepção processual, faz sentido intervir por meio de técnicas de potencialização dos fatores de resiliência, no sentido de facilitar não só autoconfiança, flexibilidade, otimismo, bom humor, busca de sentido nas experiências e outros elementos potencializadores de resiliência admitidos pela concepção constitucional, mas também autonomia, conscientização das principais vulnerabilidades a que a pessoa está exposta e as vias de superação.

A partir dessa reflexão, alguns cuidados estão sendo tomados e são propostos para outros trabalhos com resiliência. Em relação a termos utilizados, a estratégia é trocar: habilidade, capacidade e qualidade por processo, fenômeno, trajetória e contexto; o verbo criar por potencializar; o verbo desenvolveu por experienciou; o verbo ser pelo verbo estar; competência por predisposição; estratégias de promoção por estratégias de potencialização; não considerando a resiliência como um estágio de desenvolvimento, mas como a conjugação de fatores potencializadores; e nunca como adjetivo, como seria em pessoa resiliente, ou mesmo em pessoa vulnerável, optando por pessoa apresentando processo de resiliência, pessoa exposta a vulnerabilidades.

Assim como a justificativa, no item anterior, para o uso do termo coping sem tradução, da mesma forma, o uso do termo adaptação na definição de resiliência é algo complicado. Em algumas bibliografias, é feita, pelo menos, a ressalva de que seria uma adaptação positiva. Complicado, primeiro, porque, considerando o processo de resiliência como reação a uma situação de grande adversidade, uma possibilidade realmente é a adaptação, se con-formar à situação,

como resistência superando obstáculos, como uma planta que germina apesar de sufocada pelo asfalto.

Por outro lado, adaptação pode também ser conformidade, submissão, alienação, e esse é um processo não saudável, por não haver superação nem saída fortalecida, seria um processo de se de-formar. Portanto, seria um coping, mas não um processo de resiliência. Portanto, em alguns casos, grandes adversidades pedem justamente não adaptação, resistência não para se con-formar, como no primeiro exemplo, mas no sentido de se in-con-formar, e é isso que faz com que algumas pessoas confiem e persistam quando outras desistem incrédulas.

Diante de uma situação desfavorável, injusta e perversa, como o racismo, por exemplo, passem pela re-volta e busquem des-adaptação, des-ajuste, autonomia, liberdade e uma vida com sentido, enquanto outras buscam massificação, segurança, aprovação social e adaptação ao status quo.

Cyrułnik, autor referência na temática de resiliência, traz essa discussão de que, justamente por seu caráter dinâmico e multideterminado, mais que adaptação, a resiliência é transcendência e superação (SEQUEIRA, 2009).

Retomando Barlach (2005, p. 100), sua pesquisa de mestrado foi a revisão crítica de teorizações sobre resiliência e, ao final, ela faz uma nova proposição do conceito de resiliência:

A resiliência é a reconfiguração interna, pelo sujeito, de sua própria percepção e de sua atitude diante da vivência da condição da adversidade ou trauma, constituindo esta, a partir de então, fator de crescimento ou desenvolvimento pessoal. A resiliência é uma condição interna (não observável, a não ser em seus efeitos) constatada numa demanda de adaptação do indivíduo frente a uma situação excepcionalmente adversa, ou mesmo traumática, caracterizada por alto potencial destrutivo ou desintegrador das estruturas e recursos pessoais, da qual resulta o fortalecimento dessas estruturas, o crescimento pessoal, a confirmação de sua identidade, o desenvolvimento de novos recursos pessoais, constituindo-se numa reação que transcende os limites de um mero processo de adaptação.

Dialogando com esse e outros conceitos apresentados, com o embasamento teórico psicanalítico e da psicologia social e com o quadro de vulnerabilidade e direitos humanos, apresenta-se, nesta dissertação, uma nova conceituação, considerando a resiliência como processo em contexto.

Resiliência é um processo de reorganização, ressignificação, superação e transcendência perante vivência de contexto potencialmente desintegrador.

Acessa recursos pessoais e coletivos, como: autoconfiança, otimismo, bom humor, autocontrole, flexibilidade, perseverança, bom relacionamento familiar e social, boa análise de situações, criatividade, pertencimentos, suporte social e programático, autonomia e sentido de vida.

5. Resiliência em mulheres negras e suas influências

Feita a exposição e discussão sobre mulheres negras, com seu perfil e aspectos psicológicos, na sequência sobre resiliência, suas definições e discussão crítica, chega agora o momento de conciliar essas exposições para fundamentar teoricamente o objetivo de descrever e analisar processos de resiliência em mulheres negras, considerando as influências da transmissão psíquica e dos pertencimentos.

Os próximos três itens fundamentam os objetivos específicos, no tocante a analisar essas incidências. A primeira influência advém da transmissão psíquica entre mulheres negras, incluindo descendentes, ascendentes e ancestrais, e garantindo a discussão sobre transmissão psíquica de resiliência. A segunda influência está relacionada aos simbolismos associados a mulheres negras de modo geral. A terceira decorre dos significados compartilhados em manifestações negras.

Os últimos dois itens discorrem sobre resiliência em negros e negras, refletindo sobre a especificidade do encontro desses dois focos.

5.1. Transmissão psíquica

Ao longo dos capítulos anteriores, foram apresentadas e discutidas teorias sobre a população negra, mulheres negras e resiliência, permitindo refletir sobre como as resistências e superações, ao longo de gerações, serviram não só para enriquecer a bagagem psíquica das que passaram por esses processos, mas, a partir dessas experiências das familiares negras anteriores e posteriores, alguns elementos seriam, de geração em geração, absorvidos, transmitidos, ressignificados, reinventados, fortalecidos, modificados; seja como for, como cópia, matriz ou reinvenção, eles passam de geração a geração.

Para discorrer sobre a dinâmica da transmissão psíquica, discutir conceitos e processos, com uma visão psicanalítica e considerando os vínculos sociais, um autor importante a ser trazido é Benghozi (2010).

Iniciando pela diferenciação feita pelo autor entre os conceitos de transmissão psíquica transgeracional e transmissão psíquica intergeracional. A primeira diz respeito à transmissão “bruta”, com conteúdo e forma preservados; a segunda fala de uma transmissão de conteúdo que foi antes ressignificado, reformulado, remoldurado, conscientizado ou contextualizado. Interessa identificar, nesta pesquisa, ambos os tipos de transmissão psíquica entre gerações.

Outros conceitos importantes para esta pesquisa são os de traço e impressão. Ambos são transmitidos de geração em geração, sendo traço o conteúdo exposto, marcado em positivo, revelado, e impressão o que foi marcado em negativo, vazado, não metabolizado e simbolizado, o continente. Na presente pesquisa, considerando que na coleta de dados, tanto um quanto outro pode ser exposto, é importante dedicar atenção a ambos os tipos de conteúdos, que estarão disponíveis nos aspectos verbais e não-verbais, tomando o cuidado de fazer sua diferenciação na análise do conteúdo (BENGHOZI, 2010).

Interessante pensar que, no caso de mulheres negras, não só suas vivências podem fornecer subsídios para os conteúdos a serem transmitidos entre gerações, com os respectivos sentimentos, pensamentos, sensações, entre outros, mas as experiências individuais podem ganhar o complemento dos subsídios advindos da história da população negra e de mulheres negras no Brasil. Esta se apresenta recheada de elementos vazados, já que é uma história com vários dados históricos omitidos, deturpados. Há ainda uma característica específica que é o fato de ter sido negado a essa população o direito a manter seus nomes, costumes, religiões.

Ainda fazendo uso do conceito de impressão, no sentido proposto por Benghozi, para pensar essa realidade específica e os conteúdos transmitidos entre gerações, faz sentido pensar que as impressões podem ter garantido a presença de elementos que socialmente foram forçados à exclusão, por intolerância, dominação política, discriminação racial, entre outras imposições. Com esses elementos reprimidos à força, pode ocorrer uma modificação de continente, ou mesmo a manutenção de elementos em forma de continente, já que como conteúdo foram proibidos. Esse foi um processo frequente no Brasil, como exposto no histórico sobre a população negra, sobre mulheres negras e no item sobre pertencimento a manifestações negras.

Diante, pois, desses aspectos históricos, com esse passado de repressão dos elementos negros e conseqüente resistência, a transmutação de elementos proibidos, presente nas religiões, culturas e intelectualidade negras, é o próprio exemplo da plasticidade, que foi exercitada individualmente, coletivamente e, também, ingrediente da transmissão pela oralidade e pela transmissão psíquica.

Assim como na vida social, os elementos psíquicos reprimidos teriam resistido, disfarçados, omitidos ou reinventados, como impressões subjacentes a traços. Importante ter em mente esses aspectos para aumentar a compreensão dos conteúdos coletados, possibilitando identificar significados outros a partir da experiência coletiva e transgeracional.

Outro aspecto a ser refletido, e que conta também com contribuições dos textos de Benghozi, é a necessidade de considerar, e, portanto, investigar não apenas influências transgeracionais positivas e saudáveis, mas também ponderar influências que diminuam a probabilidade de processos resilientes, ou, indo mais fundo nessa possibilidade de influências negativas, ponderar a transmissão de aspectos patológicos de continente. É crucial compreender que, apesar dessas três possibilidades de influências transgeracionais, elas não são determinantes de processos específicos em quem as recebe. Até porque, em diferentes momentos da vida, a potencialidade e efetivação da resiliência pode ter significativas alterações.

Assim sendo, uma ascendente pode receber de uma descendente (considerando que transmissão psíquica pode ser tanto de ascendentes para descendentes como no sentido inverso) muitas influências potencializadoras de resiliência, mas apresentar frequência inversamente proporcional de processos de resiliência.

Da mesma forma, uma descendente pode receber aspectos patológicos de continente, e fazer uma espécie de processo alquímico em que essa herança seja ressignificada, reformulada e ela consiga apresentar frequentes processos de resiliência, inclusive transmitindo para outras gerações influências positivas. Nesse caso, como há alteração do estilo de influência recebida, com modificações entre a recebida e a transmitida, trata-se de uma transmissão psíquica intergeracional, conforme explicado no início deste trecho.

Além da contribuição teórica da distinção dos tipos de transmissão psíquica, no caso especial da pesquisa será muito útil diferenciar não só as

influências dos vínculos de filiação e de afiliação sobre os processos de resiliência dessas mulheres negras, mas acionar, na análise, um recorte que examine de forma crítica que tipo de transmissão está ali registrada. Desse julgamento crítico, podem surgir maiores possibilidades de discussão dos resultados, enriquecendo o espectro de análise e permitindo não só conclusões mais complexas, mas também permitindo sugerir a futuras pesquisas outras ferramentas de análise, ou mesmo pesquisas que se dediquem especialmente à análise de transmissões transgeracionais e intergeracionais nos processos de resiliência dessa população. Enfim, abre-se o leque de possibilidades analíticas e metodológicas.

Os textos desse autor contribuem, também, para confirmar a coerência dos objetivos específicos e do desenho metodológico adotados. Desde antes do contato com essa bibliografia, o interesse era analisar fatores potencializadores do processo de resiliência, tendo escolhido, como objetivos específicos (que, por sua vez, pautam o desenho metodológico) a influência, em primeiro lugar, da transmissão psíquica entre gerações de familiares negras, e, em segundo lugar, a influência de pertencimentos (simbolismos associados à imagem de mulher negra e significados compartilhados em manifestações negras); esses dois vetores de influência já eram compreendidos, respectivamente, como influências verticais e horizontais.

Nesse ponto, seus textos confirmaram a coerência dos delineamentos e alicerçaram o trabalho, especialmente com os conceitos de malhagem, filiação e afiliação, expostos na sequência.

Segundo Benghozi (2010), o conjunto de vínculos psíquicos forma uma malha de vínculos, mais especificamente, constituída por vínculos de filiação e de afiliação. Os primeiros são os associados a descendentes e ascendentes, não só a ligações genéticas, mas todas as ligações significativas, por isso vínculos. Os de afiliação, por sua vez, são concernentes a vinculações não com pessoas, mas com ideologias ou grupos ideológicos. A malha é justamente o conjunto de vínculos de filiação e de afiliação. Nesta pesquisa, os vínculos de filiação estão contemplados no primeiro objetivo específico e os de afiliação no segundo e no último.

Outro conceito a ser inserido é o de malhagem, que se refere ao próprio processo de configuração em malha. A malhagem pode ser estabelecida favorecendo a trama, a manutenção do conjunto dos vínculos, ou pode também ser

instituída de modo que predisponha a trama a sofrer um rombo, processo este inverso à malhagem, e, por isso mesmo, denominado por ele como desmalhagem. A dinâmica de vínculos interconectados poderia, ainda, se reconfigurar, restabelecendo a trama, por meio de processo denominado remalhagem.

Dando mais minúcia à incidência da transmissão psíquica sobre processos de resiliência, pode-se discutir como os fenômenos experienciados podem fornecer elementos para os conteúdos transmitidos transgeracionalmente, potencializando (ou não) resiliência em outras gerações.

Para isso, são apresentadas pesquisas e teorias dedicadas à dinâmica da resiliência em família, e como ela é transmitida entre gerações, com textos mais específicos sobre a temática, e também referências que não são especificamente sobre a temática, mas subsidiam a discussão.

Benghozi, em texto de 2005, esquematiza a resiliência familiar, pautado na perspectiva psicanalítica dos laços. Com essa base, torna-se coerente pensar que, em situações traumáticas há uma desmalhagem catastrófica, como uma desfiguração que os laços sofrem sob a pressão do trauma.

No caso de mulheres negras brasileiras, vários são os traumas históricos e familiares que podem estar inscritos, desde a forma como a população negra foi raptada em seus países de origem, trazida e mantida aqui sob condições sub-humanas, animalizados, inferiorizados, mantidos como objetos a serviço do trabalho e do prazer de seus senhores, permanecendo nos dias atuais muitos elementos traumatizantes. Não só a população negra foi condenada a famílias “desestruturadas”, mas os laços psíquicos sofreram influências negativas. O panorama é de mulheres negras figurando, por gerações e até hoje, em piores condições sociais, mais expostas a mazelas de saúde, econômicas, afetivas. Enfim, sob esse quadro, faz muito sentido pensar em laços psíquicos dilacerados no contexto de situações traumáticas.

Apesar desse quadro, diante de laços psíquicos dilacerados por uma desmalhagem catastrófica, com prejuízos psíquicos, afetivos e sociais, é possível pensar na resiliência familiar como um processo que tem a capacidade de remalhagem (reconstituição da rede de laços).

Interessante, diante das teorias desse autor, pensar que essa remalhagem é possível graças à capacidade da família de reconstituir os laços

psíquicos de filiação (descendência/ascendência) e afiliação (pertencimento), conceitos essenciais para esta pesquisa. No conceito de filiação, ele já fala de ascendentes e descendentes, e estende essa influência a ancestrais. Portanto, justifica a necessidade de contextualizar em configurações familiares, trans/intergeracionais e sócio-históricas a análise de experiências atuais de mulheres negras.

Trazendo para o diálogo Vasconcellos e Ribeiro (2006) e Walsh (2005), pode-se dizer que a resiliência familiar e a remalhagem não têm garantida a erradicação do sintoma ou isenção de prejuízos; funciona mais como a busca de uma reconstituição criativa e alternativa que, em lugar de produzir sintoma, devolve a crença na capacidade da família, transmitindo a potencialização de superações.

Souza (2004; SOUZA; CERVENY, 2006) é autora que contribui para a compreensão da dinâmica familiar, demonstrando que o trabalho com psicoterapia familiar, por exemplo, pode potencializar a resiliência da família. Considerando as exposições anteriores, fica coerente essa proposta, já que, ao passar por processo de resiliência, a família acaba potencializando processos futuros por parte de seus membros, entre outros motivos, por aumentar a segurança e otimismo.

Ansara (2008), por sua vez, é trazida como contribuição por utilizar um modelo que conceitua a identidade coletiva como constitutiva de laços e coesão entre pessoas que dividem o sentimento de pertença em relação a determinado grupo ou característica. Com esses laços valorizados, alcançam expectativa positiva em relação à capacidade do grupo. Faz muito sentido essa concepção ao se pensar que a ocorrência da resiliência tem forte influência da autoconfiança, e que resultados exitosos retroalimentam a autoconfiança.

Tendo sido historicamente frequentes, as estratégias de superação, com constante resolução, contribuem para a construção da autoconfiança, num ciclo de retroalimentação. Isso funciona tanto para a autoconfiança individual quanto para a confiança no grupo de pertença. Assim, se a família, grupo racial, entre outros, tem histórico de resoluções satisfatórias, isso favorece o sucesso em novos desafios; se há histórico de superações de grandes adversidades com processos resilientes, conseqüentemente, há a potencialização (como aumento de probabilidade, não como determinação) da resiliência, a partir dos sucessos anteriores e a cada novo desafio.

5.2. Simbolismos associados a mulheres negras

O tema do enraizamento se insere no percurso teórico para permitir compreender, na abordagem psicológica das relações raciais, a influência das comunidades de origem sobre a autoimagem e a conduta de mulheres negras. Em especial, a influência dos pertencimentos, seja pertencimento a um perfil social, como mulher negra, seja pertencimento a manifestações negras, pertencimentos esses que correspondem a dois dos objetivos específicos.

Weil (2001) conceitua o enraizamento como um fenômeno natural, real e inerente à convivência ativa em comunidade, esta trazendo, de forma vitalizada, bagagens valiosas do passado e embriões de futuro. A naturalidade do fenômeno refere-se ao caráter de inserção no grupo por meios espontâneos de pertencimento, como nascimento, lugar, profissão, meio. No caso de mulheres negras, estas naturalmente estão inseridas na comunidade de mulheres, de negros, de mulheres negras propriamente ditas, e podem também estar inseridas em outros grupos, como os relativos às profissões que exerçam ou cidade onde vivam, entre outros aspectos.

Ela conceitua não apenas o enraizamento, mas também o processo inverso, provocado por alienação ou imposto pela força, que é o processo de desenraizamento, de perda de ligação com os elementos de enraizamento. E ao falar do imperativo humano intrínseco de ter raízes, ela enfatiza, no enraizamento, seu caráter de necessidade humana, necessidade essa tão importante quanto desconhecida.

A teoria do enraizamento de Weil está inserida aqui porque mulheres negras constituem um grupo populacional, portanto passível de enraizamento e desenraizamento por parte de suas integrantes, além do fato desse grupo estar configurado por características gerais e simbolismos comuns. Ao se enxergar ou ser enxergada como mulher negra, a pessoa automaticamente passa a estar de alguma forma ligada a esse grupo, assimilando características desse grupo de pertencimento e as somando, construindo um perfil pessoal. No caso de mulheres negras, assim como outras figuras sociais, esse perfil agrega também aspectos de

expectativa social que formam o respectivo estereótipo, conceito definido no item “Psicologia e relações raciais”.

Ao ser projetado sobre a pessoa, pode ser por ela assimilado ou rejeitado, consciente ou inconscientemente. E, sendo assimilado, pode ser congruente ou não às reais características pessoais e da autoimagem. Por último, atender ou não à expectativa social tem a ver com uma necessidade de aprovação e integração, como no caso do embranquecimento a que são submetidas mulheres negras e que, muitas vezes, assimilam. Cruelmente, mesmo se anulando e buscando ser outra pessoa, isso não garante atingir os objetivos, e geralmente é insuficiente.

Em trabalho do Instituto AMMA Psique e Negritude (com Pompeu, 2008), pessoas foram entrevistadas nas ruas e no ambiente de trabalho, as quais informaram as imagens que relacionam a negros, surgindo informações constituintes do estereótipo associado a mulheres negras. A despeito de uma maioria de estereótipos negativos ou que constata sua condição desfavorável, como mais sofridas, tendo o mundo contra elas, mais discriminadas, muito sofridas, surge também a representação de mulheres negras, no imaginário social, com características positivas: guerreiras, fortes, resistentes, capacidade de se reerguerem e a seu povo, reencantando e reconstruindo a história.

A partir dessas afirmações de força, resistência e superação, seria fácil e equivocado supor que tais aspectos façam parte da natureza de mulheres negras. O equívoco está, inclusive, na consideração de que haja uma natureza ou essência de mulheres negras ou de qualquer outra figura social. Consideração esta contestada a partir da concepção de que todas essas características são constituídas psicossocialmente, a partir de elementos de personalidade e desenvolvimento individual, mas também por contextos sócio-históricos e educacionais.

Mesmo não sendo característica intrínseca e natural, é frequente não apenas no imaginário social, mas assimilada à autoimagem e ao perfil de personalidade de mulheres negras. Talvez faça parte de uma autoexigência e uma expectativa social de que mulheres negras são ou devem ser guerreiras, as quais acabam sendo cumpridas com onerosas cargas emocionais, podendo levar a consequências danosas à saúde psíquica e orgânica.

Como citado anteriormente, a publicação do Instituto AMMA Psique e Negritude e Pompeu (2008) expõe elementos do imaginário social que ilustram o estereótipo de mulheres negras como guerreiras, que resistem, apesar de sua dor, cuidam de seu povo e guardam sua história. Além disso, oferece subsídios para a compreensão da configuração psicossocial do racismo e seus efeitos. Essa imagem poderia ser compreendida justamente como um efeito do racismo.

Diante de cicatrizes emocionais, após longo período de discriminações, e para reagir a isso e continuar seguindo, são necessárias estratégias de defesa e recursos internos. A assimilação do estereótipo e o desempenho como guerreira podem funcionar como estratégia de defesa e recurso de enfrentamento para reagir e superar as adversidades devastadoras. Algumas vezes, o desempenho desse papel ocorre independente de recursos internos para tal e, ao tirar forças do vazio, nova chance de comprometimentos. Outra alternativa é a resignificação das experiências de sofrimento e dos recursos internos, a partir de interpretação favorecida por autoconfiança; as adversidades e os recursos re-mensurados dão novo saldo à disputa entre desafios e forças, possibilitando a superação.

Outra referência teórica, Carneiro e Curi (2008), aponta as características presentes no simbolismo associado a esse grupo populacional, incluindo os aspectos discutidos. Sinaliza um “passado de luta, determinação e resistência da mulher negra (...) que as leva a enfrentar as adversidades, sejam de que ordem forem”.

Essa forma de enfrentar vulnerabilidades não parece ser apenas uma reação desafiadora às fontes de intensas adversidades, o que já seria, por si só, um grande feito, coexistindo, incrivelmente, lamento e alegria, raiva e garra, dificuldade e determinação, desafio e superação. Talvez sejam características, entre outras historicamente construídas e transmitidas entre gerações, à disposição (como matriz ancestral) da constituição da autoimagem e personalidade de cada mulher negra, e que explicariam sua incessante resistência e a própria alegria e a garra como recursos de resistência. O que parece propiciar que, mesmo diante das vulnerabilidades várias, essas mulheres negras possam se valer de eficientes formas de superação, em franco movimento de resiliência.

5.3. Significados decorrentes do pertencimento a manifestações negras

A afiliação é outra forma de enraizamento (processo discutido no item anterior e que terá continuidade neste), que ocorre pela entrada em determinada comunidade. No caso desta pesquisa, interessaram comunidades e significados associados a manifestações negras, sendo um dos objetivos específicos analisar a influência dos mesmos sobre processos de resiliência em mulheres negras.

A ativação do enraizamento ocorre quando pessoas se colocam entre outras, especialmente em grupos que conservam um passado, que mantêm heranças. Ensinaamentos, conselhos e regras sociais podem ser transmitidos oralmente pelos mais velhos. Elementos materiais também podem ser passados de uns a outros membros de um grupo. Dessa forma, cada membro recebe a herança do passado, é informado dos princípios e se localiza nessa comunidade e na vida e, assim, pode construir o futuro. Sendo assim, o desenraizamento compromete a unidade com o grupo, a ligação com o passado e a autonomia.

Frochtengarten defende a importância não só da preservação do enraizamento, mas também da memória oral, que é uma das mais presentes estratégias de preservação de heranças. Ele afirma que “o passado narrado assume um caráter de resistência frente à ameaça de desenraizamento” (2005).

Nas manifestações negras, é central a oralidade na transmissão de conhecimentos, como os religiosos, memórias e histórias. Uma figura importante é o griô, função de quem se responsabiliza pela transmissão de tradições e conhecimentos. E na história do Brasil, onde a religiosidade e a cultura africanas foram perseguidas, uma forma de resistência foi a transmissão oral dos conteúdos, por gerações, inclusive de modo disfarçado. A oralidade é igualmente presente nas diversas manifestações negras; a ladainha, com invocações, poesias, orações, diálogos, é expressão marcante na capoeira, samba de roda, entre outras.

Outra característica marcante nas manifestações negras é a formação em roda, presente nas religiões, capoeira, sambas, jongo, entre outras. Uma formação grupal que predispõe ao vínculo, à troca e à confraternização. Sentir-se acolhido(a) e incluído(a), entre pessoas com as quais se tenha identificação e

ligação significativa, segundo Gonçalves Filho (2011), é ingrediente de pertencimento e pré-requisito para que pessoas possam saborear e compartilhar o prazer; uma experiência individual e social.

O enraizamento não se apoia em passado ou futuro idealizados, mas em aspectos vividos e coerentes com a experiência. Isso é defendido por Bosi (2004), que faz uma leitura da realidade brasileira à luz da teoria de Simone Weil sobre enraizamento, discutindo as características da identidade brasileira influenciada por imigrações. Uma identidade baseada em passados vividos em outras regiões.

Seria interessante ter considerado que a maior parte da população brasileira é descendente de um povo que veio não como imigrante, mas raptados, arrancados à força de sua terra, suas comunidades, e que, aqui, foram impedidos de manter suas tradições e expostos a séculos de discriminação. Qual o impacto devastador de tamanho golpe? Sem se ater aos impactos, surgem perguntas mais importantes para esta pesquisa. Apesar do golpe, como foi e é possível resistir? E como os pertencimentos ainda presentes influenciam resistências e superações?

Interessante observar que a atribuição de resistência, representação comumente associada à postura individual e coletiva de mulheres negras, também é comum no histórico das manifestações negras. Muitas surgiram como espaços de resistência, como estratégias de manutenção (declarada ou disfarçada) de tradições e como reação tanto à violência quanto à tentativa de extermínio real e simbólico impostas ao povo negro. As manifestações negras têm sido também, ao longo de gerações, a fonte de significados compartilhados para novo enraizamento por aqueles que foram alienados de suas origens.

Pensando na dinâmica da resiliência, onde são facilitadores o pertencimento, sentido de vida, crença na capacidade do grupo e suporte social, torna-se importante o retorno às origens e a ressignificação da negritude como estratégias de fortalecimento para superação. Estratégia essa utilizada não só por mulheres e manifestações negras, mas pelos ativistas de modo geral, como descreve e analisa Munanga (2010):

A construção dessa unidade, dessa identidade dos excluídos supõe, na perspectiva dos movimentos negros contemporâneos, o resgate de sua cultura, do seu passado histórico negado e falsificado, da

consciência de sua participação positiva na construção do Brasil, da cor de sua pele inferiorizada etc... Ou seja, a recuperação de sua negritude, na sua complexidade biológica, cultural e ontológica. (p. 447).

Em outras bibliografias também se encontra a organização e a resistência como elementos presentes na história de negros(as), e que nem sempre são reconhecidos, quando a história os(as) retrata servis. Negros(as) não sofreram quietos(as), conformado(as), entregues.

Pelo contrário, como informa Bento (2001), resistiram, revoltaram-se, organizaram-se e lutaram. Alguns exemplos de resistência negra são os quilombos, a capoeira, religiões de matrizes africanas, grupos de mulheres alforriadas que compravam alforria de outros(as), o herói Zumbi e o Quilombo de Palmares (símbolo de resistência e de organização democrática, a primeira da América Latina), a Revolta da Chibata, os movimentos teatrais (como o Teatro Experimental do Negro), movimentos jornalísticos negros, clubes negros e grupos negros católicos (como a Ordem de Nossa Senhora dos Homens Pretos, a Pastoral Afro), grupos de congada, jongo, tradições musicais, linguagens corporais, grupos intelectuais (de afrocentricidade, acadêmicos, entre outros), organizações do movimento social (como a Frente Negra Brasileira), a resistência linguística com permanência de boa quantidade de banto e iorubá na língua portuguesa brasileira, a conservação das tradições orais, entre muitos outros exemplos.

Várias expressões negras, como manifestações, rituais, símbolos, práticas, vestimentas, foram reprimidas. Algumas sofreram sério prejuízo em sua preservação; foi constante, por outro lado, a resistência, com luta pela preservação, e muitas foram remodeladas, sendo disfarçadas ou sincretizadas. Entre vários possíveis exemplos, a cultura da capoeira foi perseguida, inclusive oficialmente pelo governo, como exposto anteriormente no histórico da população negra, e houve muito esforço do povo negro para preservar essa arte afrobrasileira (BENTO, 2011).

No caso da religião, elementos das matrizes africanas foram sincretizadas a elementos do cristianismo; enquanto eram proibidas, passaram a criar estratégias para cultuar suas figuras sagradas atraindo menos perseguição, por exemplo, disfarçando alguns procedimentos (fingindo cultuar santos católicos para

poderem cultuar orixás); também ocorreu de os negros cercarem sua religião de mistérios buscando segurança e preservação.

No caso da língua, várias palavras do iorubá e do banto formam a língua portuguesa do Brasil, apesar de não haver conhecimento sobre essa grande presença na linguística (FEITOSA; FUNARI; ZANLOCHI, 2012). Já no caso do arcabouço intelectual africano, vários conhecimentos, técnicas, tecnologias, processos de trabalho e conhecimentos científicos foram assimilados ou apropriados pela sociedade escravista, suas universidades, lavouras, minas, entre outras, e desde então, até hoje, isso não é reconhecido e atribuído a quem, de fato, trouxe essa bagagem para o Brasil; nem aos nativos que já a possuíam.

Seja por luta, por estratégia de disfarce, por assimilação, sincretismo, enfim, pelas diversas estratégias citadas ao longo do texto, foi comum o exercício da resistência. A referência aos fatos como os agora narrados é feita na própria definição de resistência negra pelo Instituto AMMA Psique e Negritude e Pompeu:

A resistência negra aconteceu através de fugas, suicídios, assassinatos de senhores, feitores e capitães do mato; rejeição ao trabalho e também por seus cultos, rezas e danças. A formação de quilombos foi a forma mais elaborada de resistência empreendida pelos escravos. (2008, p. 77)

De Souza (1990), vem a contribuição teórica para ressaltar o fato de que negros(as) não nascem com identidade negra, inclusive pela incidência do racismo que impõe o branqueamento como via de aceitação social. Tornar-se negro (título do livro) é um ato político de consciência, contestação e busca de autenticidade; em outras palavras, significa conhecer seu contexto sócio-histórico, resistir às imposições do racismo e resgatar suas raízes. E aqui entra a importância das manifestações negra, que fornecem elementos para cada um desses três aspectos de formação de identidade negra politizada.

Enfim, vários são os grupos de manutenção das tradições e luta por igualdade, sendo a resistência ideológica um dos elementos centrais das manifestações negras, sejam elas culturais, políticas, intelectuais ou religiosas. Em comum também, o fato de oferecerem a negros e negras oportunidades de

enraizamento inicial ou retorno após desenraizamento, ou seja, uma possibilidade de reconciliação com suas origens, conhecimento de sua história e reconexão com ancestrais. E, como exposto, muitas vezes, ficou (e ainda fica) a cargo da mulher negra a missão de guardar as tradições das manifestações negras, de assumir e liderar a resistência.

5.4. Resiliência em negros(as)

O caráter de resistência presente em manifestações negras, exposto e discutido no item anterior, leva a considerar que os significados compartilhados por seus membros podem contribuir para a potencialização de processos de superação de grandes adversidades, dessa forma, contribuindo para a resiliência em negros(as).

Pesquisadores(as) de resiliência, como Luthar e Cicchetti (2000), alertam para a importância de considerar, numa sociedade multicultural, processos que contribuem para adaptação resiliente considerando-se diferentes origens culturais, étnicas e raciais. A importância da mediação da cultura em processos resilientes é tema constante também em publicações de Ungar (2006; 2008).

Em relação aos estudos sobre resiliência com recorte racial, Utsey tem vários textos que afirmam ser essencial o coping positivo e o contexto cultural para aumentar a probabilidade de superações em eventos futuros. Outros ingredientes das estratégias de coping são os aspectos de coletividade, próprios de agrupamentos de modo geral, encontrados, portanto, no pertencimento a manifestações negras. Omar e colaboradores (2010) fazem um bom resgate das pesquisas de Utsey, apresentando os efeitos do stress mediados por valores culturais.

Comparando países, pesquisas demonstraram que estadunidenses e europeus optam por estratégias de coping de estilo individual, com busca de autonomia e liberdade de expressão. Africanos e asiáticos, por outro lado, optam por copings baseados no coletivismo, interdependência, vínculos familiares e grupais. Os estudos científicos sobre resiliência em negros, apesar de pouco frequentes (a

maioria deles pesquisas estadunidenses), já conseguem apontar algumas tendências nas afirmações.

Corroboram o que Clavert (2011) afirma sobre a presença marcante do espírito de coletividade na sociedade de muitos países africanos. Um exemplo é a concepção de que as crianças não são responsabilidade de seus pais, mas de toda a comunidade. Ele conclui que a formação da personalidade leva a interesses grupais superando os individuais. E com isso dá mais subsídios para compreensão dos achados científicos em pesquisas sobre resiliência em negros.

Voltando a Omar e colaboradores (2010), uma primeira tendência dos estudos sobre resiliência em negros é que afirmam a diferença de estilo nas comunidades de origem, em nível populacional, nacional, e como isso interfere em diferenças nos estilos de resiliência; já conseguem, inclusive, discutir até que ponto cada estilo apresenta vantagens. Outra revelação comum e importante nesses trabalhos é a relevância dos pertencimentos raciais para a potencialização da resiliência. E um terceiro ponto comum é a significativa influência da autoestima positiva sobre a autoconfiança e consequente superação de adversidades.

Essa concepção encontra eco nos estudos de Baldwin et al. (2011), Brown (2011) e Teti et al. (2012), também estadunidenses, que pesquisam resiliência no grupo racial negro, associando esse processo a aspectos pessoais e sociais, como, por exemplo, otimismo e socialização racial. Confirmam que autoconfiança (muitas vezes advinda de superações anteriores) e enraizamento racial contribuem para a potencialização da resiliência.

Outro autor a contribuir para as reflexões acerca da resiliência em negros(as) é Efraime Júnior (2013), psicólogo moçambicano, que não trata especificamente de resiliência, mas aborda a superação de traumas de guerra. Relata as feridas que marcam crianças submetidas a períodos de guerra, e como o trabalho psicoterapêutico e psicossocial pode contribuir para o processo de elaboração do trauma psíquico. Como desafios nesse processo, cita a importância do restabelecimento do vínculo com a família e a comunidade, práticas rituais que estimulem a reconstituição psíquica, terapias tradicionais e outras estratégias para restabelecimento de capacidades como a de amar e estabelecer vínculos.

Considerando-se que negros(as) brasileiros(as) vivem hoje o contexto de várias vulnerabilidades, e trazem marcas da experiência de exposição a

contextos de violência desde a escravidão, inclusive com taxas de homicídio que caracterizam genocídios, as ponderações teóricas desse autor sobre superações de traumas no país africano contribuem para compreender resiliência em negros(as) nesta sociedade.

Em âmbito nacional, pode-se citar uma pesquisa de Mestrado em Educação, desenvolvida por pesquisadora autodeclarada negra, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com título “A resiliência ao longo da vida de afrodescendentes” (NADAL, 2007). A autora teve por objetivo analisar a narrativa de afrodescendentes considerados bem sucedidos, com resultados resilientes ao longo da vida, além de investigar como se deu esse processo, o aporte do Estado, família e escola, e, ainda, quais elementos, mecanismos, experiências, atitudes e procedimentos prejudicam ou favorecem resiliência em afrodescendentes.

Três contribuições interessantes da pesquisa são o uso da resiliência considerando sua natureza sistêmica (aspectos pessoais, família, comunidade, cultura e sistema político), a consideração do nível programático (políticas públicas) como interveniente e a proposta de ações em políticas públicas para potencialização da resiliência na população negra. Desta forma, dialoga com a adoção, nesta pesquisa, da abordagem psicossocial que considera os níveis individual, social e programático das vulnerabilidades, e dialoga também com a consideração crítica da resiliência não como capacidade individual, mas como processo em contexto.

Como elementos mais marcantes na potencialização da resiliência no desenvolvimento pessoal, Nadal (2007) cita valores morais, vínculos de afeto com familiares e outros e aprendizagem por modelo, contribuindo esses aspectos para autoestima positiva, autoconfiança e motivação para realização. No desenvolvimento profissional, destaca persistência, competitividade, bom humor, respeito, solidariedade, ética, entre outros.

Outra referência nacional, na área de psicologia, traz reflexões sobre relações raciais, efeitos do racismo sobre o desenvolvimento psíquico e psicossocial, e ainda, sobre resiliência em negros(as). Trata-se de Guimarães e Podkameni, que escrevem em coautoria (nessa ordem de autoria em 2008, inversa em 2007) acerca dos efeitos do racismo sobre a subjetividade da família afrodescendente, a partir de teorias da psicanálise de Winnicott.

Discorrem sobre as marcas psicológicas causadas pelo olhar que o negro recebe, desde bebê, em princípio de sua família, depois da escola e então de toda a sociedade, um olhar que pode ser acolhedor, de apoio, troca, ou que desqualifique, censure, humilhe. A família, em princípio, teria um olhar suficientemente bom, mas, muitas vezes, ao retornar a criança atingida pelo olhar negativo recebido na escola, não encontra na família suporte porque ela mesma reedita traumas vividos e não elaborados.

Afirmam que há possibilidade de reação a todo esse processo de discriminação, com ressignificação da negritude e reparação dos danos psíquicos do racismo. A reversão ou prevenção dos danos do ambiente social não acolhedor e adoecedor se dá, segundo eles, por meio de estratégias como a rede de sustentação coletiva, com promoção de suporte, acolhimento, contenção, apoio, troca, segurança. E não falam apenas de recursos sociais, mas também programáticos, como programas e ações nas áreas de educação, saúde, cultura. A partir de meio suficientemente bom, é possível recuperar dinâmicas de continuidade e confiabilidade, propiciando manutenção de um espaço potencial, resiliência e resgate identitário.

Ainda segundo os mesmos autores, pode-se afirmar que o início da construção de um processo de resiliência, anterior a qualquer intervenção, a qualquer ambiente social secundário e ampliado, se dá no desenvolvimento psicoafetivo, quando são constituídos recursos internos que serão acionados no desencadeamento do processo de resiliência. Esses recursos são construídos no núcleo familiar, por meio dos primeiros vínculos e do narcisismo primário. Elementos como autoconfiança, positiva autoestima, boa relação interpessoal, empatia, entre outros, vão se desenvolvendo ou não, a partir do tipo e qualidade do olhar da mãe, do pai e, na sequência, da família em relação àquele novo ser.

Ao longo da vida, o olhar dessas figuras significativas e de outras que vão se somando continuam influenciando os elementos citados.

Esses olhares especulares primários, acrescidos aos componentes da família, transformam-se num complexo espelhar, e constituem-se memória de vividos, formando o campo imaginário que será o espaço potencial desse ser em construção. Entendemos que, em relação à população negra, essa primeira etapa da trajetória vital torna-se o

grande legado herdado e transmitido transgeracionalmente pelas mães, pais e famílias negras a seus filhos. Acreditamos que foram esses ingredientes básicos, essenciais e indelévels, que formaram as comunidades quilombolas, que fomentaram as rebeliões negras, que criaram as confrarias religiosas negras e as caixas de poupança para alforrias, que elaboraram a rearticulação e a reposição do panteão de deusas e deuses africanos nas comunidades de terreiro (GUIMARÃES; PODKAMENI, 2008).

Essa reflexão permite localizar o lugar crucial dos pertencimentos a manifestações negras como resultado e como fomento da resiliência. Permite, ainda, reforçar a importância dos conceitos de malhagem, filiação, afiliação, enfim, da psicanálise dos vínculos sobre o processo de resiliência. Estes conceitos, discutidos anteriormente neste capítulo, têm também embasamento psicanalítico e são harmônicos com essa reflexão, ao mostrarem como os vínculos familiares e o pertencimento a manifestações negras vão influenciando a resiliência ao longo da vida.

5.5. Resiliência em mulheres negras

As definições e discussão sobre resiliência trouxeram a contribuição de que resiliência é mais que ausência de comprometimentos, significa passar por grandes adversidades, com efeito menos devastador que o constatado em situações semelhantes, onde a pessoa, ao invés de sucumbir, acessa recursos e suportes e alcança superação e transcendência.

Apesar de mulheres negras estarem frequentemente exercitando esse processo, por estarem expostas a vulnerabilidades várias, nos níveis individual, social e programático, como exposto anteriormente, são muito poucas as pesquisas que se dedicam a esse perfil populacional.

Mulheres negras aparecem nas pesquisas, por estarem nos grupos em vulnerabilidade pesquisados, aparecem como sujeitos de pesquisa, mas raramente o recorte racial e de gênero é feito, até mesmo na descrição desses

sujeitos, pois raramente é feita a coleta e informação da constituição racial da amostra. Em outros pontos da pesquisa, como na análise dos resultados e conclusões, ainda mais raro encontrar pesquisas que façam a discussão com recorte racial e de gênero.

Uma pesquisa recém-defendida dedicou foco à resiliência em mulheres negras, com o título “Afrorresilientes: a resiliência de mulheres afrodescendentes de sucesso educacional”, realizada por Martins (2013), durante Mestrado em Educação na Universidade Federal do Piauí. A pesquisadora é psicóloga, autodeclarada afrodescendente, e desenvolveu a pesquisa com o objetivo de identificar modelos de resiliência desempenhados por mulheres afrodescendentes com ascensão educacional.

Resgatando a “Discussão crítica” sobre resiliência, feita no capítulo anterior, interessante atentar para os perigos da concepção que trata a resiliência como adjetivo, como, em alguns pontos, pode transparecer a pesquisa de Martins (2013). Por exemplo, quando a resiliência é interpretada como competência, habilidade, estágio de desenvolvimento. Apesar de a autora alertar, durante o texto, para a necessidade de considerar a resiliência em sua concepção processual, interpretações baseadas na concepção constitucional podem ocorrer durante a leitura, ou talvez tenham ocorrido por parte da própria pesquisadora. É o que parece indicar o título, ao utilizar os termos “Afrorresilientes” e “resiliência de mulheres afrodescendentes”, ambos apontando para a visão essencialista e adjetivante.

Independente de divergências nas concepções de resiliência, interessante observar o tema se expandindo por outras universidades e ganhando mais pesquisas e contribuições. A pesquisa traz como principal relevância, e em consonância com esta pesquisa, o foco em pontos saudáveis, dando destaque ao que propicia superação, ao invés de focar em mazelas. Dessa forma, ao buscar mensurar elementos de resiliência, procura identificar o que potencializou esse processo, permitindo que aquele grupo de mulheres negras pudesse superar os desafios presentes, alcançando sucesso educacional, entre outras conquistas. Discute habilidades que, configuradas como modelos de crença determinantes, apareceram evidenciadas nos resultados, incluindo análise do contexto, autoconfiança, autocontrole, conquistar e manter pessoas, empatia, leitura corporal, otimismo e sentido de vida.

Outra pesquisa, desenvolvida por Carvalho (2008) no Mestrado em Política Social (Escola de Serviço Social) da Universidade Federal Fluminense, teve como público-alvo mulheres negras e fez um estudo conciliando resiliência e empoderamento, propondo um termo que agregaria ambos: autonomia superativa e emancipatória. A autora, também autodeclarada negra, afirma que, em virtude do panorama de vulnerabilidades a que estão expostas, mulheres negras desenvolveram estratégias para superar discriminações, com importante influência de familiares ou outras pessoas significativas. Destaca o que nomeia como atual solidão das entrevistadas, já que a maioria delas não tem relacionamento estável, e hipotetiza se o desenvolvimento profissional, a ascensão social e a renda seriam dificultadores de relações afetivas.

Portanto, as pesquisas encontradas, que tratam de resiliência em mulheres negras, estão nas áreas de Educação e Serviço Social. Sendo esta uma pesquisa da área de Psicologia, foi necessário agregar as pesquisas de outras áreas, conciliar com teorias da psicologia que enfocam relações raciais com recorte de gênero e construir reflexões específicas.

Retomando Guimarães e Podkameni (2008), apresentados no trecho sobre “Resiliência em negros(as)”, os efeitos psicossociais do racismo comprometem de tal forma o psiquismo de homens e mulheres negros(as), que,

em lugar de ter o direito de poder naturalmente acionar sua capacidade de criar, de transformar, de continuar a ter esperança, precise primeiro direcionar seus investimentos psíquicos no sentido de encontrar formas defensivas de solucionar situações de invasão ao self, para então se dedicar a investimentos criativos. O esforço psíquico investido nesse processo, que é dispendioso, injusto e desigual, onera o psiquismo, abre caminho para uma situação conflitual traumatizante e pode trazer como decorrência possíveis adoecimentos psíquicos, psicossomáticos e psicossociais. Particularmente na mulher negra a função de escoar e elaborar a tensão psíquica que tem o espaço potencial adquire uma sobrecarga. Além do papel histórico que o racismo e a discriminação imprimem na vida cotidiana da população negra, a esse papel se sobrepõe a ideologia sexista de homens e mulheres brancos e, muitas vezes, do homem negro.

Dois caminhos de raciocínio são possíveis aqui, a partir do que colocam os autores.

Um é refletir sobre os devastadores impactos da conjugação do racismo com o sexismo. Como colocado por eles, efeitos que levam a comprometimentos psíquicos, psicossomáticos e psicossociais. E no início do trecho, chama atenção a explicação sobre a dinâmica psíquica diante disso, quando os autores informam que, para outras pessoas, menos atingidas por situações potencialmente desintegradoras do self, está mais simples ativar facilmente as capacidades de criatividade, transformação e esperança.

No caso de pessoas atingidas, antes de acionar essas capacidades, é preciso dar conta dos ferimentos, e isso significa reverter recursos do psiquismo para defesa e resolução dos contextos potencialmente desintegradores, para, com o que sobrar de recursos, investir nas capacidades.

Pode-se pensar, do ponto de vista da economia psíquica, como é diferente um e outro processo, quanto custa aos cofres psíquicos, e o quanto é desigual e oneroso o percurso para quem parte atingido(a). Impossibilitado(a) de alcançar escoamento e elaboração, o saldo fica negativo, conflitos sobrepesam e o resultado é um trauma. Esse primeiro caminho de raciocínio descreve a dinâmica dos efeitos psicossociais do racismo comprometendo o psiquismo de negros(as), diante dos quais, eles(as) podem sucumbir.

Um segundo caminho de raciocínio, a partir das reflexões críticas sobre resiliência e das ponderações sobre mulheres negras, é reavaliar todo esse processo identificando o que seria resiliência aí. Resiliência não se mede pela presença de seus elementos potencializadores; portanto, a presença ou não de capacidade de criatividade, transformação e esperança, indica sua probabilidade, mas não constata sua ocorrência ou ausência. Por outro lado, também não se mede resiliência pela ausência de sintomas. Os comprometimentos psíquicos, psicossomáticos e psicossociais que acometem mulheres negras não inviabilizam nem são incompatíveis com processos de resiliência.

Esta pesquisa começou justamente por instigar a pesquisadora a presença de ambos os fenômenos. Após estudos e reflexões, sustenta-se que a resiliência pode ser tanto ausência dos citados comprometimentos diante de situação devastadora, quanto, a presença dos comprometimentos em intensidade

menor que o constatado em casos semelhantes. Ou ainda, a presença dos comprometimentos, mas estes sendo extrapolados em sentidos de vida e ações que ressignificam as situações traumáticas. Um exemplo seria a alegria, a persistência, a garra, como recursos de resistência. O saldo da economia psíquica continua negativo, mas o golpe potencialmente desintegrador é ressignificado e a situação é transcendida em nome de crenças, missões, sentidos.

Nesse processo de superação e transcendência, há a influência da transmissão psíquica, dos simbolismos associados a mulheres negras e dos significados decorrentes do pertencimento a manifestações negras, como exposto anteriormente. Afirmarções de Nogueira (2011, informação verbal⁵) complementam que contar histórias é uma possibilidade de se libertar da realidade daquele fato. Mesmo ainda vivendo o baque do holocausto negro⁶, algumas saídas são possíveis, e contar histórias é algo muito presente nas manifestações negras, como discutido no item que discorre sobre elas.

Ela ainda afirma algo que é muito importante de ser refletido quando se fala de resiliência em mulheres negras: estas não são fortes, são frágeis, e é tênue a linha que separa a vitimização da superação. Resiliência, portanto, é possível, potencializada nos simbolismos e significados, mas não comum nas vivências de mulheres negras de modo geral.

Cabe a reflexão sobre ser a resiliência uma condição que a maioria das mulheres negras não atingiu, o que seria constatado pelos inúmeros acometimentos, ou se seria a condição que muitas alcançaram apesar do rebaixamento pelos golpes. A partir de reflexão da própria autora, é preciso avaliar não somente como a pessoa está, mas o que ela fez do que fizeram a ela.

⁵ Informação proferida em mesa-redonda com o título “Trauma transgeracional da escravidão e resiliência”, no IX Simpósio do Núcleo de Estudos Junguianos, promovido pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

⁶ O uso do termo holocausto negro foi justificado pelo fato de que, assim como o holocausto judeu, o período escravagista também foi uma catástrofe humanitária, sendo assassinados, nos holocaustos, segundo informações de Nogueira na fala citada acima, 6 milhões de judeus e 70 milhões de negros.

6. Metodologia

6.1. Colaboradoras

A pesquisa contou com a colaboração de 4 (quatro) mulheres negras, de diferentes gerações na mesma família, residentes na cidade de São Paulo.

A troca do termo usualmente adotado (sujeitos) pelo de colaboradoras foi justificado por reflexões expostas no capítulo intitulado “Introdução”, e está retomada a explicação do teor de participação dessas colaboradoras no item “Análise dos dados”, neste mesmo capítulo.

Entendendo que a resiliência é um processo, não um atributo, e que se quer analisar o processo de resiliência e influências que o potencializam, os únicos critérios de inclusão foram: o pertencimento de gênero (mulheres) e de cor/raça/etnia (negras, identificadas por autodeclararão), todas com relação de parentesco de primeiro grau entre si, e pertencentes a alguma manifestação africana ou afrobrasileira (cultural, política, intelectual ou religiosa).

A escolaridade e a classe social não determinaram critérios de inclusão ou exclusão, mas foram consideradas durante a produção de dados e na análise e discussão dos resultados. Isso por considerar o fato de que mulheres negras, ao alcançarem escolaridades mais altas ou pertencerem a classes sociais mais abastadas, não têm garantida a diminuição da exposição a discriminações raciais e vulnerabilidades.

Os recursos de escolaridade e classe social são aqui ponderados não apenas como estruturas pautadas em nível escolar e condições socioeconômicas (condição financeira, localização geográfica e social), mas como elementos de uma relação sócio-política, admitindo a análise de quais os recursos disponíveis e como são ou não acessados.

Dialogando com os recortes de gênero e raça, foi possível analisar não só o perfil das colaboradoras, mas a capacidade de acesso e uso de seus capitais educacionais, econômicos e sociais. Isto considerando que, se possuir

capital intelectual e financeiro altos não garante acesso social em igualdade com outros grupos sociais com o mesmo capital, a resiliência pode ser encontrada inclusive na situação de superação de limitações para acessar e dispor do capital.

6.2. Instrumentos

A produção de dados foi por meio de entrevistas semiestruturadas, com utilização de um roteiro de perguntas abertas (apresentado em anexo) para despertar narrativas de momentos marcantes, caracterizados por processos de resiliência.

As entrevistas contaram com a estratégia de constituição de cenas, como proposto por Paiva (2012), para potencializar uma memória mais detalhada e introspectiva. Além desse objetivo de despertar maior conteúdo, as cenas, como metodologia fundamentada no quadro da vulnerabilidade e dos direitos humanos, com abordagem multicultural e emancipatória, têm o propósito de promover um diálogo em que as diversidades culturais, portanto, de discurso e tradição, são integradas e mutuamente complementadas, buscando inteligibilidade e capacitação mútuas.

A partir da adoção dessa perspectiva metodológica, assimilando as orientações da autora, a cena foi considerada

o foco e a unidade psicossocial a ser abordada para que o cenário (mais abstrato) seja descrito (codificado) e decodificado (compreendido). O “sujeito em cena” tem sido a porta de entrada mais interessante para a observação e auto-observação de scripts interpessoais em seu contexto, assim como do contexto implicado nos scripts intersubjetivos que fazem a vida acontecer. (PAIVA, 2012, p. 182)

Observa-se, pelo caráter da cena, que a descrição/codificação e compreensão/decodificação do conteúdo, além de viabilizar a coleta de dados, traz

benefícios para quem relata a cena, agenciando compreensão de si mesmo(a) e dos contextos concernentes, contribuindo para um processo de autonomia.

Outro aspecto da cena é seu caráter único. Duas pessoas podem ter presenciado o mesmo cenário, apresentarem semelhanças nas cenas, mas é importante atentar para o modo particular de encenação, influenciado por momentos de vida, sentimentos e sentidos particulares. A partir dessa consideração, o foco, que poderia ser sobre o comportamento ou sobre o discurso, amplia-se para o sujeito em cena, em relação com seus contextos específicos.

Além das ponderações e orientações acima, a autora explica que a metodologia das cenas é a narração detalhada de um episódio por pessoa ou grupo que o tenha experienciado ou que possa se colocar no lugar de personagem(ns) de determinado cenário. Trata-se de uma imaginação ativa, que desperta memórias ou constrói enredos, e é enriquecida pelo recurso de dramaturgia. Ao compartilhar a narrativa, na perspectiva do sujeito em cena, a experiência pode ser descrita e compreendida, com objetivos educacionais ou de tratamento.

A exploração e ampliação dos detalhes da cena é função do(a) coordenador(a) do processo; no caso de grupos, a função pode ter colaboração de seus membros. O procedimento possibilita identificar valores e discursos, que podem estar em sintonia ou conflito; ambas as opções são significativas e correspondem a conteúdos a serem considerados. A compreensão do fenômeno se estende ao panorama social e programático.

A escolha por essa metodologia se deve à sua capacidade de suscitar conteúdos, com riqueza de detalhes, produzindo dados que instrumentalizem o objetivo geral de descrever e analisar processos de resiliência em mulheres negras.

O caráter da estratégia de cenas mostrou-se metodologia eficiente para o desenho desta pesquisa e atendeu ao referencial epistemológico e à postura político-acadêmica adotados (ambos explicados na “Introdução”). Isto por prever, durante sua aplicação, um caráter educativo ou de tratamento, por permitir um diálogo em que as diversidades se integram com mútua capacitação, instigar autocompreensão e autonomia por parte de quem relata, permitir desvelar valores e discursos harmônicos ou destoantes e por abarcar os níveis social e programático do fenômeno.

Nesta pesquisa, onde sujeitos passam a ser colaboradoras (contribuindo não só na oferta de dados, mas em parte da análise dos mesmos), que tem sintonia com um caráter multicultural e emancipatório, inspirada no quadro de vulnerabilidade e direitos humanos, fundamentada num referencial epistemológico que valoriza o saber tradicional, com intenção de oferecer contribuições para a comunidade científica e para a comunidade de origem, faz todo o sentido uma metodologia em que o caráter dos procedimentos justifica a troca dos advérbios: a pesquisa, que antes era na comunidade, passa a ser com a comunidade.

6.3. Procedimentos

Para a fase de coleta em campo, o número de colaboradoras foi delimitado em 4 (quatro), para comportar, em um percurso relativamente curto como o de mestrado, uma atenção suficiente às entrevistadas, inclusive com possibilidade de mais de um encontro, além de uma dedicação satisfatória à análise qualitativa dos conteúdos.

As colaboradoras foram recrutadas por meio de consulta a conhecidos(as) que pudessem ter o perfil delimitado para a pesquisa ou indicar quem tivesse. Algumas famílias foram indicadas e essa selecionada por ter um perfil mais coerente com o estipulado para a pesquisa. Foi feito e aceito o convite, após explicação do teor da pesquisa e forma de participação.

As entrevistas foram realizadas, em sua maioria, nas casas das entrevistadas, procurando facilitar seu conforto e considerando que o ambiente facilita relaxamento e introspecção. Quando não foi possível ou conveniente essa opção, foi realizada em local que possibilitou proteção dos conteúdos e introspecção.

Houve pré-teste dos instrumentos, que contribuiu para identificar o nível de inteligibilidade das perguntas, a coerência da sequência programada e confirmar a viabilidade de sua realização no tempo previsto. Alguns pontos foram reformulados para melhoria do instrumento, como, por exemplo, a previsão de mais

de um encontro, para que conteúdos significativos, recordados apenas após a entrevista, pudessem ser relatados numa segunda oportunidade, o que ocorreu.

Além de pré-teste dos instrumentos, eles passaram por avaliação e aprovação pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Os cuidados éticos serão detalhados no próximo item.

A cada entrevista individual semiestruturada com estratégia de cena, foi seguido o roteiro (anexo). Cada entrevista teve início com pergunta não temática e abrangente, para estimular o estabelecimento de vínculo e produzir conteúdo espontâneo. Cada colaboradora respondeu como seria um dia comum em sua vida.

Em seguida, era pedido para contar a história da família, com o objetivo de ir aumentando o vínculo, a introspecção e a concentração com aspectos da família, além de permitir um quadro descritivo do grupo familiar. Mesmo havendo divergências entre as histórias, e inclusive graças às divergências, esses conteúdos ajudam a compreender melhor a família, já que o objetivo não é a fidelidade jornalística ou histórica, mas debruçar o olhar sobre aspectos psicológicos da família, como a dinâmica familiar, a inserção de cada uma na família, a imagem individual sobre a família e os significados simbólicos associados a todas essas conformações.

Na sequência, cada colaboradora descreveu, com estilo narrativo, situações de superação de situações extremamente adversas. A ordem das perguntas foi delineada para atender aos objetivos pretendidos, ou seja, para identificar, nos processos de resiliência, a influência de conteúdos transgeracionais relacionados a familiares negras descendentes, ascendentes e ancestrais, a influência de simbolismos atribuídos à imagem de mulheres negras de modo geral, e a influência de significados advindos de pertencimento a manifestações negras. Por considerar a transmissão psíquica entre gerações tanto no sentido descendente quanto ascendente, as perguntas investigaram ambos os sentidos. O roteiro encontra-se em anexo.

Para ampliar a descrição em cada resposta, foi utilizada a estratégia de constituição de cenas. As narrações, ricas em descrição dos detalhes da experiência, por seu caráter vivencial, enriqueceram o conteúdo dos relatos, estimulados pelas perguntas abertas, com a especificidade de instigar o acesso a informações mais introspectivas, profundas e menos mediadas pela racionalização.

Dessa forma, pretendeu-se estimular falas mais irrefletidas e narrativas, nas quais fosse possível investigar, em conjunto com os conteúdos gerados, atitudes, sentimentos e comportamentos adotados desde a família, a partir de simbolismos e de pertencimentos.

Por último, após os quatro encontros individuais, um com cada colaboradora, houve um encontro em grupo que funcionou como devolutiva do que foi coletado nas entrevistas individuais e fechamento. Cada colaboradora leu em silêncio a transcrição (feita pela própria pesquisadora) de sua entrevista e aprovou o conteúdo na íntegra. Em seguida, discussão e aprovação da proposta de categorias de análise. Serviu, ainda, para observar a dinâmica delas em interação. Elas puderam comentar como sentiram a experiência de participar da pesquisa, expectativas em relação ao conteúdo da dissertação e a possíveis reações de outras pessoas ao lerem.

6.4. Cuidados éticos

Os procedimentos e instrumentos (entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas e estratégia de cena) tiveram sua aplicação condicionada à avaliação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Os protocolos, após serem submetidos a pares especializados do referido Comitê de Ética, receberam parecer positivo, deferindo a viabilidade e responsabilidade ética da pesquisa.

Foi tomado o cuidado de registrar o consentimento livre de cada uma, após leitura conjunta e esclarecimento dos aspectos do documento, da pesquisa e de possíveis divulgações em eventos ou publicações. Cada colaboradora assinou e ficou com uma via do “Termo de Aceitação Livre e Esclarecida” (em anexo). Uma das colaboradoras, por ser criança (oito anos), teve o termo assinado pela mãe e responsável; mesmo não assinando, ela soube o conteúdo do termo, que foi lido, explicado e respondidas as dúvidas. As colaboradoras autorizaram, ainda, o registro das entrevistas com gravação de áudio.

Mesmo sendo informado a elas a possibilidade de sigilo, sem identificação na pesquisa, todas elas optaram pela identificação na pesquisa, abrindo mão do sigilo. Essa preferência, com autorização da identificação, consta também no termo de aceitação livre e esclarecida.

Foi garantida a elas uma devolutiva dos dados. Após a rodada de entrevistas individuais, foi realizada uma entrevista coletiva, onde parte do tempo foi dedicada à leitura e aprovação do relato transcrito das entrevistas individuais. O tempo restante foi dedicado à análise prévia dos conteúdos, o que se configura como cuidado ético na medida em que funciona como estratégia para que as colaboradoras façam uma organização psíquica dos conteúdos expressos, com conscientização sobre o que foi falado e o que esses conteúdos podem significar, e um encerramento mais cuidadoso do processo, não só incitando memórias e conteúdos, mas primando por sua acomodação após a colaboração para a pesquisa.

Durante as entrevistas, as conversas foram sobre eventos marcantes de suas vidas. Foi tomado o cuidado de não incentivar mobilizações emocionais intensas. No entanto, mesmo evitando, não há como garantir que a entrevista não tenha esse efeito. Por esse motivo, as colaboradoras foram informadas que, caso isso ocorra, podem entrar em contato com a pesquisadora, mesmo depois de encerrados os encontros, e esta se comprometeu a fazer encaminhamento para um serviço de psicologia, para atendimento psicológico, no Instituto de Psicologia da USP ou em outras instituições.

6.5. Análise dos dados

Os dados produzidos nas narrativas, estimuladas pelas perguntas abertas com cenas, foram analisados à luz de teorias da psicologia social e psicanalítica, com discussão dos resultados relacionada às exposições teóricas da revisão bibliográfica, e contando inclusive com a contribuição das colaboradoras na análise prévia dos possíveis significados e relações entre as informações, ou seja, na categorização dos conteúdos.

Para tratamento dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo por meio de uma estratégia denominada por Flick (2009), e Flick e Gibbs (2009) como análise qualitativa do discurso. Os conteúdos obtidos por meio dos instrumentos mereceram cuidadosa apreciação para codificação e identificação de categorias a serem utilizadas como baliza de análise e discussão dos resultados, possibilitando averiguar similaridades, discrepâncias, sentidos compartilhados, entre outros aspectos.

No caso de famílias, segundo Meihy (2005), é possível captar aspectos comuns à formação identitária. A partir das orientações do autor, foi tomado o cuidado de uma escuta atenta não só a afinidades e semelhanças, mas também à diversidade no grupo.

O momento inicial da entrevista em grupo foi dedicado a apresentar às colaboradoras um resgate transcrito dos dados produzidos nos encontros individuais. Em seguida, foi feita, conjuntamente, uma discussão prévia desses resultados e uma reflexão sobre as possíveis categorias de análise, possibilitando manter as entrevistadas como colaboradoras não apenas na produção, mas também na análise dos dados, permitindo compreensão mais fidedigna dos conteúdos, antes de a pesquisadora finalizar a discussão e concluir.

Com a discussão dos dados finalizada, foi possível analisar a influência da transmissão psíquica e dos pertencimentos sobre o processo de resiliência dessas mulheres negras. Novas questões e discussões foram instigadas, extrapolando o que se foi previsto, apontando para consonâncias, complementaridades e discrepâncias no diálogo com outros estudos. Ao final, foram possíveis conclusões sobre a temática, com retomada resumida dos resultados discutidos, relacionando contribuições impetradas, afirmações alcançadas, entraves encontrados e recomendações para novas pesquisas.

7. Resultados e Discussão

Maria Maria

*Maria, Maria
É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta*

*Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri
Quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta*

*Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura dor e alegria*

*Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida*

Milton Nascimento

Esta pesquisa teve início a partir do interesse em compreender processos de resiliência em mulheres negras, como exposto na Introdução. No mesmo trecho, também registrados o perfil da pesquisa, da pesquisadora, a metodologia adotada, entre outros. Na sequência foram expostos os Objetivos, sendo sucedidos pelos capítulos teóricos, com a fundamentação que contribuiu para a compreensão do fenômeno selecionado e dos dados coletados. A Metodologia, estratégia que permitiu eficiência e fidedignidade aos procedimentos da pesquisa, foi exposta no capítulo anterior. Chega-se, agora, ao capítulo onde são apresentados

trechos das entrevistas com as colaboradoras e esses resultados são analisados, costurando-se os dados com a literatura cotejada.

Como descrito na Metodologia, o instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, moldada pela estratégia de cenas. Portanto, a partir do roteiro em anexo, foram reunidos conteúdos relacionados a processos de resiliência, e a influência sobre esses advinda de transmissão psíquica e de pertencimentos.

As perguntas não abordaram diretamente esses teores, mas procuraram identificar elementos constituintes dos mesmos. Por exemplo, a resiliência, segundo definição da pesquisadora, foi definida como um processo de reorganização, ressignificação, superação e transcendência perante vivência de contexto potencialmente desintegrador. Nas perguntas, procurou-se investigar essas experiências, o que denota processos de resiliência. Outro exemplo é sobre a transmissão psíquica. Igualmente, as perguntas abordaram elementos do processo de transmissão psíquica, não sendo necessário expor isso, nem que as colaboradoras tivessem conhecimento sobre o tema, também não carecendo que dessem opinião sobre a ocorrência ou não de transmissão psíquica. Elas falaram sobre os conceitos indiretamente e sem intencionalidade. Na discussão dos resultados, são salientados os conceitos com os quais os conteúdos dialogam.

Ainda sobre a coleta de dados, os conteúdos foram explorados incitando o relato em forma de narração, com detalhes sobre o ambiente, o contexto e os decorrentes pensamentos e sentimentos, de acordo com a estratégia de cenas. Na eleição de trechos para a discussão dos resultados, nem sempre foi possível trazer para a dissertação trechos que ilustram a estratégia posta em prática. Um ponto em que ela aparecerá de modo mais nítido será no item 7.4, na entrevista da bisneta.

Para organização da apresentação e discussão dos conteúdos, estes foram atentamente apreciados e agrupados em categorias de análise. Tanto na categorização quanto na análise preliminar, houve participação das colaboradoras, como informado no capítulo anterior. As cinco categorias, explicadas na sequência, são: “Feridas até o coração”, “Desde as ancestrais”, “Nas tradições”, “Erguem-se guerreiras” e “Da resistência à resiliência”.

A primeira categoria, “Feridas até o coração”, reúne experiências de adversidades e exposição a vulnerabilidades, discutindo os efeitos prejudiciais de

configurações nocivas como o racismo e o sexismo, efeitos esses que vão desde comprometimentos orgânicos, passando pelos psicossociais, e chegando às relações familiares e afetivas. O termo adotado para nomear a categoria foi utilizado pela feminista negra estadunidense Bell Hooks, em seu texto, “Vivendo de amor” (2006), ao expor que a dinâmica social do racismo traz vários prejuízos psicológicos devastadores, por exemplo, a interiorização do racismo, a baixa autoestima com sentimento de inferioridade, o comprometimento da habilidade para amar. Ela afirma que o povo negro é um povo profundamente ferido, e fala de um termo comumente utilizado para descrever essa condição: “feridos até o coração”.

A citação literal do trecho encontra-se no item “Resiliência em mulheres negras”. Os efeitos psicossociais do racismo/sexismo e as vulnerabilidades a que estão expostas mulheres negras foram discutidos no trecho teórico, e agora poderão fundamentar a discussão dos efeitos encontrados no conteúdo relatado pelas colaboradoras.

“Desde as ancestrais” é a segunda categoria e trata da herança transmitida por outras mulheres negras, desde as ancestrais até as contemporâneas. Aborda os elementos de transmissão psíquica entre gerações, vinculados a mulheres negras de modo geral e a familiares negras. Foi possível conciliar as teorias sobre dinâmica da transmissão psíquica, transmissão psíquica de resiliência, simbolismos ligados a mulheres negras, associando essas teorias a conteúdos relatados. Essa análise atende a dois dos três objetivos específicos: analisar, no processo de resiliência em negras, a influência da transmissão psíquica e a influência dos simbolismos associados a mulheres negras.

A terceira categoria, “Nas tradições”, expõe e analisa relatos associados ao pertencimento a manifestações negras, sejam de ordem cultural, política, intelectual ou religiosa, sendo possível identificar coerências ou discrepâncias em relação ao aporte teórico sobre enraizamento e pertencimento, e discutindo a influência desses aspectos sobre a potencialização da resiliência.

Na sequência, a quarta categoria, denominada “Erguem-se guerreiras”, ilustra e analisa os enfrentamentos e superações que foram possíveis, diante das feridas que atingiram até o coração, a partir das heranças desde as ancestrais, graças à resistência estimulada nas tradições. O termo adotado como título da categoria permite dois entendimentos, e ambos são coerentes com a

discussão. Em primeiro lugar, “erguem-se guerreiras” significa mulheres negras que, atingidas pelas adversidades, enfrentam-nas e as superam, reagem e resistem, inclusive podendo significar altivez. Em segundo lugar, significa guerreiras erguendo umas às outras, em apoio mútuo, fornecendo subsídios e apoio para que, em rede e por aliança, possam se amparar, em movimento de resistência e superação graças ao suporte social.

Por último, a quinta categoria, intitulada “Da resistência à resiliência”, analisa a influência dos aspectos anteriores sobre a potencialização da resiliência, discutindo como a resistência pode promover resiliência, por que meios, a que custo, e com que efeito.

Ao longo do capítulo, para apresentação dos conteúdos das colaboradoras, será utilizada a seguinte nomenclatura e sequência: matriarca (M), filha (F), neta (N), bisneta (B). E a pesquisadora aparecerá como P.

A seguir, a apresentação dos dados de classificação social.

A matriarca (M) nasceu em 1933, declara-se como preta, escolaridade até a quinta série, como profissão citou ter sido cobradora de ônibus e funcionária de Lotérica, e atualmente a ocupação é como voluntária em hospital. É viúva e mora com um neto de 22 anos e uma neta de 20, em apartamento de dois quartos, e a renda familiar é de um salário mínimo, mais pensão e aposentadoria. O lazer ela encontra na fisioterapia, que faz no Posto de Saúde uma vez por semana. Sobre o envolvimento com manifestações negras ou de matrizes africanas, é membro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e frequenta os eventos da respectiva Irmandade.

A filha (F) nasceu em 1961, declara-se como preta, tem graduação em Normal Superior e fazendo pós-graduação em Formação de Professores. A profissão é de professora, bonequeira e arte-educadora, eventualmente atuando como oficina e palestrante. Não tem religião. É solteira e mora com a filha caçula, nascida em 95, em apartamento de um quarto. A renda familiar é de cerca de dois salários mínimos. Como hábitos de lazer, saídas para dançar, teatro, sarau, e o mais comum é a saída conjugada com trabalho, quando vai a eventos vender as bonecas que confecciona. Tem envolvimento com manifestações negras ou de matrizes africanas, de caráter político, por meio de participação no movimento negro, movimento de mulheres negras e em eventos de juventude negra. Tem também

envolvimento com manifestações de caráter intelectual por meio da leitura de artigos e livros de pensadores(as) negros(as).

A neta (N) nasceu em 1985, declara-se como preta e está cursando pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, onde procura desenvolver trabalhos voltados à valorização da estética da criança negra. As profissões e ocupações atuais são modelo e promotora de eventos. É solteira, mora com a filha (também colaboradora na pesquisa) em apartamento de dois quartos e tem renda familiar de cerca de três salários mínimos. Como hábitos de lazer, cita sair para passear, conversar, comer, ouvir música, teatro, cinema. Em relação às manifestações negras ou de matrizes africanas: costuma frequentar eventos ligados às culturas negras; não faz parte especificamente de um grupo político, mas gosta de participar de eventos de grupos como feministas, partidos políticos ou ligados a cultura negra; no caráter intelectual, costuma ler livros ligados às temáticas de umbanda, racismo, criança negra na escola e poesias com conteúdo sobre negros(as); tem envolvimento religioso com a umbanda.

A bisneta (B) nasceu em 2004, declara-se como preta e cursa o segundo ano do ensino fundamental. Frequenta a umbanda e mora com a mãe (na pesquisa, a neta, N). Seus hábitos de lazer são maracatu, capoeira, skate e circo, todos praticados na escola; também brinca de boneca no prédio com amigas, vai a parques, piscina, teatro, cinema, shopping, parque aquático, circo, sai para cantar, dançar, vai a festas. A ligação com manifestações negras ou de matrizes africanas se dá por meio do aprendizado do maracatu e da capoeira na escola, do envolvimento religioso com a umbanda, e por ser cantora de rap e ligada ao movimento hip hop.

Na entrevista em grupo, que serviu como devolutiva e encerramento, foi disponibilizado, a cada uma das quatro, o conteúdo transcrito de sua entrevista individual, para que lessem em silêncio e avaliassem se o texto estava fiel ao que falaram e se gostariam de retirar ou alterar algum ponto; todas aprovaram na íntegra. Fizeram comentários sobre a experiência de colaboração na pesquisa e reflexões sobre o conteúdo. Relataram que se sentiram à vontade para falar e contribuir na análise prévia dos conteúdos, por acharem um tema interessante e por confiarem na qualidade da pesquisa. Outro ponto que comentaram foi o fato da pesquisadora ser também mulher negra, o que sentiram como facilitador, pois

consideraram que foram empaticamente melhor compreendidas, e que seria necessário explicar melhor caso fosse uma pesquisadora não-negra por não vivenciar certos pontos em comum. Demonstraram, assim, vínculo positivo que contribuiu para a entrega de conteúdos. Em seguida, foi feita a apresentação da categorização prévia, a qual foi considerada por elas como pertinente.

O ambiente facilitador de entrega de conteúdos relatado pelas colaboradoras confirma a importância da imparcialidade aliada a cuidado e profundo respeito, como discutido na “Introdução”, a partir das teorias de Bosi (2004) e Fanon (2008). Agora, nos resultados, percebe-se que elas corresponderam entregando porções de suas histórias a partir da confiança que sentiram na pesquisadora e no processo de pesquisa, inclusive pelo desenho metodológico que as incluiu como colaboradoras e não meras entrevistadas, também pelo zelo às questões éticas e pela identificação com a pesquisadora como mulher negra. Para esta, foi satisfatório ter reunido, na dissertação, além dos conhecimentos científicos acadêmicos, a sabedoria e ângulo de visão das colaboradoras, trazendo à tona, por meio da história oral, as vozes dessas mulheres negras, geralmente abafadas pelo discurso hegemônico. Essa intenção tinha sido abordada no capítulo introdutório com contribuição de Meihy e Holanda (2010).

Foi essencial, para a compreensão dos conteúdos entregues pelas colaboradoras, a utilização de uma abordagem conceitual que alcançasse a complexidade das experiências relatadas. Dessa forma, foi bastante válido não restringir a discussão dos resultados a análises individualizadas, mas considerar a contextualização social e histórica, com abordagem psicossocial dos fenômenos, ou seja, atentando para elementos intra e interpessoais, sociais e programáticos. Além disso, foi bastante válida a expansão do referencial teórico-epistemológico, não ficando restrito a teorias hegemônicas eurocêntricas, mas incluindo a epistemologia africana e afrodiaspórica, principalmente para a compreensão dos simbolismos associados a mulheres negras e dos significados decorrentes de manifestações negras. A postura a que se refere esse parágrafo foi justificada e praticada ao longo dos capítulos anteriores, e agora perpassará a discussão dos resultados.

Na sequência, a análise categorizada do conteúdo das entrevistas.

7.1. Feridas até o coração

O conteúdo agregado nesta primeira categoria reuniu elementos para analisar os momentos marcantes, pessoas e relações afetivas significativas, seus efeitos sobre a vida psíquica e social das colaboradoras, indo desde decorrências salutares, alcançando feridas as mais variadas e atingindo até o coração. Os resultados são discutidos em diálogo com teorias apresentadas principalmente nos itens “Mulheres negras: histórico, contexto atual e saúde”, “Psicologia, relações raciais e mulheres negras” e “Resiliência em mulheres negras”.

Matriarca (M)

A discussão dos resultados começa analisando a relação da matriarca com o marido falecido e toda a família, podendo-se perceber o quanto essas relações foram significadas por ela bastante permeadas por uma imagem de harmonia, o que pode indicar uma amenização dos conflitos.

No início da entrevista, quando a pesquisadora pede que escolha uma situação de extrema dificuldade, altamente estressante, complicada para resolver, ela inicia assinalando a inexistência de anormalidades, em seguida elege como evento a perda do marido, e logo volta a negar demais adversidades.

“M: Não lembro porque foi sempre tudo normal. Só com a morte do meu marido que eu fiquei bem chateada. Ele era muito bom. A gente nunca brigou nem nada. Estava tudo certo, graças a Deus.”

Demonstra, no trecho anterior e no seguinte, o estilo de sentimento que ficou registrado em relação ao grande amor, o marido falecido.

M: A gente nunca pensa que as pessoas vão morrer. E um dia, eu estava aqui sentada tomando café, tomei café com ele, depois ele foi deitar. E aí... Mas eu não pensei que ia acontecer alguma coisa com ele. Aí depois eu fui lá no quarto, levantei à toa e fui lá no quarto, aí chamei “Hugo, Hugo”. Ele não acordou. Sacodia ele, chamava ele, ele não acordava.

(...)

M: Mas antes, porque antes de acontecer isso quando eu estava aqui. Estava passando um negócio que eu queria comprar. Eu fui, pedi. Ele levantou, veio aqui, me deu aqueles dez reais e deu um sorriso.

(...)

M: Foi a morte dos justos a morte dele. Foi a morte dos justos.

(...)

M: Meu marido sempre foi bom, muito bom, a gente nunca brigou, nem nada, ele era muito bom. [Mostra fotos na parede; primeiro, uma do casal com os filhos, onde aponta para mostrar o marido, depois outras deles e de outros membros].

(...)

M: Porque às vezes o marido dá trabalho, bebe, e ele, graças a Deus, nunca deu trabalho. Por isso que ele teve essa morte dos justos. Ele era muito bom.

Essa versão foi, posteriormente, contrastada a partir da versão da filha. Compreensível que as duas realidades possam coexistir em contradição, onde uma relata um marido bom, justo, e outra relata o pai falho, não confirmando a reputação intocável. De qualquer modo, chama a atenção, neste e em outros pontos da entrevista, a extrema resignação da matriarca, sempre falando da família e do marido como pessoas sem atributos negativos. Isso pode estar relacionado à educação religiosa católica, que prega a humildade, enfrentar adversidades com fé e sempre divulgando estar bem, por graça divina, mesmo estando em dificuldade.

Também é possível estar relacionado a uma característica dessa geração, marcada por relações de casamento transpassadas pelo sexismo, com submissão da mulher ao marido, aceitação, mesmo ferida até o coração, de alguns comportamentos tidos como próprios do homem e que deveriam ser suportados pelas mulheres. Portanto, o contraste pode ser a expressão de uma tensão entre a tradição que a matriarca representa ao preservar a imagem desse homem e a modernidade que a filha ousa ao denunciar suas falhas.

Por último, importante considerar a possibilidade de a matriarca estar recorrendo a uma maquiagem narcísica, abafando aquilo que sente, pensa,

existiu, e expondo a imagem que gostaria de passar sobre si, sobre sua história, sua família. Uma bonita imagem de sucesso e harmonia.

Seja qual for o motivo, ela demonstra uma característica de dar às vivências, sejam quais forem, um significado de experiência positiva; e mesmo algo ruim teria, ao final, um lado bom, por levar a crescimento espiritual e emocional; uma tendência de ressignificar positivamente as experiências. Não se sabe até que ponto funciona como ilusão, racionalização, até que ponto funciona como otimismo, esperança, mas é bem provável que incrementa processos de resiliência.

Enfim, ela demonstra orgulho pela história e família que tem. Fora uma menção rápida a possíveis problemas de relacionamento com a sogra, sobram satisfações e elogios a todos os membros. Apesar de dificuldades financeiras e do tempo que precisou morar com a sogra, a avaliação é de um saldo positivo. Orgulho pela história e de si mesma são elementos de positiva autoestima e autoconfiança, elementos potencializadores de resiliência, como exposto no capítulo “Resiliência”, no item que traz diversas “Definições”.

O amor pode ter trazido e, ao mesmo tempo, curado feridas. Considerando o perfil social de mulheres negras, discutido nos itens citados acima, ter um casamento com um grande amor, viver com ele por décadas, constituir família, ter o marido participando da criação dos filhos, enfim, ter um lar com essa configuração é um feito que destoa de estatísticas, traz benefícios de segurança e crença em suas capacidades, e contraria o lugar social e afetivo a elas reservado.

Os efeitos convencionais do racismo sobre mulheres negras configuram uma exposição a vulnerabilidades pessoais, sociais e programáticas. No nível intra e interpessoal, podem ocorrer feridas narcísicas e vínculos adoecidos, com sentimento de inferioridade, alteração na possibilidade de querer, sentir, amar, entre outros.

Na sociedade brasileira, a mulher negra está associada a uma imagem pejorativa, resumida pelo termo mulata, associável a mula, dando a entender uma junção de espécies diferentes que não deviam se misturar, a égua e o burro, sendo que égua é usada no linguajar popular como simbolismo negativo associado a mulher, e burro seria uma forma de ilustrar o erro do branco ao escolher a preta. A palavra remete a bastardo, já que a mula é um animal de uma terceira

espécie, diferente dos pais, e estéril. E ainda tem outro significado pejorativo, por estar associado a uma erotização da mulher negra como objeto sexual.

Disso tudo, apreende-se que a mulher preta não serve para amar e ter filhos, a parda serve como objeto sexual, ficando a branca no lugar idealizado de recatada, pura, boa esposa e mãe. Sentenciada a esse lugar social no campo dos afetos, e a desigualdades na saúde, educação, trabalho, economia, entre outras, a mulher negra precisa guerrear para garantir condições melhores para si e para os seus, precisa ser forte e fazer fortes os seus, e o amor passa a ser raro e considerado até futilidade para quem tem que encarar desafios à sobrevivência. Nesse quadro, amar é uma forma de resistência (HOOKS, 2006).

Chama a atenção o fato da matriarca ser a única a falar de um grande amor e a ter uma relação de longo prazo que avalia como satisfatória. A relação familiar é valorizada pelas demais, mas a filha e a neta afirmam terem histórico de relações difíceis com os pais de suas filhas e com outros homens.

Filha (F)

Ela narra, logo no início da entrevista, um problema familiar que a mãe não só não relatou como disse que ocorre em outras famílias, mas não ocorreu na dela. A filha traz esse conteúdo e demonstra como reagia, o que dava conta de fazer em face desse quadro.

F: Uma família normal. Meu pai, como sempre foi músico, teve um período em que ele bebeu demais, principalmente no período em que a gente mudou para o centro. Foi um período muito difícil mesmo. E um período em que eu estava entrando na adolescência, então eu nem gostava de ficar em casa, eu ficava na casa das minhas amigas, ficava até demais da conta, até que um dia eu falei “ah, não dá também, né?”. Chegava Natal, Ano Novo, eu nem passava em casa. Eu tinha dezesseis, dezessete, aí um dia eu comecei a ficar mais em casa.

No trecho a seguir, a filha relata a boa relação entre o casal, coincidindo nesse ponto com o que foi informado pela matriarca. E demonstra que, na sua visão de filha, apesar das dificuldades, foi uma família normal. Não uma família perfeita, pois a dependência alcoólica do pai foi um grande problema, mas, na visão dela, uma família normal. Pode-se pensar que problemas desse tipo, naturalizados, passam a fazer parte da concepção de uma família normal. Ela parece também adotar a postura da mãe de passar uma imagem interessante da família, ou de realçar e valorizar o amor e a boa relação que o casal viveu. No final do trecho, deixa escapar uma pista do questionamento da normalidade afirmada.

F: Então, é uma família assim, normal. Eles viveram casados, enquanto meu pai estava vivo, eles viveram casados, meus pais passeavam aqui no centro, os dois, de mãos dadas. Quando eu mudei para a Cohab, eles iam lá em casa sempre. Então, é uma família assim, normal, tranquila, no sentido, olhando assim, de fora, né?

Outro ponto que ela informa é a dificuldade em realizar os estudos, a necessidade de trabalhar devido às dificuldades financeiras e a expectativa de que isso vá mudando nas próximas gerações. Nos itens citados no início desta categoria, a análise macro encontra indicadores que repercutem em contextos de vulnerabilidade, os quais, por sua vez, acabaram por se concretizar neste caso micro.

F: Tive problemas no meu estudo, quando vim para a cidade, porque aí eu repeti a quinta série, depois comecei a fazer supletivo, tive que começar a trabalhar porque a gente estava sem dinheiro, sabe aquelas coisas? Então, foi tudo meio bagunçado, mas eu sempre ia atrás. Consegui terminar o meu colegial com vinte e dois anos nessa brincadeira. Hoje eu fico feliz que minhas filhas conseguem acabar no tempo certo. Aí eu falo, bom, já é um avanço, já é um avanço, né? Aos pouquinhos, vai mudando.

Ela hoje faz faculdade, o que demonstra que, apesar dos atrasos, persiste e investe nos estudos. Para ela, terminar os estudos no tempo regular, o

que deveria ser básico, é motivo de comemoração. A esperança de alteração do quadro, mesmo que lenta, resiste ao final. Reverter uma situação de prejuízo, contrariando as dificuldades impostas pela vulnerabilidade, tendo autoconfiança, persistência e otimismo é uma descrição de processo de resiliência, conforme definições apresentadas no item “Definições” do capítulo “Resiliência”.

Aparece, no próximo trecho, a ligação com a temática racial no processo de construção da autoestima, que passou de uma negação e inferiorização da negritude para uma conscientização e ressignificação.

F: Até, acho que, os catorze anos, quando trabalhei como recepcionista, eu consegui umas coisas assim, eu não colocava negra, colocava morena não sei o que, morena clara, morena escura. Não sei por que, eu fiquei pensando, por que será que eu fazia isso? Eu tinha algumas coisas. Mas também tinha coisas que não eram discutidas, mas eu sentia. Porque lembro que eu ficava, muitas vezes, no espelho. Eu me incomodava com meus lábios. Duas coisas que me incomodavam quando eu era dessa idade: os lábios e o nariz. Eles me incomodavam demais. Então eu não me sentia bem com aquilo. Não sei, não me sentia bem. Mas eu não sabia também nem dizer porquê... Não conversava com ninguém. Eu lembro daquela famosa cena que acontece com quase todas as meninas, que quando, acho que, no terceiro ano, fui dançar quadrilha na festa junina, a professora me colocou um menino branco, aí o menino, enquanto a professora não olhava ele tirava o braço e fazia assim [gesto de limpar o braço]. E eu não entendia bem, mas sabia que tinha alguma coisa errada. Mas a gente não tinha essa conversa de racismo, igual a gente tem aqui em casa, escancarando. Não sei, não lembro. Também não lembro de ninguém negando a sua condição de negro. É que ninguém falava tanto, porque senão eu já teria colocado negra.

Ela descreve toda a dinâmica do racismo e seus efeitos psicossociais, em coerência como que foi visto na revisão teórica. O racismo como ideologia desencadeia imagens estereotipadas, as quais são assimiladas e repercutem em sentimentos e pensamentos preconceituosos, culminando em

práticas discriminatórias, altamente influentes sobre brasileiros(as) de todas as cores; mas, tal processo social, apesar de vivenciado, é negado. Fica algo no ar, a mensagem está posta, mas o quadro vem acompanhado de um silenciamento que dificulta não apenas o enfrentamento do problema, mas carrega o fenômeno de uma aura de mistério, de conteúdo proibido de ser tratado, e, à surdina, continua corroendo autoestimas e relações, causando problemas de saúde orgânica e psíquica.

A expressão verbal do conflito, que seria uma das vias a caminho da elaboração, é proibida. Outras vezes, quando se fala, o conteúdo da fala é desqualificado, e a pessoa tem que lidar não apenas com a corrosão interna e nas relações, mas com uma ambiguidade enlouquecedora, pois ao mesmo tempo em que se sente o golpe, sua denúncia é vista como persecutoriedade, radicalismo, confusão mental, como alerta Reis Filho (2005). Assim, os privilégios são mantidos, as dominações e humilhações mantêm-se eficientes, as pessoas atingidas são ignoradas e confundidas, e a igualdade nas relações permanece uma demanda.

Ela aponta a não aceitação dos aspectos corporais negros, de acordo com o que foi visto na teoria de Costa (1986) e Nogueira (1998). É algo simbólico, que permeia a valoração da autoimagem. O diferente da norma imposta passa a ser ruim e indesejável. O ideal do branqueamento é a saída encontrada. O embranquecimento pode significar, para negros(as), uma chance de menos prejuízos ao camuflar a marca que é alvo do racismo. A confusão entre ser e não-ser compromete a representação psíquica e a saúde mental, podendo chegar a enlouquecimento.

Outra possibilidade de desfecho diante do racismo é a conscientização da existência desse fenômeno, compreensão de sua dinâmica, negação do ideal do embranquecimento e ressignificação da negritude com positiva autoestima. A partir do que foi discutido teoricamente e da definição organizada pela própria autora no capítulo “Resiliência”, pode-se compreender como resiliente o processo de resistir e reverter esse sistema tão poderoso que é o racismo, não sucumbindo diante das condições de vulnerabilidade, e conseguindo mudança pessoal, nas relações, na autoestima, alcançando autoconfiança e novo sentido de vida.

F: Até que um dia eu falei “não, vou colocar negra”. Eu não sei, parece que alguma coisa naquela casa, porque eu tinha um tom um pouco mais claro, não fazia com que eu me enxergasse como uma pessoa, sei lá, totalmente negra. Aquele conceito de negro que as pessoas têm, que o negro tem que ser preto para ser negro. Aquelas coisas. Acho que era isso que aconteceu, não sei. Mas eu fui curada, fui curada [rindo]. Quando eu tinha catorze anos, que comecei a ficar adolescente, catorze, quinze, eu comecei a ir pros Bailes Black. Graças a Deus. Umam amigas minhas do [Bairro] Glicério me levaram para esses bailes, Chic Show, Musicália, então ali não tinha jeito. Parti pro black [cabelo black power; crespo natural e com volume, símbolo de resistência ao racismo e à imposição da estética branca].

E, ainda no tema do cabelo, ela vai ilustrando as dores de ter um cabelo não valorizado nos padrões estéticos da sociedade brasileira, e o que tinha que fazer para se adequar minimamente aos padrões brancos, ou o que passou a fazer ao se aproximar do perfil negro.

F: Eu lembro quando eu tinha um catorze anos, antes não, antes eu não lembro da minha mãe ter alisado o meu cabelo, quando era pequena, eu sei que usava trança, aquela trança puxada, aquela coisa. Mas o meu sonho era usar franja, eu tinha uma coisa de usar franja [rindo]. Nossa, agora que eu estou falando que estou lembrando. Eu tinha uma coisa de querer usar franja, queria usar franja. Aí ela passou Guarnieri, uma pasta que hoje é proibida até em Marte, muito forte, muito forte. Acho que era uma das primeiras, ou era alguma coisa que estava chegando, não sei. Passei, mas aí o cabelo começa a virar aquilo, nem para cá nem para lá. Aquela confusão doida. Usei durante um tempo; quando parei, por ir nos bailes black, fui parando. Como o meu cabelo não estava nem cá nem lá, por causa da pasta que era forte, e o cabelo meu não era curtinho, um pouquinho mais comprido, eu lembro que eu fazia, toda noite, um negocinho assim [coquezinho] e colocava grampo. Porque aí na hora que soltava, ele estava todo enroladinho, fazia no cabelo todo. E aí eu ia pros bailes...

O termo que ela associa ao cabelo serve para ilustrar também o(a) negro(a) que tenta embranquecer, e fica nem para cá nem para lá; por mais que tente se adequar ao padrão branco, não consegue mudar em tudo, nem esconder a negritude na família ou nos traços físicos, por exemplo. Ela define bem o que é esse recurso: “Aquela confusão doida”. Aqui vale a pena discutir sobre estratégias de coping. Ela, como muitos(as), escolheu uma estratégia de enfrentamento, tentou extinguir o elemento que incitava situações estressantes. No entanto, a estratégia trazia confusão e sofrimento, e não encerrava a discriminação. Aos poucos, a partir da conscientização e ressignificação, e do pertencimento racial, vai migrando dessa estratégia para um processo de se assumir, estratégia que se mostrou mais eficiente, não por extinguir a causa nem as situações de stress, mas por aprender a ressignificar e superar as situações, afirmando-se. É o processo que Utsey, citado por Omar e colaboradores (2010), e de acordo com pesquisas realizadas com recorte racial, classifica como propiciador de resiliência, a partir de copings positivos e coletividade.

No campo dos relacionamentos afetivos, já foi discutido o modo particular da matriarca se referir ao marido. No caso da filha, a referência aos homens mais significativos (os pais das duas filhas) traz menos respeito e admiração.

Cabe informar que, no caso das três, os relacionamentos foram todos com homens negros. Talvez a consciência racial ou a valoração positiva da negritude tenham aí influência, mas sem mais dados, encerra-se a possibilidade de inferências.

Um fato chama muito a atenção. Tanto a filha quanto a neta terem decidido engravidar sem a concordância nem o conhecimento dos respectivos namorados. Inclusive os casos das duas coincidem com dados estatísticos expostos por Oliveira e Brito (2011) e citados no capítulo “Mulheres negras: perfil e abordagem psicológica das relações raciais, item “Mulheres negras: histórico, contexto atual e saúde”, dados que apontam a falta de planejamento familiar ocorrendo entre mulheres negras, como consequência de desigualdades raciais interferindo nas condições de saúde. Voltando às colaboradoras, após engravidarem, comunicaram aos respectivos pais e, logo depois, afastaram-se;

ambas justificando que não os consideravam bons homens para um relacionamento. Já tinham essa má avaliação dos pais quando decidiram engravidar.

F: Engravidei porque eu quis, né? Eu namorava com o pai dela já há algum tempo, aí cismeiei que eu queria ter um filho, estava com vinte e quatro anos. “Ah, eu queria tanto ter um filho”. Não era a melhor pessoa, fiz uma besteira, em termos de companheirismo. Mas aí engravidei dele.

Quando perguntado sobre a opinião do pai sobre o planejamento da gravidez, ela responde.

F: Então, na verdade, eu comentei quando já estava grávida. Era uma coisa errada que eu fiz. Olho para traz e vejo.

P: Você parou de tomar pílula e não avisou ele?

F: É, parei de tomar pílula e não avisei... Estava naquela, queria engravidar e tal. Acho que eu cheguei, não, falei depois mesmo. Aí, quando falei que estava grávida, ele falou “ah, mas, ‘não sei o quê’, é isso mesmo? ‘Não sei o quê’...”. Como eu já sabia que ia criar, não fiquei numas, eu nunca fiquei querendo casar, essas coisas nunca passaram pela minha cabeça [rindo]. Então, eu engravidei e pronto.

P: Você tinha quantos anos mesmo? Vinte e...

F: Ela nasceu eu tinha vinte e cinco anos.

P: Foi uma produção independente.

F: É, bem independente.

P: Vocês continuaram namorando?

F: Então, a gente mais ou menos, porque nosso namoro era um namoro mais ou menos. Ele era muito do mundo, muito do mundo, enrolado, e enrolado com um monte de mulheres, enrolado com um monte de coisas, então não dava para a gente ter uma relação. Quando eu engravidei, já não dava mais. Já não dava mais para ter uma relação de responsabilidade, porque ele não tinha responsabilidade para ele. Às vezes, se enrolava com uma mulher, às vezes com outra.

P: Você sabia disso e quis ter mesmo assim.

F: Sabia.

P: Você já imaginava que ia ter...

F: É, não tinha planejado outra coisa. “Eu vou engravidar e vou fazer isso...”

P: Você quis ter um filho, engravidou, se tivesse apoio dele, ótimo, se não tivesse...

F: Amém também.

P: Ele não ficou...

F: Não, não ficou. A gente ficou até um pouquinho, mais um tempo, mas depois foi desgastando, desgastando, acabou.

Percebe-se a expectativa que ela tem para si mesma, melhor dizendo, a falta de expectativa de ter uma relação estável, uma família: “eu nunca fiquei querendo casar, essas coisas nunca passaram pela minha cabeça”. Em outros trechos, fala da vontade de um relacionamento. Portanto, há vontade mas não há confiança na possibilidade. Sem expectativa para si mesma, envolvida com um moço que não se comprometia com ela, fica a desesperança e ela encara uma gravidez por conta própria. Deste modo, ela reage a uma sociedade que rejeita suas especificidades, como afirma Santos (2004), lidando com as feridas internalizadas por meio de autoestima baixa. E com Hooks (2006) o complemento teórico de que o efeito do racismo compromete a possibilidade e o estilo de amar. Isso será observado também na discussão dos resultados da neta.

A primeira reação da pesquisadora foi ficar intrigada. Como pode alguém escolher ter um filho em tal situação? Sob falta de estabilidade, de segurança, autoestima comprometida desde a adolescência e em um relacionamento com um moço enrolado com um monte de mulheres. Uma situação que, em princípio, seria vista como fonte de stress intenso.

A pergunta foi migrando para: teria ela a mesma interpretação? Seria fonte de stress intenso? Independente de ser ou não, parecia uma assimetria, onde ele podia muito e ela quase nada. A pergunta inicial migrou. O que pode uma pessoa em tal situação? Do quase nada (não podia/tinha quase nada), ela reverteu a situação com uma postura de super poderes, que aqui não caberá analisar a fundo, mas que a fez passar do quase nada para a garantia de companhia, vínculo e amor por longo prazo. No capítulo seguinte (“Lições aprendidas e recomendações”), a continuidade dessa reflexão, ampliando para mulheres negras de modo geral.

E se uma história assim já intriga, repetindo-se na geração seguinte...

Neta (N)

A neta narra sua experiência com a maternidade e o relacionamento afetivo, repetindo-se o enredo entre as gerações.

N: É, depois da infância começou a adolescência, aqueles conflitos, aquelas paixões, aí eu conheci o pai da minha filha, que foi o primeiro namorado. A gente teve um relacionamento muito conturbado, muito complicado, acho que por conta da idade também, da imaturidade. E aí eu acabei engravidando muito nova. Assim, mesmo nova, eu acho, me considero até muito madura. Coisa de mulher, porque mulher é realmente mais madura que homem em alguns aspectos. Aí eu engravidei muito nova, com dezessete anos, eu era adolescente, considero. E ficou aquela coisa super conturbada. A B nasceu eu tinha dezoito, e ficou isso assim. Eu já era mãe, já tinha responsabilidades, aí automaticamente já tive que virar adulta, foi meio difícil, meio complicado aceitar porque, assim... Jovem, né? Mas responsabilidade. Aí eu tive que segurar mesmo a situação sozinha. Eu não quis casar, não quis morar com ele.

P: Ele queria?

N: Ele até queria, a mãe dele queria, mas aquela mulher dominadora, que gosta de centralizar as coisas, queria que fosse morar lá, mas eu não quis, eu vi que era muito nova, vi também que nem gostava tanto, nem era um bom relacionamento, que não ia ser um bom casamento também. Eu ia ter que criar minha filha e pronto.

Curioso como ela encadeia a chegada à adolescência, conflitos, o primeiro namorado, relacionamento conturbado, imaturidade, culminando na gravidez. Também na vida da neta, ocorre um relacionamento, não muito estável, conturbado, ela fala que nem gostava tanto, avalia que não era um bom relacionamento, não seria um bom casamento, mas, a despeito disso, escolhe a

gravidez. O mesmo enredo da mãe, a mesma estratégia de resolução, o mesmo desfecho.

Benghozi (2010; 2005), por meio de suas contribuições inseridas na revisão teórica, nomeia algumas dinâmicas familiares de transmissão psíquica de conteúdos, e aqui se observa tanto a repetição de um estilo de relacionamento e maternidade quanto algumas posturas emocionais muito parecidas. É o caso de se considerar a possibilidade de ocorrência de transmissão psíquica intergeracional, quando se observam conteúdos repetidos com o mesmo formato, em outros pontos considerar se seria a transmissão psíquica transgeracional quando houver conteúdos ressignificados ou conscientizados, como a forma de lidar com a temática racial, cada vez mais positivamente valorizada ao longo das gerações.

Além das semelhanças ilustradas anteriormente, filha e neta falam da vida afetiva como não satisfatória, incluindo os envolvimento com os homens que escolheram para engravidar. A relação com eles, hoje, é quase inexistente. F quase não tem contato mais com seu ex, nem esse homem com sua filha (N). No caso da N, o ex participa da vida de sua filha (B), enquanto com ela é uma relação ainda conturbada, que vai inclusive ser relatada como a maior fonte de stress da B, grande adversidade avaliada como ainda sem superação.

São mulheres feridas até o coração, e talvez a maternidade possa significar uma saída do contexto nocivo, ou, ainda, uma entrada para uma nova história.

Bisneta (B)

No caso da bisneta, ela elege o relacionamento dos pais como motivo de sofrimento e uma situação ainda sem superação. A medida que usa para avaliar essa situação é comparar com os xingamentos na escola, com conteúdo racista, episódios que serão expostos mais à frente. No relato da bisneta, a presença marcante do mau relacionamento dos pais, gerando sofrimento e impotência.

B: A briga é difícil!

P: É difícil? Quando eles brigam, o que acontece com você?

B: Eu fico mais triste do que os da minha escola me xingarem. Eu queria que eles fossem pelo menos amigos.

P: De vez em quando eles são amigos, de vez em quando eles brigam; ou geralmente eles são amigos e só de vez em quando brigam; ou geralmente eles brigam e só de vez em quando são amigos?

B: Não, todo dia eles brigam, não são amigos nem nada. (...) Fico triste.

P: O que você faz quando acontece isso? Como você reage?

B: Eu vou para algum lugar, que eu não quero ouvir isso, para não ficar triste.

P: Essas situações, você acha que enfrentou e superou?

B: Não.

Também ferida até o coração, ainda sem recursos para superar. É provável que tais experiências a marquem profundamente, influenciando, inclusive, suas futuras relações afetivas. Se continuar se vendo como impotente, isso poderá influenciar a autoconfiança, o otimismo, elementos importantes para desenvolvimento de processos de resiliência.

Santos (2004), que aparece no trecho “Psicologia, relações raciais e mulheres negras”, contribui para pensar o lugar social da mulher negra, marcado por rejeições, e as consequências, que podem ser baixa autoestima, comprometimentos psíquicos, prejuízos na formação da identidade e da organização psíquica, depressão e transtornos psiquiátricos. Nos resultados apresentados, alguns desses elementos aparecem expressos, e mesmo os que não aparecem podem ser considerados como potenciais constituintes de condições de vulnerabilidade a que mulheres negras de modo geral estariam expostas.

Do texto de Hooks (2006) foi emprestado o termo que nomeia esta categoria justamente por falar dos efeitos do racismo sobre a habilidade e estilo de amar, como exposto no trecho teórico já citado. Para ela, se por um lado o racismo fere na capacidade de amar, a insistência em amar é uma forma de resistência política.

7.2. Desde as ancestrais

Para discutir como conteúdos advindos de transmissão psíquica e de simbolismos associados a mulheres negras influenciam o processo de resiliência (essas influências figuram como parte dos objetivos específicos da pesquisa), foi importante a teorização reunida no capítulo “Resiliência em mulheres negras e suas influências”, especialmente nos itens “Transmissão psíquica”, e “Simbolismos associados a mulheres negras”, além do conteúdo presente no capítulo “Mulheres negras: perfil e abordagem psicológica das relações raciais”, nos itens “Mulheres negras: histórico, contexto atual e saúde” e “Psicologia, relações raciais e mulheres negras”.

Matriarca (M)

Neste ponto, a matriarca é convidada a falar sobre a família e sobre a influência de familiares negras sobre as superações que desempenhou.

M: Da minha família agora? Ah, eu adoro. Minha família eu acho legal. Graças a Deus me dou bem com todos eles. Graças a Deus me tratam bem e eu também gosto muito deles.

(...)

M: Sempre achei ela [F] muito legal, muito boa, nunca me deu trabalho nenhum, graças a Deus. Até hoje não deu, então eu me sinto bem com isso. E a [N] também, é uma menina com 27 anos, mas uma menina boa, humilde, não tem boca para nada, fico contente.

Interessante como ela assinala no trecho acima e no posterior, elementos que complementam a análise feita na primeira categoria, apontando como pontos valorizáveis e que a influenciaram a calma, não ter boca para nada, simplicidade, bondade, não se revoltar, aguentar firme dificuldades sem dividir, nunca chorar nem reclamar. Ou seja, é a descrição da resignação, de uma postura

que se conforma e procura passar da melhor forma possível pela situação, sem a enfrentar nem fazer o que seria reprovável segundo os princípios morais com os quais foi educada. No trecho a seguir, mais especificações desse estilo que, segundo a matriarca, perpassa as mulheres negras da família.

M: Ela [F] é uma menina calma, não se revolta com nada, se tiver que passar alguma dificuldade ela aguenta firme, nem fala para mim. Eu vejo que ela está sempre de boa, então eu fico calma por isso. Ela nunca está chorando nem reclamando de nada. Isso aí é importante para mim.

M: A [N] também é uma menina quieta, simples, eu gosto dela bastante. Não tenho o que reclamar dela. De vez em quando ela me liga; de vez em quando não, ela sempre me liga. De vez em quando ela vem aqui para almoçar. Me trata muito bem, ai, Nossa Senhora, então eu gosto dela demais. A filha dela também, minha bisneta também, ela é um barato.

Também ao falar de outras mulheres negras, no caso, colegas na irmandade religiosa, o que ela ressalta é o fato de trabalharem e fazerem tudo direitinho.

M: Tem uma, a CI [colega da irmandade], que é também negra, lá da Igreja do Rosário, da Irmandade, a [CI] e, a outra também. Elas são legaizinhas. Têm a família delas também, elas são ótimas, elas vivem bem também, trabalham, tudo direitinho, e vivem. Têm os filhos delas também. Encontro sempre com elas. São lá da Irmandade do Rosário.

A matriarca faz parte dessa irmandade religiosa negra. Durante a entrevista individual e na grupal, fala de figuras negras, demonstrando que tem consciência e orgulho racial. Tem alguma dificuldade em identificar o que traria como influência de outras mulheres negras. O que consegue falar sobre mulheres negras de modo geral e que a influenciou em episódios de superação tem a ver com o que falou sobre as familiares, ou seja, serem calmas, trabalhadoras, ligadas à família. Para a matriarca, esses são elementos que ajudam a superar grandes

adversidades. Além de características marcantes na educação da geração dela, podem ser considerados elementos potencializadores de resiliência por estarem ligadas a autocontrole, perseverança e suporte social. O próprio pertencimento a essa manifestação religiosa negra já traz essa potencialização, segundo os estudos apresentados nos item “Pertencimentos” e seus subitens.

Filha (F)

Ao falar de outras familiares que foram referência, cita a mãe. Salienta a força da matriarca, o apoio que dela recebeu, e como foi suporte para suas superações. Destaque para a palavra força, que vai aparecer inúmeras vezes em todas as entrevistas, e que está intimamente ligada ao estereótipo de mulheres negras, associadas a guerreiras, como exposto no item “Resiliência em mulheres negras” e discutido à frente, ainda na discussão dos resultados e nas considerações finais. A matriarca, ao longo dos trechos da entrevista, cita situações em que suportou a dificuldade com calma; a filha, no trecho a seguir e em outros, narra como aguentou sozinha algumas adversidades, entre outros motivos para poupar a matriarca.

P: Quando você lembra da sua mãe, as histórias que teve com ela, as histórias dela, memórias, imagens, você começou a falar que é forte, lutadora...

F: É, acho que é isso, ela dá... um suporte, eu acho. Quando eu tive a [N], e mesmo quando eu tive a [segunda filha, SF, caçula, de outro pai], morando lá na Cohab, que precisei, às vezes, aquela correria, alguém para olhar. Lembro que, às vezes, eu trabalhava numa loja, e de sábado não tinha com quem deixar a N; a SF, ela estava na creche. Aí eu colocava a N num ônibus, na frente, com a SF no colo, chegava, (...) minha mãe já estava esperando. Minha mãe foi uma pessoa com quem eu sempre pude contar. (...)

(...)

P: Como isso tudo da sua mãe, como esses pontos marcantes influenciaram a forma como você enfrentou e superou as maiores dificuldades da sua vida?

F: Acho que esse jeito da minha mãe. Eu também sempre ligava para minha mãe. Mas eu também, metade do que eu passei, não falei para ela, me resguardei, porque eu acho também que tem que ter um limite nas coisas, senão fica um saco. Mas ela estava sempre lá em casa, sempre comigo, sempre me ajudando, sempre com as meninas, sempre me incentivando, tudo que eu fiz, minha mãe sempre me incentivou.

O suporte que recebeu da matriarca funcionou como alicerce. As teorias não só do item citado acima quanto do capítulo “Resiliência em mulheres negras e suas influências” corroboram essa dinâmica do suporte social, da rede e do vínculo como essenciais para enfrentamentos e superações. A filha e a neta explicitam que não puderam contar com os pais de seus filhos nem com outros homens com quem se relacionaram para esse suporte, inclusive emocional. O que informam (principalmente a filha, a neta e a bisneta) sobre a influência de mulheres negras, tanto da família quanto outras, ilustra que se apoiaram, numa rede mútua de suporte, onde cada uma pôde se erguer diante de dificuldades, ao mesmo tempo em que erguia as demais. Esse processo será novamente discutido na categoria “Erguem-se guerreiras”.

Quanto a homens com vínculo duradouro e companheiros, na geração da matriarca houve o marido. Na geração da F, o pai da SF, que morou anos com ela. Na geração da N, não houve. Cada uma das gerações, ao assinalar as pessoas da família que são fonte de grande força e geralmente acionadas quando precisam de apoio, citaram as demais colaboradoras. É uma rede familiar efetiva que transmite suporte e fortalecimento mútuo entre as gerações.

A filha cita outra familiar significativa que a influenciou, a vó, de quem destaca a força e a luta ao longo da vida, em presença de dificuldades.

“F: Ah, que ela também, lembro que minha vó também corria muito. Porque não era também uma vida muito fácil.”

As referências de mulheres negras de modo geral aparecem significativas, demonstrando a forte ligação dela com as histórias negras, o movimento negro, e como isso influencia suas estratégias de superação. É a primeira geração a falar disso de modo mais intenso e consciente, apesar da mãe também ter sua ligação, fazendo parte da irmandade religiosa negra há décadas.

F: Mas é uma pessoa que gosto muito de falar dela. (...) Porque eu gosto muito do filho dela [riso], do Luiz Gama [figura marcante da História do Brasil e exaltado até hoje; negro operador do Direito, abolicionista e ativista por igualdade racial]. E toda vez que tenho que pensar em alguma pessoa da história, penso na Luiza Mahin, é Luiza Mahin na minha cabeça. Luiza Mahin, Luiza Mahin, Luiza Mahin. Fortalece a gente nessa luta saber que tem mulheres que fizeram a história.

(...)

P: Para você, quais são os pontos marcantes da Luiza Mahin?

F: Essa coisa de também ir à luta, enfrentar, que nem tem a história que ela participou do Levante dos Malês [evento histórico brasileiro; revolta de negros muçulmanos por igualdade racial].

Aqui ela registra elementos que atendem ao objetivo específico de investigar a influência do simbolismo de mulheres negras sobre processos de resiliência. Ilustra muito bem que essa figura é um símbolo de enfrentamento e luta por igualdade e autonomia, ao fazer a própria história. Novamente, aparecem elementos potencializadores de processos de resiliência, e aqui pela primeira vez a autonomia, que tem a ver não apenas com autoconfiança, perseverança, positiva autoestima, independência, mas também com conscientização, posicionamento, sentido de vida.

Permite pensar os benefícios da consciência racial politizada sobre processos de resiliência. Ao ter consciência de sua história, das peripécias do racismo brasileiro, das vulnerabilidades a que está exposta, e das vias para não se manter vitimizada, essa e outras mulheres negras podem se beneficiar e, a partir desse percurso, alcançarem autoimagem identificada com a negritude e valorizada como positiva, crença na própria beleza, força, contribuição passada, atual e futura para a construção do país, ligação com significados compartilhados negros, ressignificação de sua história e da história de seus ascendentes e ancestrais, entre outros facilitadores de superação de grandes adversidades, conseqüentemente, potencializadores de resiliência.

Cita a importância das mulheres negras inclusive em sua atividade profissional atual, como bonequeira, e exemplifica como costuma falar, nas oficinas que ministra para crianças, sobre essas negras que a inspiram.

F: Eu sempre falo “a palavra fuxico, um monte de mulheres não gosta, porque deixa uma imagem feia para as mulheres, como se fosse fuxiqueira e tal, mas, na história, nas lendas, as mulheres escravizadas não tinham renda, então as roupas que elas faziam, das crianças, eram retalhos, eram pedaços que elas achavam. Alguns dizem algumas histórias, que o fuxico teria vindo da Europa, e as mulheres escravizadas foram as que mais se adaptaram a esse tipo de material; outros dizem que, como elas cortavam os quadradinhos direitinho, outras vezes elas cortavam em círculo, e ali elas ficavam alinhavando.” Aí eu falo para elas “olha, gente, as pessoas falam de fuxico; eu acho que, naquele momento (é uma visão minha), elas estavam ali na senzala, não estavam fazendo fofoca, elas estavam, junto com os homens, articulando formas de fugir, de queimar a fazenda, sabe, de fazer mil coisas, então, na verdade, não era fofoca, era uma articulação política mesmo”. Elas poderiam estar fazendo. Porque a importância da mulher negra...

Apreende o que teriam feito as ancestrais e aproveita o ambiente de costura para formação política, já incentivando a consciência histórica e racial das crianças. Um momento aparentemente lúdico é aproveitado para se prepararem para reagir ou resistir ao racismo. Foi assim com a capoeira, arte que traz luta disfarçada de dança; e com outras manifestações e articulações negras. Com a questão do fuxico, dá um exemplo de como a história pode ser contada por várias formas diferentes, exaltando ou desqualificando seus personagens, a depender de quem conta. Isso foi discutido no terceiro capítulo, nos dois primeiros itens, os quais apresentam o histórico e contexto atual da população negra e de mulheres negras.

Aparece nesse trecho seu orgulho pela organização política de negros(as) à época da escravidão, uma imagem contrária à que é passada na educação formal, esta associando negros(as) a imagem de serviçais submissos, preguiçosos e primitivos. Ela absorveu e dissemina outra imagem dessas pessoas, e ressignifica também a imagem da mulher, já que o estereótipo de fofoqueiras é substituído pela imagem de articuladas, guerreiras, e termina refletindo e suspirando com a força e importância da mulher negra desde aquela época.

Costurando o orgulho em relação ao seu povo e às mulheres negras, a crença na capacidade do seu grupo de pertença, a solidariedade de

trabalhar fazendo bonecas negras que estimulem a positiva autoestima de crianças negras, alinhando com as histórias que conta que estimulam enraizamento, a trama é um processo de conscientização, apoio emocional, solidariedade e suporte social que incentiva nela e nas próximas gerações processos resilientes.

Neta (N)

Também para a neta, é constante a ligação com mulheres negras, tanto as contemporâneas quanto figuras históricas. Assim como a mãe, está em processo de descoberta e encantamento pelas histórias negras, passando de um processo de embranquecimento (alisamento de cabelo, por exemplo; a discussão sobre embranquecimento e estética dos cabelos será retomada em categoria posterior) a um processo de retomada do enraizamento no grupo de pertença negro, identificando a importância da mulher negra nesse contexto.

N: A gente fica pensando “só Zumbi que comandava o Quilombo”; não, mulheres também! Mesmo tudo que a gente conquistou naquela época, existiam essas lideranças de mulheres muito fortes, de guerra mesmo. Eu sempre fico pensando muito nesse livro [sobre mulheres negras africanas e afro-diaspóricas, suas histórias e lutas], nessas mulheres, nessas princesas, que vieram e coordenaram grupos de guerra. (...) Com certeza ela tinha alguma mensagem de força para passar naquele momento para aquelas pessoas, para lutar contra tudo aquilo que estava acontecendo naquele momento. É algo forte para mim.

Ao acompanhar sua fala, com a narrativa dos fatos históricos e trechos de sua própria vida, ao acompanhar sua reflexão sobre a forma como, desde as ancestrais, o simbolismo relacionado a mulheres negras influencia suas superações, alguns aspectos sobressaem: as conquistas do povo negro ao longo da história, a participação de mulheres negras nessas conquistas, inclusive como líderes, a força dessas guerreiras, as mensagens que teriam servido para instigar força e luta e a inspiram em suas próprias lutas. É um estereótipo marcado pela

potência, força, luta. E isso influencia, às vezes até exige em detrimento de falta de condições, que sejam empenhados enfrentamentos e superação diante de grandes adversidades.

A presença dessa imagem de força e de guerreiras nos relatos corrobora o que a bibliografia aponta como estereótipos, ou seja, características pré-concebidas incrustadas no imaginário social e projetadas sobre determinado grupo, como exposto no trecho “Psicologia e relações raciais”, referenciando Bento (2001), Instituto AMMA Psique e Negritude (2007), Munanga (2005) e Werneck (2010).

Em relação às características que incorrem em processos de resiliência a partir de transmissão psíquica, ela narra o suporte advindo de mulheres negras ascendentes e também a intensa influência de ancestrais. Na categoria anterior, foi ilustrada uma semelhança no estilo de relação afetiva, inclusive com a repetição das circunstâncias ligadas à maternidade. Conteúdos que predisõem a resiliência e outros que a dificultam fazem parte dos elementos transmitidos psiquicamente entre as gerações e circundantes em cada família.

Na fala anterior da neta, novamente, a referência a um dos conteúdos frequentemente relatados como marcantes nas mulheres negras que influenciaram sua vida. Trata-se da força, que aparece associada ao estereótipo de mulher negra guerreira. Para ela, fica a mensagem de que é preciso lutar mesmo quando é grande o peso do fardo. Cabe refletir se há recursos para essa luta ou se ela é empreendida muitas vezes pela hetero e autoexigência de corresponder ao perfil de guerreira. Dessa forma, a força, em alguns casos, seria praticada menos por disponibilidade de recursos internos, e mais por exigência social interiorizada. E ela afirma, no próximo trecho, a crença na força intrínseca à mulher negra.

Ao colocar em prática as características de mulher forte, talvez os recursos internos venham justamente da crença na própria capacidade a partir da identificação com esse estereótipo de guerreira, talvez venha também do sentido de vida encontrado nos significados compartilhados nas manifestações negras às quais pertence, como a religião afrobrasileira, que também tem figuras femininas significativas por sua força e liderança. Por outro lado, esse déficit entre recursos e práticas poderia ser compreendido como parte significativa das condições precárias de saúde de mulheres negras, como apontado no item “Mulheres negras: histórico, contexto atual e saúde”.

N: Eu acho mesmo que a mulher negra é forte. Ela é muito forte. Às vezes, eu não entendo algumas mulheres que vivem, como eu já vivi, um relacionamento complicado, de maus tratos, achando que não vai encontrar mais ninguém, não vai conseguir criar seu filho. Eu acho que a mulher negra é muito forte. E aí eu tenho esses exemplos, como vários outros exemplos, até na religiosidade, mulheres bem fortes também, na religião de matriz africana, elas sempre são colocadas como fortes também. Cada uma com a sua essência, mas todas com a visão de fortes. Eu tenho isso em mim. Que a mulher negra é forte mesmo, que eu tenho que ser forte também, que eu sou forte, que tenho que procurar minhas ferramentas para lutar, para não deixar a peteca cair, problemas existem, e tentar contornar isso.

Bisneta (B)

A bisneta também fala do sofrimento e força da mulher negra, demonstrando, forte enraizamento na história negra. Encontra suporte também em sua mãe e sua vó, revertendo-o em motivação para a resiliência. Um exemplo foi ela adotar, no ambiente que lhe fora extremamente estressante por ter vivenciado discriminações raciais, uma postura de assumir sua negritude, desde o cabelo até a história, verbalizando a importância do respeito à diversidade. Pode-se pensar no que foi exposto na teoria, sobre malhagem, remalhagem, transmissão psíquica intergeracional e transgeracional, entre outros, com a constituição, nas histórias de vida das colaboradoras, de vínculos de filiação e afiliação que propiciaram enfrentar as adversidades (BENGHOZI, 2010; 2005).

O sentimento de pertença, suporte social, autoconfiança, otimismo e outros elementos provenientes dos pertencimentos a redes de mulheres negras e diferentes manifestações ajudam a constituir um quadro de menores efeitos diante de laços dilacerados, possibilitando resiliência apesar e a partir desse contexto, como ilustrado nas concepções de Vasconcellos e Ribeiro (2006), Walsh (2005), Souza (2004; SOUZA; CERVENY, 2006) e Ansara (2008).

No trecho a seguir, ela estava respondendo sobre mulheres negras de modo geral, e como pontos marcantes relacionados a elas a influenciaram a enfrentar e superar as maiores dificuldades de sua vida.

B: Eu estava no Ibirapuera, eu fui no Museu Afro. Eu vi várias coisas africanas, e o navio negreiro, vi a foto das casas como eram antes. E aí eu expliquei para a professora, e eles ouviram, e aí deu para eles entenderem que eu gosto do meu cabelo, que eu não tenho preconceito com isso. Se eu não zuo com o cabelo deles, eles não podem zuar com o meu.

P: Lá no Museu Afro, você viu imagens de outras mulheres negras e te ajudou?

B: Da África. Sempre eu vejo no computador, na tv, o que os africanos sofrem. E antes, quando as mulheres negras, tipo as escravas, tinham um bebê, e as que escravizavam elas tinha um filho, elas não podiam dar leite primeiro pros filhos delas, tinham que dar primeiro leite pros filhos dos brancos, e depois dar pros filhos delas, e os filhos sempre morriam por causa que faltava leite, a moça não deixava dar leite pros bebês delas.

(...)

B: E antes [época da escravidão], os policiais colocavam uma corda e davam um nó, aí se alguém tentasse fugir, ia enforcar todos e se enforcar.

P: Quando você vê essas imagens, ouve essas histórias ou vê algo sobre isso, como isso te ajuda a enfrentar situações difíceis da sua vida?

B: Não precisa minha vó ir lá explicar, porque eu explico para eles também.

Enquanto falava isso, ela expressava tranquilidade, segurança, orgulho e força. Mais uma vez, presentes elementos potencializadores de resiliência; neste caso, influenciados por simbolismos associados a mulheres negras de modo geral e mulheres negras significativas.

Ela demonstra ter conhecimento sobre parte do histórico descrito por Davis (2000), Theodoro (2008) e Giacomini (1988) no trecho “População negra: histórico, contexto atual e saúde”, ou seja, que mulheres e homens negros

escravizados passavam por várias violências e vulnerabilidades, acumulando deveres e usurpados de seus direitos. Interessante notar como a mais nova das quatro foi quem referenciou os fatos mais antigos relacionados à população negra, mencionando episódios desde a África. A bisneta citou fatos da época da escravidão, e como a força daquelas mulheres escravizadas a inspira a enfrentar os dilemas atuais. De alguma forma, o sofrimento de negras e negros escravizados, os enfrentamentos que tiveram que fazer e a negritude da qual tem consciência e orgulho inspiram-na a enfrentar os colegas de escola.

Outro elemento presente nessa categoria, nos relatos delas, atende a um dos objetivos específicos, permitindo delinear e analisar conteúdos que comprovam transmissão psíquica de resiliência. Por exemplo, quando é dito que, por ter uma mãe forte, é preciso honrá-la repetindo a força. Ou quando a bisneta diz que o sofrimento de ancestrais a inspira a enfrentar suas grandes dificuldades. Demonstrem, neste e em outros trechos, a identificação com a força de familiares, outras mulheres negras ou ancestrais (por exemplo, a figura histórica de Luiza Mahin ou mulheres negras destacadas no Museu AfroBrasil). As colaboradoras relataram que, diante de grandes adversidades, a força de outras mulheres negras as instigou a serem fortes também.

Superações desempenhadas por gerações anteriores podem facilitar processos de resiliência ao servir de base para autoconfiança na capacidade de repeti-las. Por outro lado, é preciso repetir a problematização de que essa inspiração pode chegar ao nível de exigência árdua, já que nem sempre a pessoa dispõe de recursos e pode se sentir compelida à força constante, a atender ao estereótipo de guerreira.

A exigência de força e de assumir responsabilidades pode também estar relacionada a outros simbolismos associado a mulheres negras, e condizentes com períodos históricos. Trata-se do perfil ilustrado por Nascimento (2008), Lopes (2008) e Werneck (2006): mulheres negras historicamente associadas a resistência e enfrentamento; apesar de explorações e violências, assumem a responsabilidade por cuidar da família, de seu povo e das tradições, guerreiras que conciliam as funções de lutadoras e guardiãs. No relato das colaboradoras, a presença constante da palavra força como atributo de outras a ser honrado.

7.3. Nas tradições

As tradições são a fonte de significados compartilhados a partir das manifestações negras de caráter cultural, político, intelectual ou religioso. Para discutir essa categoria, foram essenciais principalmente as contribuições teóricas do capítulo chamado “Resiliência em mulheres negras e suas influências”.

Matriarca (M)

Nas memórias e reflexões da matriarca, sua ligação com a manifestação negra religiosa da qual faz parte desde 1969. Demonstra, com suas falas, como os ensinamentos religiosos contribuíram para que ela se tornasse a pessoa recatada, calma e caridosa que demonstra ser. E como encontra, na religião e na fé, uma fonte para suportar e superar grandes dificuldades. No trecho a seguir, ela conta como a religião a influenciou a superar a maior dificuldade vivida, e única grande adversidade reconhecida durante toda a entrevista.

M: Quando a gente tem uma religião, tem pessoas que aguentam as coisas. Eu fiquei firme, firme, depois, fui para o enterro, tudo lá, depois voltei para casa, aí depois é que caiu a ficha. Depois é que caiu a ficha. Mas antes não, eu fiquei firme.

P: Então os pensamentos da religião ajudaram?

M: Ah, sim, ajudaram bastante. É, acho que é a função, né, de uma religião. Tem pessoas que não tem religião nenhuma e qualquer coisinha já chora, já ataca, eu não, eu fiquei firme.

Novamente, chama a atenção algo presente na fala de todas. A constância da exaltação da força, firmeza, garra. Deixa uma pista de que houve um grande sofrimento também, que vai ser descrito mais adiante. Mas a força sobressaiu e foi o que ela elegeu para descrever como enfrentamento e superação da grande dor.

A seguir, ela ilustra como os ensinamentos, a reza e a fé, ou seja, o sentido de vida transmitido pela manifestação religiosa, preparam-na para enfrentar e superar adversidades e ser uma pessoa boa.

M: Ah, eu rezo muito. Eu sou uma pessoa que levanto, tomo meu banho, depois vou lá e rezo bastante. Tenho muita fé em Deus, então eu rezo. Tem uma frase; na Santa Casa [onde ela faz serviço voluntário] sempre trazem umas frases bonitas. Tem uma que Deus fala para a gente entregar todos os problemas da gente para ele. “Me entrega”. A gente entrega, eu entrego, meu corpo todo, por dentro, por fora, para não ter nada, doença nem nada, eu entrego todo dia.

Agora pensando na morte do marido que ela tanto amou como o maior sofrimento que já teve e uma situação de intenso stress, interessante notar qual foi a estratégia adotada por ela para reagir. Novamente, aparecem a valorização da bondade, trabalho e caridade. Quando atingida por grande dor, ela se consola e se recupera cuidando de outros. A caridade pode ser compreendida como o sentido de vida que facilita o processo resiliente de superação da própria dor.

M: Eu só pensei assim: acho que agora eu vou trabalhar, vou me doar. Fui para a Santa Casa, que eu gosto. Quando está de férias eu fico até... [feição de desconsolo] Estou acostumada. Lá tem as outras voluntárias também. Todo mundo se doa. A gente conversa. Faço das oito ao meio-dia. É bom que entra bastante gente lá, para comprar as coisas. Eu também, as coisas que não me servem eu doo, levo para lá, meus vizinhos também quando têm coisas aí eu levo para a Santa Casa. Tudo serve. Todo dinheiro que entra é revertido para comprar as coisas, para ajudar. A gente vai levando, vai levando a vida. Vou ficar nessa sempre até a hora que Deus chamar a gente. A gente tem que participar.

P: Então, nessa situação a senhora acabou achando inspiração para trabalhar para os outros, para se doar.

M: É, é assim que eu faço, eu me doo. Eu me sinto bem.

No trecho a seguir, fala da manifestação negra a que pertence, a Igreja do Rosário dos Homens Pretos, onde tem também a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos, organização negra presente desde a escravidão, quando negros(as) eram proibidos(as) de frequentar as missas. As Irmandades se organizavam para construir igrejas com seus próprios recursos, para poderem praticar o catolicismo e a devoção à santa que protegeria escravizados(as). As Igrejas do Rosário dos Homens Pretos estão presentes em várias cidades brasileiras e são históricos espaços de resistência negra dentro do catolicismo, com inspiração afrobrasileira nas missas e demais eventos.

A matriarca destaca o quanto gosta do padre, especialmente por estar sempre acompanhado de um sorriso.

P: A igreja que a senhora vai é sempre a do Rosário?

M: É, sempre a do Rosário. Porque é perto, vou à pé, daqui ali, no [Bairro] Paiçandu.

P: A maioria dos fiéis que frequentam é negra?

M: Tem bastante. Na Irmandade realmente são tudo negros. O padre também, Padre Lazinho também, gosto muito dele, é negro. Nossa, eu adoro, é um padre sorridente, nossa senhora. É difícil, né? Se ele vai te dar hóstia ou carestia, é sorrindo, conversa tudo sorrindo. Eu gosto de pessoa assim. Não gosto de cara fechada não. Ele é ótimo.

Algo interessante. A alegria, ingrediente comum nas manifestações negras, dando colorido negro ao catolicismo. No item “Psicologia, relações raciais e mulheres negras”, é discutida a alegria como recurso, a serviço da resistência (RAMALHO, 2010). Desde as manifestações africanas, passando pelas manifestações afrodiaspóricas, essa característica é trabalhada, e é nítida a diferença das expressões religiosas europeias (durante os ritos, feições mais sérias, músicas mais melodiosas/harmônicas e sóbrias, uma comunhão introvertida e contemplativa) para as expressões religiosas de matrizes africanas (durante os ritos, feições mais descontraídas, músicas mais rítmicas e alegres, uma comunhão extrovertida e vivencial).

Abaixo, demonstra como o pertencimento à igreja denota, para ela, uma situação onde os diferentes se igualam, uma forma de espaço isolado (ou

idealizado) de igualdade racial. Na religião, todos seriam iguais. Seria uma forma de racionalização? Uma busca por aceitação ao se inserir na religião branca, ao estar no lugar onde todos são denominados irmãos?

Seria esse fenômeno um motivo inconsciente entre outros que levam negros para trabalhos como nas forças armadas? A busca por segurança, reconhecimento enquanto herói nacional; a busca de igualdade, facilitada inclusive pelo uso de uniformes? Questões sobre as quais não será possível debruçar nesta pesquisa. No final do trecho, a matriarca dá uma pista de que talvez as brancas frequentemente para cumprirem uma ação de demonstração de não preconceito.

P: A senhora acha que tem algo que é comum nas mulheres negras dali, ou que é diferente de outras mulheres, mulheres brancas, por exemplo, ou é igual?

M: Não, porque tem mulheres brancas ali também, vai mulher branca também, e ali fica tudo igualzinho.

M: Porque ali, pelo fato de ser igreja dos pretos, negros, elas vêm. Acho que elas acham que têm que vir também. Porque elas são brancas. Mas tudo bem, tem todo o respeito.

No próximo trecho, a pesquisadora pede que ela relate o que identifica como influência dessa religião sobre enfrentamentos e superações que realizou, explicitando o que estaria presente em seu perfil e no de outras mulheres negras da mesma igreja. A matriarca escolhe destacar a relação com a família, dizendo que todas têm boas famílias, famílias que não dão desgosto, famílias calmas, e elas também são mulheres que lidam calmamente em situações adversas.

P: Então o que a senhora acha que influenciou essas mulheres negras também é o jeito de ter uma família calma?

M: É, elas têm, eu conheço. Todas têm.

P: De lidar calmamente com as situações.

M: É, muito, muito.

P: Mesmo nas grandes dificuldades, calmamente.

M: É, calmamente.

M: Eu vou sempre na igreja e eu rezo e eu peço que Deus me dê ajuda para eu continuar firme, sempre dessa forma. É muito bom para mim.

Explicita que a fé e os ensinamentos religiosos a acompanham desde tenra idade.

M: É, eu fui criada no colégio das freiras. Eu nasci em Porto Alegre. E minha mãe morreu com dois anos. Não, dois não. Ai, meu Deus do céu. A minha mãe morreu do coração. Aí meu pai teve que casar de novo. A outra, que foi minha madrasta foi a mesma coisa que mãe. Muito boa. Aí depois com sete anos me puseram no colégio das freiras. Fiquei internada no colégio lá em Porto Alegre. Fiquei internada lá de sete a catorze anos. Eu fiquei internada lá. Eu gostava porque era jovem de tudo, saía muito com as freiras, com as irmãs lá. Eu gostava, né?

P: Saía também para visitar a família?

M: Não, eu ficava lá, internada.

P: Ficou sem ver a família?

M: Eles vinham. Meu pai vinha com a minha madrasta e vinha visitar todo domingo. Eu fiz a primeira comunhão lá também.

P: Então a senhora realmente teve uma educação religiosa.

M: Tive, graças a Deus.

P: E nunca mais se afastou?

M: Não. Vou ficar até o fim, né? Eu nasci nessa religião, tenho que morrer nela, né?

P: E nessa Igreja do Rosário, a senhora vai há quantos anos?

M: Já faz quarenta anos que a gente mora aqui. Foi em sessenta e nove que viemos para cá. Aí a gente conheceu essa igreja aí, comecei a ir e não parei mais.

O pertencimento religioso ocupou espaço bem significativo em sua vida. Certamente, determinou enraizamentos específicos e pode explicar sua extrema ligação com a religiosidade e seus ensinamentos. Compreende-se a importância da família constituída e da comunidade religiosa, até porque em muitos momentos houve rupturas com a família de origem: primeiro perdeu a mãe, depois

foi colocada em colégio interno, e depois migrou de Porto Alegre para São Paulo para trabalhar como doméstica, onde acabou constituindo família e ficando. Além dela, uma irmã também veio.

Mais uma vez, no assunto da religião, aparece uma contradição entre sua fala e a fala da filha. Enquanto a mãe afirma que nasceu, sempre permaneceu e vai morrer nessa religião, a filha relata que a mãe já passou por várias religiões. Talvez para a matriarca, frequentar por algum tempo não denote pertencimento, talvez prefira passar a imagem de uma vida dedicada ao catolicismo. Talvez seja mais fácil falar da ligação ao catolicismo do que uma ligação a religiões discriminadas. Ou talvez a filha tenha dado à história um colorido que, para ela, é mais interessante, de associar a família a uma tradição negra, inclusive na religião.

Essa divergência entre os fatos relatados pela matriarca e pela filha já havia aparecido em relação ao marido/pai. Independente do que efetivamente ocorreu em cada situação, importam as imagens que cada uma enxergou e transmite, a significação particular que deram ao fato, e constatar as diferenças entre as gerações, naturais assimetrias entre modernidade e tradição.

Filha (F)

Passando aos conteúdos da filha, relacionados às tradições, percebe-se, desde o início, um grande envolvimento com a temática racial, o qual é apontado e valorizado, sempre acompanhado de orgulho. Estava, aliás, fazendo uma organização de memórias para escrever um texto sobre a família, para um concurso sobre memórias negras.

F: A minha família é uma família negra, tanto por parte de pai quanto por parte de mãe. Coisa que hoje é um pouco inédito algumas vezes. Então, sempre tive esse envolvimento com negros. Negros de Minas, que é a parte do meu pai, e da minha mãe que é do Rio Grande do Sul. Do meu pai eu sei um pouco, até pesquisando, é bem provável que sejam descendentes de angolanos, então tem uma parte de Angola.

Como envolvimento com manifestações políticas negras, cita, como principais, o movimento negro e o movimento de mulheres negras. De modo geral, ao longo da entrevista, ela fala do quanto está ligada a significados compartilhados em manifestações negras culturais, desde a própria profissão atual, de bonequeira. Foi também significativa a participação nos Bailes Black, que interferiram na consciência racial e ressignificação de sua imagem associada à negritude. Hoje alimenta um interesse pela história de negros(as), localizando-se num processo de busca de informações que vem associada à positivação da autoestima.

Em trecho anterior, falou da importância dessas manifestações para a consciência racial e o posicionamento político. Ao final desta categoria, serão retomadas algumas teorias para discutir esse resultado.

Neta (N)

A neta relata sua ligação com as tradições e como, ao lado da maternidade, fornecem inspiração e ensinamentos para as superações. No trecho abaixo, ela relata o envolvimento com a umbanda, e como os ensinamentos dessa religião afrobrasileira, surgida do sincretismo entre religiões africanas e europeias, influenciam-na a controlar duas tendências, à impulsividade e a se exaltar. E pondera que se controla também pela filha. A maternidade já foi analisada como uma estratégia de enfrentamento que ela e a mãe adotaram em situações anteriores de vida. Aqui aparece como fonte de inspiração para adotar posturas que ela avalia como mais evoluídas. Ambas as inspirações podem ser pensadas como potencializadoras de resiliência, pois alguns de seus elementos clássicos são a crença, sentido de vida, os vínculos que propiciam autoconfiança e a flexibilidade, conforme o que foi visto no capítulo “Resiliência”.

N: Eu tenho muito forte isso da espiritualidade. E eu sei que se eu sair do meu equilíbrio, perder o controle, eu que vou ser a maior prejudicada; e eu tenho uma pessoa que depende de mim, então não posso ficar toda desequilibrada. E depois que eu parei de discutir, agora eu só aviso, evito entrar em conflito, estou tentando conversar,

mas não depende só de mim, fico mais calma, mais tranquila, menos estressada, é só procurar não brigar. Bem tranquila.

Ela relata a influência do pertencimento a uma manifestação negra sobre o estilo de enfrentamento das situações extremamente difíceis. A partir do equilíbrio, que é um significado compartilhado que apreendeu da religião, e em nome do que considera pertinente no papel de mãe, ela aciona a calma para contrapor sua tendência a posturas mais explosivas. A superação das próprias dores em nome de um ideal será discutida a seguir, ao final desta categoria.

Bisneta (B)

A bisneta explica como as manifestações negras das quais participa (hip hop, capoeira, maracatu) a ajudam a enfrentar as discriminações e desafios no dia-a-dia.

B: “Ã-hã”. Porque tem vários cantores que falam, na música, sobre preconceito, e aí minha mãe me leva em vários shows deles, e aí eu entendo e explico depois na pesquisa. [A professora pediu para ela fazer uma pesquisa sobre Zumbi, a qual foi apresentada na escola]

Além do sentimento de pertença que experimenta nas manifestações, aparece aqui uma identificação com o conteúdo das músicas, em que ela ouve falar do preconceito, que é uma fonte de stress, compreende como outras pessoas lidam com essa situação e encontra inclusive argumentos para utilizar no ambiente estressor, sendo a argumentação uma estratégia adotada com sucesso, segundo ela.

Ao longo dos trechos das quatro colaboradoras, esta categoria apresentou resultados que mostram como as tradições podem influenciar resiliência. Importante resgatar a contribuição de Souza (1990), que problematiza o enraizamento às origens negras como algo mais que pertencer a manifestações negras, abrangendo identificar-se com os significados que carregam, tomar consciência de sua negritude e posicionar-se. Como dito no trecho a seguir:

(...) Nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra.

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração.

Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (p. 77)

Fanon (2008) complementa o que seria o caminho a partir das feridas, passando pelas tradições para chegar à superação. Segundo ele, além de superar os sofrimentos e tomar consciência, é necessário transcender a fixação ao passado de dores, o apego forçoso à negritude e atingir liberdade para estar sintonizado(a) ao presente, com compromisso na luta pela igualdade.

Munanga (2010) cita os movimentos negros contemporâneos como espaços de identidade coletiva dos excluídos que ampara o resgate das culturas negras, do passado, do orgulho pela contribuição para a construção do país, da recuperação da negritude.

No caso das colaboradoras, elas demonstram estar nesse percurso, pois além de estarem reavaliando e ressignificando a negritude e os efeitos do racismo, todas encontram no pertencimento às manifestações elementos para inspirar superação de suas dores, voltando-se, ainda (principalmente as três gerações mais novas) a ações de ativismo, em luta por igualdade racial.

7.4. Erguem-se guerreiras

Essa categoria dialoga com os capítulos “Resiliência” e “Resiliência em mulheres negras e suas influências” para análise das formas individuais e coletivas de enfrentamento, superação e transcendência, abarcando os suportes mútuos. Traz também a discussão sobre a transmissão psíquica de resiliência.

Matriarca (M)

Aqui, a matriarca expõe como costuma enfrentar e superar grandes adversidades. Importante retomar que ela teve dificuldade para as resgatar nas memórias, a não ser pela perda do marido, que foi o maior infortúnio a ser enfrentado. Demonstra no relato desse coping, o quanto procurou ser centrada, focar no problema, avisar de forma protegida o filho sobre a fatalidade com o pai, e acionar uma amiga que poderia ajudar a encaminhar procedimentos diante do fato, inclusive por ter melhor condição socioeconômica que a família, e pela gratidão à família.

Ela fala também das dificuldades financeiras, que sempre acompanharam a família, até pela profissão do marido, músico profissional, que não rendeu estabilidade nem bens que garantissem segurança.

M: Não lembro porque foi sempre tudo normal. Só com a morte do meu marido que eu fiquei bem chateada. Ele era muito bom. A gente nunca brigou nem nada. Estava tudo certo, graças a Deus.

(...)

M: Aí a médica veio com uns comprimidinhos. Pensou que eu ia ficar... Veio, deu o comprimidinho e depois falou que ele tinha falecido. Aí, ele tinha uma aluna (AL), que morava lá no Morumbi, mora até hoje. Ele dava aula particular [de música] para ela aqui. Aí eu liguei para ela. Primeiro falei com meu filho: “Vem para cá que eu acho que seu pai não está bom”. Aí ele veio rapidinho, foi na Santa Casa, aí a gente ligou para a AL, e ela veio. Ela que fez e fez o

enterro, fez tudo, tudo. A gente não podia porque estava assim [sem dinheiro]. E ela veio, e fez o enterro tudo direitinho, acompanhou tudo. Porque ele é enterrado no Araçá, com os músicos. Ao menos isso o Presidente da Ordem fez pros músicos. Porque mais nada ele fazia. Fez um mausoléu pros músicos, todos eles estão enterrados lá. E ele é enterrado aí no Araçá. E assim foi.

P: Teve alguma mudança ou lição que a senhora aprendeu nessa situação? Alguma coisa mudou depois da forma como a senhora reagiu?

M: Eu só pensei assim: acho que agora eu vou trabalhar, vou me doar.

Diante das dificuldades, da perda, ela sempre tentando fazer o que acreditava que tinha de ser feito, mantendo a calma e se doando. Dificuldade de acesso aos sentimentos? Objetividade? Nesta pesquisa não será possível aprofundar nos motivos. O fato é que esse é o perfil de processos de resiliência pelos quais ela vai passando ao longo da vida, utilizando a fé, o vínculo com a família constituída, a persistência, a autoconfiança e a doação ao próximo, elementos que foram apontados na revisão teórica como facilitadores de processos resilientes.

Filha (F)

Demonstra como as referências negras ajudaram a constituir sua autoimagem, partindo de uma negação da negritude para a consciência racial; aos poucos, foi assumindo seus traços físicos negros, aproximando-se das manifestações negras e se interessando pela história negra de modo geral e pela história da parte negra da família.

Esse pertencimento se expressa em suas atividades profissionais atuais, pois deixou de ser professora para se dedicar à confecção de bonecas negras, por meio das quais procura incentivar processos como o que ela percorreu.

F: Olha, tudo mexe muito comigo. Eu sou super envolvida, muito envolvida. (...) Até o final da minha vida, vou envolvida com tudo,

com a cultura, com a religiosidade (embora não seja seguidora), com a questão da estética, que uma hora quero usar dread (estou caminhando para isso, uma hora vou falar “é hoje”), então, acho que tudo está muito ligado para mim. (...) Na minha história, eu consigo pensar, que desde pequena até a idade de hoje, sempre vivi nesse mundo negro.

(...)

F: Identifico muito, muito, muito a década de setenta, os Bailes Black.

Ela se vê influenciada por várias manifestações, e, ao ser perguntada, no próximo trecho, sobre o que teria em comum e marcante nelas todas, ela explica que a cultura e a história de modo geral a atraem, porque conhecendo melhor a cultura e a história do negro, ela consegue encontrar significados com os quais vai se associando, estando cada dia mais encantada pelo aprofundamento desses conhecimentos e pela África. Para ela, portanto, o enraizamento, como proposto por Weil (2001), o pertencimento racial, o resgate dos conteúdos, do vínculo, tudo isso tem sido uma constante a influenciar processos de superação.

P: Mas, de modo geral, é possível falar de uma característica marcante nessas manifestações todas?

F: Acho que a cultura de uma forma geral.

(...)

F: Acho que o comum é a história mesmo, porque dentro da história é onde você vai aprender sobre a cultura, sobre a religiosidade, então, de tudo isso, é toda essa história que me persegue, que está dentro de mim.

F: Elas são a África que está dentro de mim. A África inteira, que está dentro de mim, embora eu não conheça a África, e eu saiba que vai chegar lá e ser tudo diferente [risos]. Mas é muito forte, eu vejo o mapa da África, por exemplo, e marca.

P: Então, o que fica de marcante... (...)

F: É a minha identificação.

(...)

F: E a minha paixão. Eu não posso dizer que gosto mais disso, gosto mais daquilo, eu ainda não posso dizer.

(...)

F: O meu norte é estar sempre pesquisando, sempre procurando aprender da cultura negra.

Neta (N)

A neta relata como pôde contar com a rede das familiares negras que a apoiaram na dificuldade de assumir sozinha a maternidade. Observa-se que, diante de um relacionamento conturbado e do desafio de bancar os cuidados da filha, ela, que já tinha informado que os ensinamentos religiosos a ajudam a superar dificuldades, aqui informa que recorre também aos vínculos familiares, encontrando na malhagem dos vínculos (de afiliação à religiosidade de matrizes africanas, associados aos vínculos de filiação a familiares negras), uma rede que a ampara e dá a crença de que ela pode enfrentar os percalços e alcançar processos de resiliência (BENGHOZI, 2010; 2005).

Em outras palavras, percebe-se, neste e em outros trechos, a confirmação da influência da transmissão psíquica e dos pertencimentos sobre processos de resiliência.

N: Eu ia ter que criar minha filha e pronto.

(...)

N: Aí eu fui morar com a minha vó, fiquei um ano, depois voltei a morar com a minha mãe, só que faz três anos que ela queria voltar a morar no centro, ela sempre me incentivou a ter minha família, morar sozinha, e eu por falta de condições também, sei lá, falta de coragem também, acabei não saindo. E aí ela decidiu vir morar no centro, faz uns três anos, e eu fiquei lá com a B. Foi ótimo assim, eu gosto muito. Eu e a B, por mais que eu fique aqui no centro, a gente tem nossos momentos. “Ai, vamos para casa. Nossa casa, nossa casa”. Por mais que seja longe ir para lá, viajar, a gente vai e fica lá.

Fica aparente a ligação entre ela e a filha, e como é uma família marcadamente de mulheres. Relembrando de trechos anteriores, onde a F, por

exemplo, contou com a matriarca para cuidar das filhas, fica nítida a rede feminina de sustentação mútua.

Sobre formas recorrentes de superação de adversidades, descreve uma situação marcante.

N: Eu tenho uma relação muito complicada com o pai da minha filha. Muito, muito, muito complicada. Porque ele é um homem imaturo, bem imaturo. E a mãe dele, com esse formato de mulher que gosta de centralizar as coisas. (...) Uma coisa que foi bem difícil, porque aí a B ia começar a cantar, e a gente começou a correr atrás, e ela ia fazer a primeira apresentação, que eu qualifico como importante, ia ser a primeira apresentação dela; mais legal que seria o aniversário de São Paulo. E ela estava na casa do pai dela. Ele não queria deixar porque a mãe dele ia fazer uma festa de bodas de casamento e acabou não entendendo. Eu conversei com ela por telefone e falava “ah, mas ela vai fazer uma rima” e tal, e aí aquela confusão. Eu “por favor, traz ela”, não queria passar para ela que estava nervosa. E ela no meio de toda essa confusão. E uma coisa que já estava deixando ela nervosa, a primeira apresentação, num lugar considerado grande, com muitas pessoas. E aí eu consegui, ele a levou, a gente voltou para o centro, eu vim tentando acalmar, contornar isso. Porque ela canta, mas eu sempre tenho que estar lá, dar força, e não podia passar nada “trash” para ela, tinha que passar toda a segurança, ela estava fragilizada, não estava entendendo, e eu também nervosa porque não sabia como ia ser. A gente estava todas lá, minha mãe, minha irmã. Ela se apresentou, foi ótimo, estava cheio, foi bem legal. Enfim, com toda essa dificuldade, com todo esse problema, eu consegui passar a segurança que ela precisava naquele momento, ela se apresentou e daí, desse dia, que aconteceu todo o resto. Esse vídeo foi parar na internet, chamaram ela para a Eliana [programa de televisão]. Foi depois desse dia. Esse dia foi o dia mais importante para ela. Quando a gente tem filho, o dia mais importante da sua vida é o mais importante do filho.

Ilustra nesse relato a difícil relação com o pai da sua filha, uma constante na vida dela, assim como sua mãe. E identifica que, naquela situação e

em outras ao longo da vida, procurou ser perseverante, lutar pela realização de seus sonhos, dos sonhos da filha, ou mesmo dos sonhos dela que se realizam por meio da filha.

Bisneta (B)

A bisneta narra uma situação em que o pertencimento racial foi assumido, exposto, e encontrou a reação de discriminação por parte de colegas. Acionando significados compartilhados nas manifestações negras, encontrou uma forma de superar a situação. E o cabelo, que era fonte de stress por levar a situações de discriminação, passou a ser motivo de elogio e reforçou o orgulho.

As discriminações raciais que a bisneta conta à frente tiveram o cabelo natural crespo como alvo. Podem ser compreendidas como estágio de um processo que começa com a ideologia do racismo pregando que o cabelo crespo é inferior ao liso, depois passando pelo estereótipo de que cabelo crespo é “ruim”, feio, duro. Quando o estereótipo é assimilado individualmente, ocorre o preconceito, ou seja, sentimentos e pensamentos pautados nessa ideologia, como a rejeição desse cabelo ou a convicção de que não é bonito, e então chegando à discriminação, que, no caso, ocorreu com falas ofensivas e chacotas. Essa linha de raciocínio está de acordo com as teorias de Bento (2001), Instituto AMMA Psique e Negritude (2007), Munanga (2005) e Werneck (2010), presentes no trecho “Psicologia e relações raciais”.

Diante da pressão do complexo formado por racismo, racismo institucional, estereótipos, preconceitos e discriminações, muitas vezes a estratégia adotada para evitar o sofrimento é o branqueamento, procurando aproximação com características que não carregam conteúdo pejorativo, como as ligadas à raça negra. Filha, neta e bisneta relatam situações em que cederam ou pelo menos foram compelidas ao processo de branqueamento.

A filha relata seu dilema com a própria cor, as vantagens e prejuízos das nuances cromáticas que, no caso dela, foram de morena (termo utilizado por ela) a negra. No caso da neta, ela afirma que já se submeteu a procedimentos para alisar o cabelo. E no caso da bisneta, ela informou não ter cedido ao

branqueamento, mas relata (abaixo) a pressão dos colegas de classe discriminando seu cabelo, o que poderia ter desencadeado esse processo. O pertencimento racial, o suporte social e a inspiração a partir de simbolismos associados a outras mulheres negras garantiram que, como exposto na situação de superação vivida na última geração, o racismo interiorizado fosse trocado por resistência.

Na sequência, a bisneta responde à pergunta por uma situação de extrema dificuldade enfrentada e superada.

B: É porque o primeiro dia que eu fui na minha escola com o cabelo black, eles começaram a me zuar.

P: Esse foi um dia bem difícil?

B: É. E aí eu consegui enfrentar e eles já se acostumaram.

P: Como foi a situação? Em que lugar você estava?

B: Na minha escola.

P: Mas lembra se era na sala, no pátio...

B: Todos os lugares.

P: Me conta como se você estivesse desenhando a situação. Quem estava no lugar?

B: Os que mais me zoaram foram os meninos.

P: O que eles falavam?

B: Que quando eu passava pente, meu cabelo era embaraçado, não dava para pentear, o pente quebrava ou ficava lá dentro, que dentro do meu cabelo é uma floresta... E também, antes, quando eu não era muito amiga deles, eles xingavam muito eu. O meu cabelo. (...) É que agora que eu estou de trança. Eu sempre ia de black. Eles sempre me zuavam.

(...)

P: Quando acontecia isso, como você reagia?

B: Eu falava para a professora ou fingia que não ouvia.

P: Quando falava para a professora, o que ela fazia?

B: Ela chamava os que me xingavam para conversar.

P: E quando você ignorava, o que acontecia?

B: Eles continuavam.

P: Nessa situação, o que passava pela sua cabeça?

B: Que era muito triste...

P: Que mais? Tenta lembrar o que você pensava, lá naquela situação, lá na escola, o que você pensava?

B: Eu pensava que eles nunca iam parar. Porque era quase todo dia a mesma coisa.

P: E o que você sentia?

B: Ficava chateada.

P: Que mais?

B: Só.

P: Você disse que parecia que eles nunca iam parar. Eles pararam ou continuam?

B: Eles pararam.

P: O que fez eles pararem?

B: Eles ficaram se acostumando. Quando eu comecei a fazer show eles ficaram se acostumando.

P: Quando você começou a fazer show, eles souberam que você fazia show?

B: É, que eles viram na Eliana [ela foi uma das atrações do programa televisivo, cantou, foi entrevistada]. E aí, às vezes eu ia com cabelo black, com moicano [penteadado com o meio do cabelo alto e as laterais baixas]. Aí eles me chamavam de Neymar [jogador de futebol que usa cabelo moicano] e depois eles pararam.

P: Quando te chamavam de Neymar, era um elogio ou...

B: Brincadeira.

P: Mas era um elogio, assim “ah, que legal, você parece o Neymar” ou era “ai, que feio, você parece o Neymar”.

B: Não, já era “ah, que bonito, você parece o Neymar”.

P: Depois que você foi na Eliana?

B: É. E aí eles pararam de xingar meu cabelo e ficaram me chamando de MC [e o nome dela] [MC, sigla de mestre de cerimônia, nome dado ao(à) cantor(a) de rap].

Costa (1986) teoriza sobre a violência do racismo e seus efeitos nocivos sobre o psiquismo, o corpo e a identidade. Cita o fetiche da brancura, que seria o ideal, a norma a ser buscada. No caso de uma sociedade racista como a brasileira, instala-se a exigência de branqueamento. Importante salientar que é um fetiche justamente por buscar características idealizadas, que nem os próprios

brancos têm. Dessa forma, negros e brancos ficam prejudicados por uma ideologia que os afasta do real valor das diferenças, que não é a hierarquia, mas a diversidade.

O branqueamento associado ao cabelo, que é comum na sociedade, não apenas nas vidas das entrevistadas, atende ao defendido por Costa (1986), pois este postula que, destoando da brancura, o corpo e a identidade negra devem desaparecer, impondo ao negro o que pensar e sentir sobre si mesmo. Portanto, não gostar do próprio cabelo pode ser compreendido como uma internalização do racismo, num desespero de buscar aceitação e evitar a discriminação. A busca por máscaras brancas que disfarcem os aspectos rejeitados é discutida por Fanon (2008), como exposto no trecho teórico citado anteriormente.

Nogueira (1998), assim como o último autor citado, discute essa dinâmica psíquica. E acrescenta que as características projetadas no negro e tomadas por base para a idealização do branco, na verdade, são fantasmas e perversões da mesma sociedade, que, não suportando esses núcleos internos, os externaliza e delinea representações que aglutinam no negro tais conteúdos. Bento (2012; 2001) reforça a não fidedignidade dos aspectos relacionados ao branco, e expande a discussão ao explicar que os prejuízos são para negros e brancos, estes contaminados pela visão distorcida da branquitude, com identidade deturpada, privilégios, intolerância e discriminação, entre outros.

Reis Filho (2005) complementa os argumentos sobre os efeitos psíquicos do racismo, abordando a vergonha e rejeição que o negro pode sentir em relação a seu próprio corpo. Afirma, ainda, a possibilidade de feridas abertas, levando a depressão, masoquismo e valorização negativa da negritude. Santos (1990) fala sobre a possibilidade de negros(as) se sujeitarem, negando-se e prejudicando a identidade original.

Outro autor a contribuir nessa discussão é Gonçalves Filho (2008), que trata dos efeitos da dominação política, humilhação social, invisibilidade e desqualificações sobre negros(as), podendo repercutir em sentimentos de invisibilidade e inferioridade, embotamento do agir e falar, comprometimento de habilidades.

Esse autor traz uma reflexão sobre a beleza, associando a ela a necessidade de liberdade. No relato da bisneta, apesar da humilhação sofrida, ela

reagiu e superou essa dificuldade, assumindo seu cabelo crespo e sua identificação com a origem negra; mais que aparência, ela demonstrou aparição, pela liberdade de falar, agir, movimentar-se, sossegar ou manifestar-se diante de outros. Para essa superação, foram essenciais, como citado por ela e outras colaboradoras, a transmissão psíquica de elementos potencializadores de resiliência, os simbolismos associados a mulheres negras e os significados decorrentes do pertencimento a manifestações negras.

Na experiência do racismo, em que a sociedade nega e projeta seus fantasmas em negros(as), e estes(as) os interiorizam e também buscam extirpá-los, o dilema com os cabelos, seja por parte das próprias negras, seja por parte de colegas de escola, família ou sociedade como um todo, é um dos muitos exemplos que causam sofrimento psíquico e pedem resistência e resiliência.

Após superar a situação, a bisneta demonstra estar pronta para atuar em rede. É característico, em processos de resiliência, a pessoa, além de superar grandes adversidades melhor que o esperado, ainda encontrar recursos para auxiliar outras pessoas na mesma situação.

P: Se tiver outra criança que passa pela mesma situação, o que você dá de conselho?

B: Eu ajudo ela. Eu falo que já passei por isso também.

Nesta categoria de análise, foi possível identificar a reorganização diante de grandes adversidades. Discussão interessante ao se pensar sobre dano psíquico, as possibilidades de reversibilidade e a resiliência como processo de superação, mas não de invulnerabilidade, como apontado no trecho sobre definições e discussão crítica de resiliência, com ajuda das teorias de Vasconcellos e Ribeiro (2006), Walsh (2005) e Souza (2004; SOUZA; CERVENY, 2006). No caso das colaboradoras, o dano psíquico, sim, ocorre. Retomando o conceito de resiliência antes de chegar à psicologia, uma das áreas em que ele surge é na geografia e ecologia. Se existe uma catástrofe ambiental, a resiliência é o processo pelo qual o meio ambiente se reorganiza.

No caso da psicologia, também se fala dessa reorganização. Na engenharia e na física, tem a ver com as molas, os prédios que são construídos no Japão de modo a receber fortes impactos desestabilizantes e não caírem. A

resiliência, da forma como é considerada nesta pesquisa, não é ausência de dano, nem invulnerabilidade. É a capacidade de reorganização a partir do dano. Uma pessoa que passa por processo de resiliência pode ter passado por uma grande catástrofe, ter desenvolvido graves sintomas, e, apesar disso, ao invés de sucumbir, encontra sentido de vida. Portanto, falar em dano psíquico não inviabiliza falar em superação, que pode ocorrer apesar e a partir do dano.

7.5. Da resistência à resiliência

Essa categoria discute como estratégias e movimentos de resistência potencializam a resiliência, e, portanto, usou embasamentos teóricos de todo o percurso dos capítulos, para refletir sobre mulheres negras, em especial sobre as colaboradoras, a partir do histórico de negros(as) no Brasil, do contexto atual, das condições de saúde, para compreender a dinâmica da resiliência e algumas influências a partir da transmissão psíquica e dos pertencimentos. Identificando, neste percurso analítico, a afinidade entre o posicionamento político-ideológico e a superação/transcendência.

Matriarca (M)

Não é possível, pelo formato da pesquisa, analisar a fundo a dinâmica psicológica e os efeitos do estilo de resiliência descrito pela matriarca. Ela deixa nítido, no entanto, que usa estratégias de abafar as dificuldades e dores, ficando calma e só expressando incômodos em situações controladas.

M: Na hora eu não chorei, na hora não chorei, mas depois de tudo, quando foi enterrado, depois de tudo, eu tinha um cd (acho que tenho até hoje) do Cristian e Ralf. E aí tinha aquela música assim “Chora peito”. Aí, meu Deus, aí eu botei, mas eu chorava tanto. Chorava, chorava, chorava, tanto, tanto, tanto, foi aí que eu me desabafei.

Assim como apontado em categorias anteriores, a matriarca e suas descendentes adotam a postura de força aparente. A morte do marido foi citada como a situação mais adversa na vida, e ela, como visto em outro trecho, foi calma quando recebeu a notícia, ao contrário do que o médico demonstrava esperar, calma ao informar o filho, poupando-o de parte do ocorrido, calma ao acionar a amiga da família para ajudar a cuidar dos trâmites burocráticos, só então, e já em casa, ouvindo música, ela solta o choro. Essa resignação tem muito a ver com a educação religiosa.

P: Ao longo da vida a senhora teve outras situações de grande dificuldade que enfrentou e superou melhor que o esperado. Pensando nessas outras situações, como costumou reagir?

M: Calma. Ficar irritada não é bom para a saúde, né? Então, eu já fico na minha, bem calma, eu já sei como é que é, então a gente vai levando, vai levando como Deus quer. Não adianta a gente se estressar, ficar com raiva, aquela coisa. Deus fala: “Eu não gosto quando você fica, passa raiva, essas coisas”. Então eu leio e eu aprendo. (...)

P: Então, na maior parte das situações a senhora reage na maior calma possível.

M: Tem que ser, né? Precisa. Se a gente for se revoltar por tudo que acontece, que graça Deus vê? Na minha família não aconteceu nada de mal, para eu poder eu me revoltar, ficar assim. Porque às vezes acontece; a gente pode ter um filho drogado, pode ter uma coisa ou outra, e graças a Deus com a minha família está tudo bem, está tudo em paz. Não tenho queixa deles. Meu filho, minha filha, nunca me deram trabalho. Quando eram muito pequenos já vieram trabalhando já, até hoje trabalham. Meus netos também não, não deram trabalho graças a Deus. Porque tem famílias que às vezes dá trabalho. Os meus graças a Deus. Meu filho começou a trabalhar com doze anos. Eu era cobradora de ônibus, então coloquei ele na Casa do Pequeno Trabalhador. Eu morava no Glicério, subia com ele, todo dia. Com doze anos já ia trabalhar, porque aí tinha disciplina, tinha o coronel, não sei o que lá... Ele estudava na parte da manhã, depois de tarde ia para o trabalho, ficava ali, junto com a moça para ensinar. Tinha aquela farda dele, eu fazia do jeito que ele gostava, linda, passava

bem direitinho, tudo certinho. E a minha filha também, ela gostava de trabalhar, sempre foi trabalhadeira, nunca me deu trabalho de nada, graças a Deus. Até hoje. Tudo bem com a minha família, graças a Deus.

P: Nessas dificuldades que a senhora teve e enfrentou dessa forma, o que a senhora pode dizer que usou para enfrentar?

M: Bom, a paciência, né? Não tem outra coisa. Que mais que eu usaria?

Fica a impressão de uma segunda mensagem, nessa última frase, que em princípio demonstra a prontidão para a luta, mas, ao mesmo tempo, informa um desamparo. Desamparo esse que pode ser explicado pelas adversidades vividas e pela falta de apoio (não se sabe se familiar, social, programático, ou todos em conjunto).

Nesta categoria de análise, a proposta é discutir resistência no sentido político, de não ceder à opressão. No caso da matriarca, a resistência tem outro sentido, o de aguentar, suportar. Interessante dialogar com os tipos de coping, conteúdo exposto no capítulo “Resiliência”, item “Definições”: diante de uma situação de intenso stress, vem a reação em forma de coping; não significa, no entanto, um enfrentamento; o coping pode ser justamente um recuo, ou suportar pressão. Não deixa de ser uma forma de resolução, de acordo com Vasconcellos (2000), e talvez encontrar um sentido na dor ajude a ter menos prejuízos que o esperado para situações semelhantes, não fechando a possibilidade de ser um processo resiliente.

Filha (F)

No caso da filha, a história de mulheres negras de modo geral ajuda a abstrair um símbolo que é a resistência. Aqui no sentido político. E algo que a inspira a utilizar a resistência também para superações, como ingrediente de processos de resiliência.

P: Então, de modo geral, além da mulher negra Luiza Mahin, como você caracterizaria as mulheres negras?

F: Como símbolo de resistência mesmo. Até mais que Zumbi. [Riso]. Como símbolo de resistência mesmo. Primeiro, por estarem tendo filho, porque isso fez com que a gente pudesse estar aqui, e, segundo, que elas conseguiram quebrar essas barreiras. Foi uma superação isso. Você viver naquela situação de humilhação, em alguns momentos, dependendo do grupo, e você ter que passar por aquilo, porque tem que criar seus filhos, tem que tentar correr atrás da liberdade.

Essa postura se assemelha ao que narram a neta e a bisneta. A análise dos trechos virá em conjunto ao final da categoria.

Neta(N)

A neta localiza, também, a resistência como produto de seu envolvimento com o movimento negro. E a conscientização racial trouxe crença na própria capacidade e positiva autoestima, potencializando superações.

N: Sou mais forte agora. Eu sei que o negro é lindo. Eu me acho bonita porque eu sou negra, não é uma coisa muito pessoal. Também ainda tenho alguns problemas que passei. Ainda tenho que trabalhar isso. Mas agora sou outra pessoa.

Ilustra o processo de mudança de autoimagem acompanhando a maior potencialização das superações.

Bisneta (B)

A bisneta também demonstra essa compreensão da importância da resistência. Por outro lado, demonstra, assim como as outras, o preço que se paga pela mesma, demonstrando, em trechos ilustrados anteriormente, o quanto fica

ferida pelas dificuldades emocionais que enfrenta. A superação é não só uma possibilidade, mas, muitas vezes, uma exigência. Vale a pena repetir o trecho agora para identificar esse processo.

P: Lá no Museu Afro, você viu imagens de outras mulheres negras e te ajudou?

B: Da África. Sempre eu vejo no computador, na tv, o que os africanos sofrem. E antes, quando as mulheres negras, tipo as escravas, tinham um bebê, e as que escravizavam elas tinha um filho, elas não podiam dar leite primeiro pros filhos delas, tinham que dar primeiro leite pros filhos dos brancos, e depois dar pros filhos delas, e os filhos sempre morriam por causa que faltava leite, a moça não deixava dar leite para os bebês delas.

(...)

B: E antes [época da escravidão], os policiais colocavam uma corda e davam um nó, aí se alguém tentasse fugir, ia enforcar todos e se enforcar.

P: Quando você vê essas imagens, ouve essas histórias ou vê algo sobre isso, como isso te ajuda a enfrentar situações difíceis da sua vida?

B: Não precisa minha vó ir lá explicar, porque eu explico para eles também.

No trecho seguinte, outra demonstração de como a resistência que ela enxergou em outras mulheres e praticou em momentos de adversidade a levou a um processo emancipatório e resiliente, com novo sentido.

P: E no seu jeito de se comportar, mudou alguma coisa? O jeito que você chega na escola, que você conversa, as suas notas, tudo, mudou alguma coisa?

B: Eu ainda não tirei nota. Mas já mudou. Eu já estou mais acostumada, eu entro normal. Antes entrava tímida.(...)

P: Em outros lugares também mudou o jeito que você chega?

S confirma.

P: Quais são seus sentimentos agora quando você chega na escola?

B: Que eu já estou mais livre.

Em relação à resistência influenciando resiliência na vida delas, talvez haja significados compartilhados que acompanhem esse percurso sócio-histórico de superações e permeiem as manifestações negras. Bento (2001) faz o resgate de vários exemplos da resistência negra desde a época da escravidão. Caracteriza negros(as) como atores de resistência, que se revoltaram, organizaram e lutaram. Informações confirmadas por Feitosa, Funari e Zanlochi (2012), também presentes no trecho sobre “Significados decorrentes do pertencimento a manifestações negras”. Souza (1990) complementa afirmando que a resistência, assim como o enraizamento e o conhecimento da história são elementos para a constituição de uma identidade negra politizada.

De acordo com Ansara (2008), a identidade coletiva, assim como os laços e a coesão entre as colaboradoras e destas com os simbolismos associados a mulheres negras e os significados que permeiam as manifestações negras, realmente podem ter influenciado o sentimento de pertença, a valorização dos laços e da autoconfiança em si e no grupo, com resultados exitosos retroalimentando a expectativa positiva em relação às suas capacidades. Como visto no capítulo sobre resiliência, essa dinâmica favorece o processo resiliente.

Tais afirmações dialogam com o que foi exposto nos trechos “Resiliência em negros(as)” e “Resiliência em mulheres negras”, quando autores como Utsey (citado por Omar e colaboradores, 2000), Clavert (2011), Baldwin et al. (2011), Brown (2011), Teti et al. (2012), Efraime Júnior (2013), e Guimarães e Podkameni (nessa ordem de autoria em 2008, inversa em 2007) ratificam a importância dos vínculos com grupos de origem para estimular processos de resiliência. Defendem ser essencial o suporte social, o sentimento de pertença a uma comunidade e os significados compartilhados para a superação de grandes adversidades.

As colaboradoras exemplificam tais afirmações nos dados discutidos. A partir das cinco categorias, foi possível responder às demandas dos objetivos geral e específicos. Foram descritos e analisados processos de resiliência em mulheres negras, identificando a influência marcante tanto de aspectos de transmissão psíquica entre as familiares negras, quanto do simbolismo associado a mulheres negras, assim como dos significados compartilhados nas manifestações negras.

A música no início deste capítulo reúne bem os resultados encontrados. Serve para ilustrar as Marias desta pesquisa e outras Marias. Nos resultados foi encontrada a força alerta, sempre pronta a lutar. Também a esperança dessas mulheres negras de viver e amar como outra qualquer do planeta. Encontrado o som, a cor, o suor, que aparecem na expansividade das manifestações, nas especificidades da cor, na lida.

Mulheres negras são associadas a força enquanto comprovadamente são a parcela mais sobrecarregada da sociedade, o que torna mais lenta sua progressão. Fazem parte da gente negra, que insiste na alegria subvertendo motivos para chorar. Da gente que nem sempre vive com plenitude de direitos, de prazeres, às vezes apenas sobrevive. As Marias sabem que precisam aliar força, raça com alegria, até para aguentarem a dor. Sabem que é preciso encontrar também formas estratégicas de enfrentamento, com sabedoria, alianças, redes, mantendo vivas a crença e a esperança.

8. Lições aprendidas e recomendações

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.

Neusa Santos Souza

(“Tornar-se negro”, 1990)

Ao final, com a ajuda das teorias, colaboradoras, resultados e discussões, fica a lição de que essas mulheres negras realmente apresentam, com frequência, força e processos de resiliência. Cabe a reflexão sobre o motivo, se isso é uma escolha, uma necessidade ou uma exigência.

Mulheres negras, inclusive no caso das colaboradoras, nascem e vivem entre grandes e várias adversidades. Em meio a tantas lutas, acabam se portando como guerreiras, e acaba, muitas vezes não havendo espaço ou permissão para o amor, ou oportunidades. O amor fica para os fracos (ou privilegiados), para os(as) brancos(as), para os homens. As mulheres negras precisam guerrear, atendendo à necessidade e expectativa que a elas se impõem.

Na sociedade brasileira, brancos(as), homens, entre outros, constituem grupos afortunados por privilégios, menos ocupados com enfrentamento de adversidades, tendo com acesso mais facilitado a recursos emocionais, financeiros, intelectuais, sociais e programáticos, permitindo dedicarem-se mais a ocupações outras que não as de sobrevivência e manutenção de aspectos básicos da vida. No caso dessas e outras mulheres negras, a luta é, frequentemente, pelo pão de cada dia, pelos(as) filhos(as) (dela ou assumidos(as)), pela manutenção das tradições. A teoria expressou isso, os resultados confirmaram. Essas mulheres negras estão em constante luta contra as adversidades, que são muitas e configuram vulnerabilidades várias, a serem enfrentadas e superadas.

A força delas não é natural, genética, essência, nem comum a todas as mulheres negras. O que ocorre são contextos comuns para a maioria dessas

mulheres negras, expostas às vulnerabilidades apontadas durante o texto. Nessa situação e comumente lutando, os repetidos enfrentamentos ajudam a constituir elementos psicológicos que as conformam como fortes. A característica de guerreira não é essência de mulher negra, é treinamento durante a vida, ao longo de gerações, perpassada por transmissão psíquica, ingrediente do estereótipo, assumida e praticada.

Em situações de violência, a forma que encontram de reagir, visto que persistirão novas violências, e que se encontram desamparadas diante do racismo institucional e do contexto social estabelecido, é fortalecerem-se para suportarem a sucessão de violências. Passam, contudo, não ilesas, com muitos ferimentos, sejam orgânicos, nas condições de saúde de modo geral, psicológicos e psicossomáticos, podendo gerar comprometimentos vários e até a morte.

Os resultados mostraram que as mulheres negras colaboradoras nesta pesquisa superaram várias adversidades. Necessário refletir se superaram os efeitos nocivos das mesmas. As condições prejudicadas de saúde, destas e de outras, incluindo a saúde psíquica, demonstram que não. Os dados apresentados no referencial teórico demonstraram que as condições de saúde de mulheres negras, com precariedades, comprometimentos e óbitos evitáveis, ilustram os efeitos do racismo e do sexismo. No caso da saúde psíquica, tanto as teorias apresentadas quanto os resultados discutidos confirmam prejuízos psicossociais causados pelas vulnerabilidades individuais, sociais e programáticas. Portanto, confirmam que o peso é suportado, algumas vezes é alcançada superação e transcendência, mas nem sempre com elaboração dos efeitos da situação. Como exposto na teoria, resiliência não pressupõe ausência de danos; ela pode ocorrer a partir e apesar deles.

Setores da sociedade, em especial os movimentos sociais como o movimento negro, feminismo negro, entre outros, lutam pela igualdade e saúde de mulheres negras. Essa luta, que as beneficia e, muitas vezes, é feita por elas mesmas, ainda não alcançou seus objetivos. Permanecendo o quadro de discriminações, as colaboradoras se unem a outras, guerreando pelos direitos ao longo das adversidades.

As teorias e os resultados permitem algumas reflexões sobre mulheres negras guerreiras.

Guerreiras precisam vestir armaduras, e, portanto, suportam a beleza desvalorizada, a associação com um estereótipo de objeto sexual e serem denominadas com o termo pejorativo mulata. Achincalhadas, cabe a elas rebolar na vida, sambar na pista, encarar a lida.

Guerreiras têm força para cuidar dos filhos dos outros, enquanto os seus são obrigados a ficar à mercê. Os filhos delas, muitas vezes frutos de relações clandestinas com os próprios patrões, ou com outros que possuem privilégios na sociedade, de abusos sexuais cometidos por eles, ou de produções independentes de quem não ousa sonhar uma relação estável, repetidamente encontram omissão dos pais e elas precisam assumir sozinhas o cuidado dos filhos. Lutam para suprir as demandas, como de um lar, de estudo, de afeto.

Guerreiras têm força para engolir a angústia de terem sua beleza menos valorizada e considerada menos atraente nas relações afetivas e sexuais, amargando os efeitos nocivos da crença popular (expressa inclusive por um ditado) de que brancas são para casar, mulatas para o sexo e pretas para o trabalho. O reconhecimento da própria beleza vem, muitas vezes, como um processo de resgate estético sucessivo a uma conscientização política.

Guerreiras têm demanda de amor, relações, ao mesmo tempo em que muitas cicatrizes. Precisam se armar e se defender para evitar que novos ataques alcancem feridas ainda abertas. Nessa dinâmica, algumas chegam a endurecer perdendo a ternura. É complexo abrir-se para as figuras sociais que anteriormente rejeitaram e que repetidamente acessam privilégios sexistas e racistas em contrapartida de prejuízos delas. É complexo também encontrar lugar na vida de uma mulher que, acostumada ao enfrentamento diário, torna-se fálca e treinada para conjugar o verbo cuidar frequentemente como sujeito. É complexo participar de uma vida temperada por tantas exposições a vulnerabilidades e violências simbólicas. Complexo ainda, diante de tantas lutas por empreender e pessoas por cuidar, encontrar espaço e permissão para vivenciar o amor. Mulheres negras e aqueles(as) que se dispõem a construir com elas uma relação estável, precisam dissolver complexidades e subverter aos lugares sociais reservados. Até para amar, mulheres negras precisam lutar. A vivência do amor configura-se como um ato de resistência.

Observa-se o esforço constante das colaboradoras (principalmente a partir da filha) para resistir ao racismo e preservar a negritude. Demonstram uma fome insaciável por mais conhecimento e ligação com as raízes negras, seja expressa na dança de samba-rock, nas leituras e argumentos ativistas, na inspiração a partir de histórias de mulheres negras (das ancestrais às contemporâneas), no rap como música de protesto e emancipação, enfim, nas mais diversas expressões de consciência negra.

Assim como o cabelo, essas posturas parecem nascer de dentro da cabeça (consciência racial e política), crescer em espiral (acúmulo de conhecimento e de cultura, com alguns recuos por conta do efeito nocivo das discriminações, tornando a tomar fôlego quando, por exemplo, encontra sentido em ser forte), num movimento para cima (aos poucos, com custos, e inspiradas por outras mulheres negras, vão formando uma autoimagem que eleva a autoestima) e, ao final, cabelos e pessoas estão cada vez mais crespos, fortes e livres.

Interessante essa tentativa de resgate, o esforço de religação, que pode ter um efeito religioso, no sentido de re-ligar ao cosmos, ao que é ancestral. Nesse sentido, o pertencimento racial e a ligação com a África devolvem humanidade e dignidade roubadas em séculos de racismo, preconceitos e discriminações. É a interferência desses aspectos resultando em reconciliação com sua origem, conscientização de sua história, ressignificação de sua imagem, reorientação para a resistência e potencialização da resiliência.

Cabe comentar algumas estratégias impostas em diferentes tempos para assegurar esquecimento, desenraizamento. Em primeiro lugar, um costume adotado na época do tráfico negreiro. No porto onde os(as) africanos(as) eram embarcados(as) em navios com destino à escravidão, os traficantes negreiros, com o objetivo de apagar as memórias dos(as) escravizados(as), inclusive para diminuir a possibilidade de sofrimentos psíquicos e rebeliões que atrapalhassem a produtividade, obrigavam essas pessoas a dar voltas (nove os homens, sete as mulheres) numa grande árvore, que era conhecida com a Árvore do Esquecimento.

O período de escravidão teve práticas desumanas por parte de uns, falas desumanas por parte de outros, e tudo isso tentando convencer a sociedade e os escravizados de que estes seriam os não-humanos. Suas bagagens concretas e simbólicas foram proibidas de vir ou usurpadas. Suas especificidades interpretadas

como feias, animais, primitivas, demoníacas, e tudo quanto há de desprezível nos porões onde conteúdos humanos rejeitados são recalçados, reprimidos e de lá projetados nos diferentes. Essa carga simbólica negativa e proibição da expressão das africanidades foi uma segunda estratégia para que negros(as) se esquecessem e deixassem para trás suas memórias e costumes, suas origens.

Quando o Brasil encerrou a escravidão, ao invés de adotar medidas de reparação, preferiu limpar as manchas vergonhosas desse capítulo. Rui Barbosa fez o desfavor de mandar queimar todos os registros da escravidão, para alívio da sociedade, que agora poderia se dedicar a fingir que nada disso tinha acontecido, acolher os imigrantes que passariam a receber os salários que a partir de então seriam pagos pelo trabalho que por séculos foi realizado pelos(as) negros(as) sem remuneração, e poderiam ainda se dedicar a projetos sociais para limpar outra “mancha”, que era a população negra indesejada na constituição demográfica do país. Iniciou-se um projeto de embranquecimento, adotado oficialmente pelo governo, para extinguir o negro da constituição do povo brasileiro.

Hoje em dia, há um mito da democracia racial pairando forçosamente no ar, impondo silenciamento do racismo e das discriminações, desqualificação das queixas de efeitos psicossociais do racismo, imposição de ideais de beleza, cultura e intelectualidade brancos, negação da contribuição do povo negro na história do país, uma população negra vivendo em desigualdade em vários aspectos, sofrimentos orgânicos e psíquicos, genocídio da juventude, mortalidade das mães, violência empenhada contra os homens, uma verdadeira guerra silenciada, eficiente, enlouquecedora.

As colaboradoras relatam trechos dessa história e os efeitos da dinâmica do racismo em suas vidas e psiquismos. E suas lutas por resistir e superar.

Violências desde a África, sete voltas, sem bagagem, memória atacada, branqueamento, violências, silenciamentos. Essa pesquisa só motivou inspiração da pesquisadora, crença do orientador, acolhimento da universidade, apoio de colegas e contribuição dos(as) mestres(as) porque carece compreensão e potencialização o fato de tanto “cala-boca”, “some daqui” e “toma isso” não conseguir apagar o “eu canto”, “eu resisto” e “eu sou forte”.

Tendo vindo de uma condição violenta, simbolismos atacados, sem direito a família, nome e crença, imposta a negros escravizados e seus

descendentes, as mulheres negras ainda foram responsáveis por guardar as tradições e ser a base das famílias negras. Os laços e bagagens foram aqui reconstruídos. Para quem não tinha direito a nome e família, ter um filho pode significar muito, como reconstituir simbólica e concretamente algumas estruturas e vínculos que, por tempos, foram violados.

Obviamente, ter filhos não é condição essencial para um ser humano do sexo feminino se realizar como mulher, obviamente o casal heterossexual com filho biológico não é a única configuração de família. No quadro descrito, no entanto, essas mulheres negras escolheram ter as filhas e é importante considerar o contexto social posterior a quatro séculos de escravidão e com pouco mais de um século de abolição, ainda com muito ranço racista, além dos simbolismos comuns a processos de gravidez, parto e maternidade de modo geral.

Ao considerar os possíveis significados, uma possibilidade é a de retomar a capacidade de escolher o pai do(a) próprio(a) filho(a) (o que era tolhido na escravidão). Engravidar como possibilidade de retomar a autonomia sobre o próprio corpo, passando de objeto a sujeito sexual.

Ter filhos(as) podendo significar retomar a possibilidade de vínculos biológicos e afetivos de longo prazo, tanto com a criança quanto com o pai (não havia, muitas vezes, o direito de ficar com os(as) próprios(as) filhos(as), separados(as) pelas conveniências dos(as) escravizadores(as), e quando ficavam com as crianças, muitas vezes eram impedidas de amamentar, ao mesmo tempo em que eram obrigadas a amamentar as crianças das brancas.

Gravidez e maternidade podem significar retomar a possibilidade de vínculos não só de filiação, mas de afiliação, como no caso de pertencimento a manifestações negras; cortado o cordão umbilical com o passado e as origens, novos cordões umbilicais surgem, insistentes, numerosos.

Engravidar e ser mãe, para essas e outras mulheres negras, pode ter, portanto, o significado de reconquistar a autonomia e reconstituir laços. Desde as famílias religiosas, passando pelas famílias culturais e políticas, e incluindo as famílias biológicas e adotivas, o exercício constante de busca de religação com a negritude e formação de família seriam tentativas simbólicas de reatar cordões umbilicais com a família e com a pátria, ou mátria.

Além dos achados desta pesquisa, cabe registrar limitações e sugestões para novas pesquisas. Seria interessante ter feito mais entrevistas individuais, para coletar mais conteúdo e com maior espaçamento temporal. Seria interessante novas pesquisas tratarem o tema com metodologia quantitativa ou estudo de coorte, por exemplo, ou com outros aportes teóricos, para comparação dos resultados. Fica a intenção de uma nova pesquisa que elabore estratégias de intervenção (prevenção e tratamento) que potencializem processos de resiliência em mulheres negras e outros grupos, nos moldes da concepção crítica discutida na revisão teórica, visando superação, transcendência e autonomia.

No início da pesquisa, a suspeita era de que, apesar de tantos sofrimentos, mulheres negras escolhem alegria e resistência; ao final, considera-se que a alegria não só acompanha a resistência, mas é, ela própria, um ato de resistência diante de tantos sofrimentos. A estratégia é impor muita força e adotar posturas de resistência para não sucumbir e superar. A inspiração dessas mulheres, mista com um teor de exigência, vem da força, resistência e superação de outras mulheres negras da família, mulheres negras de modo geral e manifestações negras.

A pesquisadora inicia a dissertação dizendo que pretende deixar/retornar contribuições tanto para a comunidade científica como para a comunidade de origem. A trajetória do mestrado passou por tirar força do útero, honrar a luta de outras, buscar inspiração nas ancestrais, e parir essa contribuição para as contemporâneas e posteriores.

Mulheres negras, feridas até o coração, desde as ancestrais, inspiram-se nas tradições, erguem-se guerreiras e vão da resistência à resiliência.

Referências⁷

ANGST, Rosana. Psicologia e Resiliência: Uma revisão de literatura. **Psicol. argum.** 27(58): 253-260, jul. 2009.

ANSARA, Soraia. **Memória política, repressão e ditadura no Brasil**. Curitiba: Juruá, 2008.

ASANTE⁸, Molefi Kete. **Afrocentricity**. Disponível em: <<http://www.asante.net/articles/1/afrocentricity/>>. Acesso em 22 fev. 2013.

AYRES, José Ricardo; PAIVA, Vera; FRANÇA Júnior, Ivan. Conceitos e práticas de prevenção: da história natural da doença ao quadro da vulnerabilidade e direitos humanos. In: PAIVA, Vera; AYRES, José Ricardo; BUCHALLA, Cassia Maria (orgs.). **Direitos humanos e vulnerabilidade na prevenção e promoção da saúde [Coletânea]. Livro 1: Da doença à cidadania**. Curitiba: Juruá, 2012.

BALDWIN, Debora R.; JACKSON III, David; OKOH, Ife; CANNON, Rex L. Resiliency and optimism: an african american senior citizen's perspective. **Journal of Black Psychology**, 37: 24-41, 2011.

BARBOSA, G. S. **Resiliência em professores do ensino fundamental de 5ª a 8ª série**: Validação e aplicação do "Questionário do índice de resiliência: adultos Reivich - Shatté / Barbosa". São Paulo: Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) Pontifícia Universidade Católica – São Paulo, 2006.

BARLACH, Lisete. **O que é resiliência humana? Uma contribuição para a construção do conceito**. 2005. 108 p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2005.

BENGHOZI, Pierre. Resiliência familiar e conjugal numa perspectiva psicanalítica dos laços. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 101-109, 2005.

_____. **Malhagem, filiação e afiliação**. Psicanálise dos vínculos: casal, família, grupo, instituição e campo social. São Paulo: Vetor, 2010.

⁷ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

⁸ Tradução livre de Renato Nogueira Júnior.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Cidadania em preto e branco**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2001.

_____. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. (Orgs.) **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BORTOLETTI, Fátima Ferreira; BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria Teresa; VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro et al. Triggering Risk factors of the Burnout Syndrome in Ob/Gyn physicians from a reference public university of Brazil. **ISRN Obstetrics and Gynecology**, vol. 2012.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BROWN, Danice L. Racial Discrimination and Resilience in African American Young Adults: Examining Racial Socialization as a Moderator. **Journal of Black Psychology**, Agosto, 37: 259-285, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

_____; CURI, Cristiane. O Poder feminino no culto aos orixás. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo: Selo Negro, 2008. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 3).

CARVALHO, Liandra Lima. **Mais do que 'levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima': um estudo sobre autonomia superativa e emancipatória**. Niterói: UFF, 2008. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

CLAVERT, Manisa Salambote. **Da densa floresta onde menino entrei, homem saí**. Rito Iromb na formação do indivíduo wongo. São Paulo: Biblioteca 24 Horas, 2011.

COSTA, Jurandir Freire. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DAVIS, Darien J. **Afro-brasileiros hoje**. São Paulo: Summus, 2000.

DELONGIS, Anita; FOLKMAN, Susan; LAZARUS, Richard S. The impact of daily stress on health and mood: psychological and social resources as mediators. **Journal of personality and social psychology**. 54(3), 486-495, 1988.

EFRAIME JÚNIOR, Bóia. Trauma e migração: os traumas psíquicos das crianças soldado. **Diversitas**, v. 1, n. 1, 2013.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FEITOSA, Lourdes Conde; FUNARI, Pedro Paulo; ZANLOCHI, Terezinha Santarosa (Orgs.). **As Veias negras do Brasil: conexões brasileiras com a África**. Bauru: EDUSC, 2012.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLICK, Uwe; GIBBS, Graham (Orgs.). **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FROCHTENGARTEN, Fernando. A memória oral no mundo contemporâneo. **Stud. av.**, São Paulo, v. 19, n. 55, Dec. 2005.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1988.

GONÇALVES FILHO, José Moura. A Dominação humana política: dominação e angústia. In: Instituto AMMA Psique e Negritude; POMPEU, Fernanda. **Os Efeitos psicossociais do racismo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.

_____. Racismo e sofrimento psíquico: desafios para a psicologia. **Aqui estamos**. São Paulo: Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) das Relações Raciais (ANPSINEP), 2011.

GROTBERG, Edith Henderson. Introdução: novas tendências em resiliência. In: A. Melillo & E. N. S. Ojeda (Org.). **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GUIMARÃES, Marco Antonio Chagas; PODKAMENI, Ângela Baraf. A rede de sustentação coletiva, espaço potencial e resgate identitário: projeto mãe-criadeira. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 17, n. 1, mar. 2008.

GUZZO, Raquel Souza Lobo; LACERDA JÚNIOR, Fernando (Orgs.). **Psicologia social para a América Latina: o resgate da psicologia da libertação**. 2 ed. Campinas: Alínea, 2011.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema. (org.) **O Livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

INSTITUTO AMMA PSIQUE E NEGRITUDE. **Identificação e abordagem do racismo institucional**. Brasília: Ministério do Governo Britânico para o Desenvolvimento Internacional, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Articulação para o Combate ao Racismo Internacional, [2007?].

_____; POMPEU, Fernanda. **Os Efeitos psicossociais do racismo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.

JACCOUD, Luciana. (Org.) **A Construção de uma política de promoção da igualdade racial: uma análise dos últimos 20 anos**. Brasília: Ipea, 2009.

LAZARUS, Richard. **Stress and emotion: a new synthesis**. New York: Springer Publishing Company, 2006.

_____; FOLKMAN, Susan. **Stress, appraisal and coping**. New York: Springer Publishing Company, 1994.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia**. 6 ed. Ver. São Paulo: UNESP, 2002.

LOPES, Fernanda. Experiências desiguais ao nascer, viver, adoecer e morrer: tópicos em saúde da população negra no Brasil. In: Fundação Nacional de Saúde. **Saúde da população negra no Brasil: contribuições para a promoção da equidade**. Brasília: Funasa, 2005.

_____. (Coord.); GOULART, Flávio A.; TANNÚS, Liliâne. **Subsídios para o enfrentamento do racismo na saúde**. Brasília: DFID - Ministério do Governo Britânico para o Desenvolvimento Internacional, 2007.

LOPES, Helena Theodoro. Mulher, cultura e identidade afro-brasileira. In: In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Guerreiras de natureza: mulher negra,**

religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 3).

LUTHAR, Suniya S.; CICCHETTI, Dante. The Construct of resilience: implications for interventions and social policies. In: **Development and psychopathology**. United States of America: Cambridge University Press, 2000.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do psicólogo. **Estudos de Psicologia**, 2(1), 7-27, 1996.

MARTINS, Alaerte Leandro. Mortalidade materna de mulheres negras no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 11, Nov. 2006 .

MARTINS, Lucienia Libania Pinheiro. **Aforresilientes**: a resiliência de mulheres afrodescendentes de sucesso educacional. Teresina: UFPI, 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5 ed. rev. ampl. São Paulo: Loyola, 2005.

_____; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio Nestor S. (Eds.). **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, Secretaria de Políticas de Saúde. **Manual de doenças mais importantes, por razões étnicas, na população brasileira afro-descendente**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

MOTA, Daniela Cristina Grégio d'Arce et al . Estresse e resiliência em doença de Chagas. **Aletheia**, Canoas, n. 24, dez. 2006.

MUNANGA, Kabengele. A mestiçagem como símbolo da identidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura Sousa.; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NADAL, Carla Marlise Silva. **A Resiliência ao longo da vida de afrodescendentes**. Porto Alegre: PUCRS, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O Sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003.

_____. (org.) **Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NOBLES, Wade W. **Seeking the saku: foundational writings for a African psychology**. Chicago: Third World Press, 2010.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do corpo negro**. São Paulo: USP, 1998. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, Maria Aparecida Batista de; BRITO, Ângela Maria Benedita Bahia de. A Trajetória do racismo e a violência sofrida pela mulher negra: uma questão de saúde pública. In: RISCADO, Jorge Luiz de Souza; OLIVEIRA, Maria Aparecida Batista de (Orgs.). **Quilombolas, guerreiros alagoanos: Aids, prevenção e vulnerabilidades**. Maceió: EDUFAL, 2011.

OMAR, Alicia; SILVA-JUNIOR, Sérgio Henrique Almeida da; PARIS, Laura; SOUZA, Marcos Aguiar de; PEÑA, Rebeca del Pino. Resiliência e enfrentamento do estresse em adolescentes: efeitos mediadores dos valores culturais. **Psicol. rev.** (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 16, n. 3, abr. 2010.

PAIVA, Vera. Cenas da vida cotidiana: metodologia para compreender e reduzir a vulnerabilidade na perspectiva dos direitos humanos. In: PAIVA, Vera; AYRES, José Ricardo; BUCHALLA, Cassia Maria (orgs.). **Direitos humanos e vulnerabilidade na prevenção e promoção da saúde [Coletânea]. Livro 1: Da doença à cidadania**. Curitiba: Juruá, 2012.

PESCE, Renata; ASSIS, Simone G.; AVANCI, Joviana Q. et al.. Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 21(2): 436-448, mar-abr, 2005.

PODKAMENI, Ângela Baraf; GUIMARÃES, Marco Antônio Chagas. Afro-descendência, família e prevenção. In: MELLO FILHO, Júlio de; BURD, Míriam (Orgs.) **Doença e família**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

RAMALHO, Simone Aparecida. **Uma Alegria subversiva: o que se aprende em uma escola de samba?** 2010. 292 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

REIS FILHO, José Tiago dos. **Negritude e sofrimento psíquico**. São Paulo: PUC SP, 2005. 142 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

RIBEIRO, Ronilda. **A mulher, o tempo e a morte: um estudo sobre envelhecimento feminino no Brasil e na Nigéria**. 1987. 237 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

_____. **Mãe Negra: o significado iorubá da maternidade**. 1996a. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Departamento de Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996a.

_____. **Alma africana no Brasil: os iorubás**. São Paulo: Oduduwa, 1996.

_____. Psicoterapia e religiões brasileiras de matriz africana. In: AMATUZZI, Mauro Martins (Org.). **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005.

SANTOS, Alessandro de Oliveira. Superar o racismo e promover a saúde da população negra: desafios para o trabalho de prevenção ao HIV/Aids no Brasil. In: PAIVA, Vera; AYRES, José Ricardo; BUCHALLA, Cassia Maria (orgs.). **Direitos humanos e vulnerabilidade na prevenção e promoção da saúde [Coletânea]. Livro 1: Da doença à cidadania**. Curitiba: Juruá, 2012.

_____. Relações históricas da psicologia com o racismo: a produção de conhecimento, a prática e a formação. **Aqui estamos**. São Paulo: Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) das Relações Raciais (ANPSINEP), 2011.

_____; MALACHIAS, Antônio Carlos; BRITO, Antônio José Rollas de, et al. Experiências de implementação do quesito cor. In: SILVA JÚNIOR, Hédio; BENTO, Maria Aparecida Silva; SILVA, Mário Rogério (orgs.). **Políticas públicas de promoção da igualdade racial**. São Paulo: CEERT, 2010.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Mulher negra, homem branco: um breve estudo do feminino negro**. São Paulo: Pallas, 2004.

SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRASIL, Érico. **Mulheres negras do Brasil**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.

SEQUEIRA, Vânia Conselheiro. Resiliência e abrigos. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 29, n. 1, jun. 2009.

SOUZA, Marilza Terezinha Soares de. Família e resiliência. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira (Org.) **Família e comunicação, divórcio, mudança, resiliência, deficiência, lei, bioética, doença, religião e drogadição**. São Paulo: Casa do Psicólogo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

_____. Terapia familiar e resiliência. In: OSÓRIO, Luiz Carlos; VALLE, Maria Elizabeth Pascual do (Orgs.). **Manual de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

_____; CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **Resiliência psicológica: revisão da literatura e análise da produção científica**. Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology - 2006, Vol. 40, Num. 1 pp. 119-126.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

TETI, Michelle; Martin, Ashley E.; RANADE, Richa; MASSIE, Jenne; MALEBRANCHE, David J.; TSCHANN, Jeanne; BOWLEG, Lisa. "I'm a Keep Rising. I'm a Keep Going Forward, Regardless": Exploring Black Men's Resilience Amid Sociostructural Challenges and Stressors. **Qualitative Health Research**, Abril, 22: 524-533, 2012.

THEODORO, Mario (Org.). **As Políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília: Ipea, 2008.

UNGAR, Molly. Nurturing hidden resilience in at-risk youth in different cultures. **Journal of the Canadian Academy of Children and Adolescence Psychiatry**. 15(2), 53-58, 2006.

_____. Resilience across cultures. **British Journal of Social Work**. 38, 218-235, 2008.

VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. O Modelo psiconeuroendocrinológico de stress. In: Serger, L. (org.) **Psicologia e Odontologia**. 4 ed. São Paulo: Editora Santos, 2000.

VASCONCELLOS, Ana Cristina G. Duarte; RIBEIRO, Maria Alexina. **O ciclo de vida em famílias com um membro portador de paraplegia**: um estudo sobre resiliência familiar. Brasília: s.n, 2006.

VENTURI, Gustavo. Misoginia, homofobia, racismo e “gerontofobia”: contribuições de análises da opinião pública para a prevenção. In: PAIVA, Vera; AYRES, José Ricardo; BUCHALLA, Cassia Maria (orgs.). **Direitos humanos e vulnerabilidade na prevenção e promoção da saúde [Coletânea]. Livro 1: Da doença à cidadania**. Curitiba: Juruá, 2012.

WALSH, Froma. **Fortalecendo a resiliência familiar**. São Paulo: Roca, 2005.

WEIL, Simone. **O Enraizamento**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

WERNECK, Jurema. (org.) **Políticas públicas para negras e negros**. Criola, Fundação Heinrich Boll, 2010.

_____. **O Livro da saúde das mulheres negras**: nossos passos vêm de longe. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

YUNES, Maria Angela Mattar. The ideological trap of the advocacy's discourse on resilience in poor families. **Journal of Applied Psychology**. 3(1), 26-33, 2007.

_____. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, num. esp., p. 75-84, 2003.

ZERBINI, Clélia R. S. Prestes. **Identidade Negra**. Contato (CRP/8a Região). , v.141, p. 8 - 10, 2007.

ANEXOS

ANEXO 1 - Termo de Aceitação Livre e Esclarecida

Você está sendo convidada a participar em uma pesquisa, como colaboradora, caso seja de sua livre e espontânea vontade. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine, ao final, este documento que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra ficará com a pesquisadora.

Essa pesquisa é realizada pela pesquisadora Clélia Prestes, tem o título provisório de “Resiliência em mulheres negras: transmissão psíquica e pertencimentos”, e seu objetivo é descrever e analisar estratégias de superação de grandes dificuldades por mulheres negras.

Sua colaboração será participando de entrevistas, cada uma com duração prevista de cerca de uma hora, dependendo de sua disponibilidade. Elas serão registradas com gravador de áudio, () sem identificação da colaboradora ou () com identificação da colaboradora, de acordo com sua preferência. A gravação ficará arquivada, sob a responsabilidade da pesquisadora, com acesso restrito.

Por se tratar de uma pesquisa que pretende analisar como vivências, crenças, sentimentos, e outras informações são transmitidas entre mulheres negras de uma mesma família, de geração a geração, e qual a influência dessa transmissão no modo como cada uma supera grandes dificuldades, serão também colaboradoras, além de você, outras três mulheres negras da sua família, cada uma de uma geração. Após as entrevistas individuais, haverá uma entrevista grupal com as quatro. Trechos das entrevistas individuais poderão ou não ser expostos no grupo, de acordo com a decisão de cada colaboradora.

Depois de finalizada, a pesquisa poderá ser utilizada em eventos ou publicações científicas.

A pesquisa não pretende trazer nenhum risco a você, e nem oferece vantagem ou remuneração financeira.

É esperado que sua colaboração possa seguir até o final, mas você tem liberdade para encerrar sua participação a qualquer momento.

Durante as entrevistas, as conversas serão sobre eventos marcantes de sua vida. Será tomado o cuidado de não incentivar emoções intensas nem desequilíbrios emocionais. No entanto, caso isso ocorra por conta da entrevista, cada colaboradora

poderá entrar em contato com a pesquisadora, mesmo depois de encerrados os encontros, e esta fará encaminhamento para um serviço de psicologia, para atendimento psicológico, no Instituto de Psicologia da USP ou em outras instituições.

Em caso de dúvida sobre a pesquisa, entrar em contato com a pesquisadora, Clélia Prestes, pelo e-mail cleli@usp.br ou pelo telefone (11) 96116-5920.

Em caso de dúvida em relação aos aspectos éticos, é possível entrar em contato diretamente com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (Instituto de Psicologia - USP), na Av. Professor Mello Moraes, 1721, Bloco G, 2º andar, sala 27, Cidade Universitária, São Paulo, pelo e-mail: ceph.ip@usp.br, ou pelo telefone (11) 3091-4182.

Declaro que li e entendi os objetivos e detalhes e aceito participar deste estudo. As dúvidas foram esclarecidas pela pesquisadora responsável. Estou ciente de que a participação é voluntária, e que, a qualquer momento tenho o direito de obter outros esclarecimentos sobre a pesquisa e de retirar-me da mesma, sem qualquer penalidade ou prejuízo.

Local e data: _____

Nome da colaboradora: _____

Assinatura da colaboradora: _____

Declaro que expliquei à participante da pesquisa os procedimentos a serem realizados neste estudo, seus eventuais desconfortos, possibilidades de retirar-se da mesma sem qualquer penalidade ou prejuízo, assim como esclareci as dúvidas apresentadas.

Local e data

Clélia Prestes
Pesquisadora Responsável

Orientador:
Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos
vasconcellosesdras@usp.br

Departamento de Psicologia Social e do Trabalho - Instituto de Psicologia
Universidade de São Paulo (USP)
Av. Professor Mello Moraes, 1721, Bloco A – CEP 05508-030 – São Paulo - SP
Tel: (11) 3091-4004 / 3091-4184 – Fax: (11) 3091-4460
E-mail: ccpsicologiasocial@usp.br

ANEXO 2 - Termo de Aceitação Livre e Esclarecida

Sua filha está sendo convidada a participar em uma pesquisa, como colaboradora, caso seja de livre e espontânea vontade de ambas. Após serem esclarecidas sobre as informações a seguir, no caso de aceitarem que ela faça parte do estudo, peço que você, como responsável legal, assine, ao final, este documento que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra ficará com a pesquisadora.

Essa pesquisa é realizada pela pesquisadora Clélia Prestes, tem o título provisório de “Resiliência em mulheres negras: transmissão psíquica e pertencimentos”, e seu objetivo é descrever e analisar estratégias de superação de grandes dificuldades por mulheres negras.

A colaboração de sua filha será participando de entrevistas, cada uma com duração prevista de cerca de uma hora, dependendo da disponibilidade dela. Elas serão registradas com gravador de áudio, () sem identificação da colaboradora ou () com identificação da colaboradora, de acordo com a preferência de ambas. A gravação ficará arquivada, sob a responsabilidade da pesquisadora, com acesso restrito.

Por se tratar de uma pesquisa que pretende analisar como vivências, crenças, sentimentos, e outras informações são transmitidas entre mulheres negras de uma mesma família, de geração a geração, e qual a influência dessa transmissão no modo como cada uma supera grandes dificuldades, serão também colaboradoras, além dela, você e outras duas mulheres negras da família, cada uma de uma geração. Após as entrevistas individuais, haverá uma entrevista grupal com as quatro. Trechos das entrevistas individuais poderão ou não ser expostos no grupo, de acordo com a decisão de cada colaboradora.

Depois de finalizada, a pesquisa poderá ser utilizada em eventos ou publicações científicas.

A pesquisa não pretende trazer nenhum risco à sua filha, e nem oferece vantagem ou remuneração financeira.

É esperado que a colaboração dela possa seguir até o final, mas ela tem liberdade para encerrar a participação a qualquer momento.

Durante as entrevistas, as conversas serão sobre eventos marcantes da vida dela. Será tomado o cuidado de não incentivar emoções intensas

nem desequilíbrios emocionais. No entanto, caso isso ocorra por conta da entrevista, você poderá entrar em contato com a pesquisadora, mesmo depois de encerrados os encontros, e esta fará encaminhamento para um serviço de psicologia, para atendimento psicológico, no Instituto de Psicologia da USP ou em outras instituições.

Em caso de dúvida sobre a pesquisa, entrar em contato com a pesquisadora, Clélia Prestes, pelo e-mail cleli@usp.br ou pelo telefone (11) 96116-5920.

Em caso de dúvida em relação aos aspectos éticos, é possível entrar em contato diretamente com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (Instituto de Psicologia - USP), na Av. Professor Mello Moraes, 1721, Bloco G, 2º andar, sala 27, Cidade Universitária, São Paulo, pelo e-mail: ceph.ip@usp.br, ou pelo telefone (11) 3091-4182.

Declaro que li e entendi os objetivos e detalhes e tanto eu quanto minha filha concordamos que ela participe deste estudo. As dúvidas foram esclarecidas pela pesquisadora responsável. Estamos cientes de que a participação é voluntária, e que, a qualquer momento, temos o direito de obter outros esclarecimentos sobre a pesquisa e de ela se retirar da mesma, sem qualquer penalidade ou prejuízo.

Local e data: _____

Nome da colaboradora: _____

Nome da mãe: _____

Assinatura da mãe: _____

Declaro que expliquei à participante da pesquisa os procedimentos a serem realizados neste estudo, seus eventuais desconfortos, possibilidades de retirar-se da mesma sem qualquer penalidade ou prejuízo, assim como esclareci as dúvidas apresentadas.

Local e data

Clélia Prestes
Pesquisadora Responsável

Orientador:
Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos
vasconcellosesdras@usp.br

Departamento de Psicologia Social e do Trabalho - Instituto de Psicologia
Universidade de São Paulo (USP)
Av. Professor Mello Moraes, 1721, Bloco A – CEP 05508-030 – São Paulo - SP
Tel: (11) 3091-4004 / 3091-4184 – Fax: (11) 3091-4460
E-mail: ccpsicologiasocial@usp.br

ANEXO 3 - Questionário de Classificação Social

Iniciais:		Data:	
Sexo: () F () M		Nascimento:	
Cor/raça/etnia: () Preta () Parda () Branca () Indígena () Branca			
Escolaridade:			
Profissão:			
Ocupação:			
Religião:			
Estado civil:			
Membros da família:	Grau de Parentesco:	Data de Nascimento:	Escolaridade / Profissão / Ocupação

Moradores na casa:	
Cômodos da casa:	
Renda pessoal:	
Renda familiar:	
Pessoas que vivem com a renda familiar:	
Hábitos de lazer:	
Envolvimento com manifestações culturais negras ou de matriz africana:	
Envolvimento com manifestações políticas negras ou de matriz africana:	
Envolvimento com manifestações intelectuais negras ou de matriz africana:	
Envolvimento com manifestações religiosas negras ou de matriz africana:	
Outras observações:	

ANEXO 4 - Roteiro da Entrevista com Cena

Aquecimento

Fale sobre um dia comum em sua vida.

História da família

Conte, por favor, a história da sua família.

Evento marcado por resiliência

Relembrando os momentos mais marcantes da sua vida, escolha uma situação de extrema dificuldade, altamente estressante, complicada para resolver, e que, apesar disso, você tenha conseguido enfrentar e superar melhor que o esperado para esse tipo de caso.

- Como foi a situação?

[Locais e pessoas envolvidas, contexto, sequência de acontecimentos.]

- O que a situação provocou em você?

[Como reagiu, comportamentos, pensamentos, sentimentos.]

- Como enfrentou e superou a situação?

[Inspirações, crenças, recursos (disponíveis e utilizados), formas de enfrentamento, estratégias, resultados (benefícios e prejuízos; em você, na situação, na família, em grupos, na sociedade; na sua relação com cada esfera), lições aprendidas, mudanças (comportamentos, inspirações, crenças, pensamentos, sentimentos).]

Resiliência ao longo da vida

Relembre outros momentos marcantes da sua vida, situações de extrema dificuldade, altamente estressantes, complicadas para resolver, e que, apesar disso, você tenha conseguido enfrentar e superar melhor que o esperado para esses tipos de caso.

- De modo geral, o que essas situações provocaram em você?

[Como reagiu, comportamentos, pensamentos, sentimentos.]

- De modo geral, como você enfrentou e superou essas situações?

[Inspirações, crenças, recursos (disponíveis e utilizados), formas de enfrentamento, estratégias, resultados (benefícios e prejuízos; em você, na situação, na família, em grupos, na sociedade; na sua

relação com cada esfera), lições aprendidas, mudanças (comportamentos, inspirações, crenças, pensamentos, sentimentos).]

Famíliares negras

Agora vamos falar sobre mulheres negras da sua família.

Escolha as duas que mais influenciaram a forma como você enfrentou e superou as maiores dificuldades da sua vida. Pode escolher entre *[as coerentes para cada geração entrevistada]* sua tataraneta, bisneta, neta, filha, mãe, avó, bisavó, tataravó, outras mulheres negras da família ou ancestrais.

- Em relação à sua _____, identifique o que ficou de mais marcante para você, a partir das conversas *[se conviveu]*, convivência *[se conviveu]*, história dela, memórias e imagens.
- Como esses pontos marcantes influenciaram a forma como você enfrentou e superou as maiores dificuldades da sua vida?

[Mesmas perguntas, em relação à segunda familiar.]

Mulheres negras

Vamos falar sobre mulheres negras de modo geral.

Observando a forma como você enfrentou e superou essas dificuldades, identifique quais seriam outras influências marcantes, a partir de conversas, vivências, conhecimento de histórias, memórias, imagens, costumes, crenças, simbolismos.

- O que ficou de mais marcante para você?
- Como esses pontos marcantes influenciaram a forma como você enfrentou e superou as maiores dificuldades da sua vida?

Manifestações negras

Vamos falar sobre as manifestações negras às quais você pertenceu ou pertence.

Ainda observando a forma como você enfrentou e superou essas dificuldades, identifique quais seriam as influências marcantes, a partir de vivências, conhecimento de histórias, memórias, imagens, costumes, crenças, simbolismos, significados.

- O que ficou de mais marcante para você?
- Como esses pontos marcantes influenciaram a forma como você enfrentou e superou as maiores dificuldades da sua vida?